HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

TOMO IV.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
MDCCLXXXVII.
Com licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.
Foi taixado em 300 réis em papel.

Vende-ſe na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto a Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO XIII.

ANN. de J. C. 1550. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Noticia da morte de D. Joaõ de Caſtro trazida a Portugal cauſou muita inquietaçaõ na Corte, e poſto que elle devia confiar na grande experiencia de Garcia de Sá, que lhe ſuccedeo, com tudo a ſua grande idade cauſando todo o receio, ElRei ſe determinou a enviar hum novo Vice-Rei, cujo merecimento conhecido o podeſſe

deſ-

ANN. de J. C. 1550. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

descançar ſobre o Eſtado das Indias; onde ſe precizava d'hum homem de cabeça. Para o que pós os olhos em D. Affonſo de Noronha, filho do Marquez de Villa-Real. D. Affonſo era entaõ Governador de Ceuta; tinha-ſe diſtinguido nas guerras d'Africa, e tinha a reputaçaõ de hum bom Official.

Nomeando ElRei o Vice-Rei, augmentou as ſuas honras, e os ſeus ſoldos, deixou na ſua diſpoſiçaõ a nomeaçaõ do General do mar, e para o liſongear mais tomou o ſeu parecer ſobre os outros empregos das Indias que eraõ da nomeaçaõ da Corte, e ſó nelles proveo peſſoas do ſeu goſto. Eſtes favores foraõ contrapezados por huma eſpécie de conſelho de 10, ou 12 peſſoas que lhe nomeou, e de quem elle devia tomar os pareceres, ou quando elle os conſultaſſe, ou quando elles ſe intrometeſſem de motu proprio a dar-lhos para o bem do ſerviço. ElRei ajuntou a iſto longas inſtruçoens tocantes á Religiaõ, e á Policia, que eu teria goſto de contar, porque podem ſer uteis para todas as Colonias. Porém nada he mais ordinario do que os regulamentos das Cortes, e nada mais mal executado, principalmen-

mente nos paizes remotos. Huma circunſtancia muda tudo, e os que tem o poder na maõ achaõ ſempre pretextos muito eſpecioſos para voltarem as ordens da Corte em ſeu proprio proveito, e fazerem ſó o que lhes agrada. Tem elles quaſi a ſegurança de ſerem attendidos. E os ſubalternos naõ ignoraõ que he perigoſo o contradizelos, e ainda mais eſcrever, ſe elles o chegaõ a deſcubrir, para os acuſar, e criminar.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

O novo Vice-Rei partio de Lisboa no primeiro de Maio de 1550. com huma eſquadra de 5 navios, dois mil homens d'embarque, quazi todos os Officiaes maiores dos diverſos poſtos, e muita nobreza. Foi a jornada feliz até o cabo de Boa eſperança, aonde os navios ſe ſepararaõ. O Vice-Rei paſſando por fora da Ilha de S. Lourenço, teve os ventos de Eſte, e foi demandando a Ilha de Ceilaõ aonde chegou em Outubro. D. Alvaro da Gama e Ataide, que commandava o quinto navio, ainda que naõ pode partir ſe naõ a dezoito do mez, por ter o navio mal arrimado, e muito tombado, com tudo foi hum dos primeiros que chegou, ſeguindo a meſma derrota, e tendo ferrado o porto no

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

mesmo tempo, e fazendo a viagem; assim como a fizera em outro tempo Antonio de Saldanha. Sobre o que reparaõ os Auctores Portuguezes, pois parece que o mar acatava, e obedecia aos descendentes do Almirante descubridor da India, porque a nenhum dos Filhos, Netos, e Bisnetos deste illustre, e celebre Portuguez, que todos fizeraõ a mesma viagem, lhes succedeo disgraça alguma no mar.

O Rei de Cota recebeo o Vice-Rei com todas as honras que pode idear, e havendo-lhe representado a fidelidade comque sempre fora unido á Coroa de Portugal, empenhou-o pollos seus prezentes, e pollos seus bons modos, a prometer-lhe que mandaria hum prompto soccorro para o ajudar contra seu irmaõ, a quem a facilidade comque lhe perdoara só servira de motivo para de novo se rebellar contra elle.

De Ceilaõ, partio o Vice-Rei para Coulam, e da hi para Cochim aonde o deixámos, e aonde vimos que chegara demaziado prestes para tirar a Cabral a maior victoria que os Portuguezes podiaõ vencer n'estas Regioens. Triste annuncio dos accontecimentos de hum governo taõ mal principiado.

Naõ

Naõ ſe havendo aproveitado deſta occaſiaõ oportuna, diſpoz-ſe Noronha a partir para Goa, ſem fazer a guerra, nem a paz com os Reis alliados, excepto com o Samorim, de quem recebeo os Embaixadores; e ſem que ſe ſoubeſſem as condiçoens do tratado; nem o que ſe havia paſſado na Ilha de Ceilaõ, com hum filho de Madune Rei de Ceitavaca, a quem deo huma audiencia particular, mas ninguem della penetrou o motivo, e deciſaõ.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Proveo antes de fazer-ſe á vela para Goa os differentes poſtos, expedio os navios de Carregaçaõ, e em hum delles ſe embarcou Cabral. Deſpachou ao meſmo tempo cinco navios para o eſtreito de Méca, dos quaes deo o mando a Luiz Figueira, depois de o tirar a Jeronimo de Caſtello-Branco, o qual eſtimulado diſſo, deſafiou D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, que o havia pedido para Luiz Figueira a quem apadrinhava.

Depois de ſe deſpedir do Rei de Cochim embarcou-ſe, e vizitou de paſſagem as fortalezas de Challa, e de Cananor, deixou D. Antonio de Noronha, filho do Vice-Rei D. Garcia, com vinte embarcaçoens de remo, para

ra

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

ra cruzar na Cofta do Malabar, e dahi foi a Goa, aonde foi recebido com todas as honras, e feftejo publico, o que fempre neffas occafioens accontece aos que de novo vem.

Os Nayres apaixonados do defunto Principe de Bardella deraõ ainda hum grande attaque de repente á Cidade de Cochim, e derramaraõ muito fangue, e obraraõ grandes crueldades logo depois da partida do Vice-Rei. Acudindo porém os Portuguezes os reprimiraõ. Foi fanguinolenta a acçaõ, e nella fe perderaõ cincoenta Portuguezes. Efta foi a ultima de Cabral, e fez-fe á vela para o Reino.

Eftava renovada a guerra na Ilha de Ceilaõ. Madune, que fó havia efperado a partida do Vice-Rei, eftava na campanha, e fazia grandes deftroços. Só eftavaõ cem Portuguezes em Cota, e Columbo, ás ordens de Gafpar de Azevedo, que fervia de feitor, e Alcaide mór. O Rei logo os fez armar, e nomeou General das fuas tropas a Tribuli Pandar feu cunhado, indo efte procurar o inimigo, em varios encontros o maltratou, obrigou-o a paffar o rio de Calane, e acampou d'aquem defte rio.

Como a armada eftava ao pé, foi

foi ao acampamento o Rei de Cota, levado da curiosidade de ver comer os Portuguezes em hum terrazo ou varanda aonde estavaõ, chegou-se a huma fresta, e eisque hum tiro de arcubuz sem pontaria certa o matou. Por muito tempo foraõ tidos os Portuguezes por authores de huma taõ grande aleivosia, nem se duvida que Madune houvesse peitado alguem para similhante acçaõ. Porém para os desculpar, muito tempo depois se disse, que hum Portuguez chamado Antonio de Barcellos, confessara á hora da morte, que havia morto o Rei de Cota, por acazo, fazendo pontaria a hum pombo bravo.

Ann. de J. C. 1551.
D. JOAÕ III. REI.
D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Causou esta morte grande abalo nos espiritos, mas como se ignorava o auctor, naõ se pode pensar na sua vingança. Naõ ficou nos coraçoẽs mais do que odio, odio proporcionado a idéa do crime, e á horrivel ingratidaõ a respeito d'hum Rei como aquelle, que naõ tinha feito outra coisa, se naõ bem aos Portuguezes; mas as circumstancias em que se achavaõ os obrigou a dissimular.

Tribuli Pandar levantou logo o campo para tornar para Goa, para fazer as ultimas honras ao defunto Rei, e fazer reconhecer em seu lugar o Prin-

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Principe Dramabella o mais velho dos feus proprios filhos, que fendo nafcido d'huma irmã do Rei morto, devia fucceder-lhe, fegundo as Leis da Genecocracia eftabelecida nefta Ilha. Tinha elle já fido reconhecido em Portugal havia alguns annos. O Rei de Cota feu tio fazendo-fe vaffallo da Coroa, enviou huma eftatua que reprefentava efte moço Principe, com hum rico Diadema todo coberto de pedras, fupplicando a ElRei de Portugal que o fizeffe coroar, e confirmar como feu herdeiro ligitimo, e a ceremonia foi feita em Lisboa, com muito eftrondo, e apparato.

Ifto naõ impedio Madune para fe fazer herdeiro. Pretendeo que o Reino lhe eftava devoluto pela morte de feu irmaõ, com preferencia a feu fobrinho. Solicitou o efpirito dos grandes, porém inutilmente. Tribuli Pandar feito primeiro Miniftro, e achando-fe na frente de hum exercito, fuftentou os direitos de feu filho pela via das armas, e o fez com fortuna.

Com tudo inftruido o Vice-Rei d'efta revoluçaõ, e obrigado pelo novo Rei, a hir foccorello, pôz no mar huma poderofa armada para paffar para á Ilha de Ceilaõ. Moftrou bem pe-

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

pela sua conducta, que tinha sido levado menos pela justiça da causa d'este Principe, do que por huma avareza insaciavel; de que se acharáõ poucos exemplos similhantes. Porque apenas desembarcou em Columbo, começou a fazer violentas inquiriçoens para descubrir onde estavaõ os thesouros do Rei defunto, como se elles lhe pertencessem de direito. Naõ sendo satisfeita a sua avida curiosidade meteo em ferros os principaes Modeliares, ou Fidalgos do Reino, e á força de tratos, e tormentos procurou tirar d'elles hum conhecimento que naõ tinhaõ.

Esta barbara conducta alienou furiosamente os animos, e obrigou mais de 600. dos principaes a passar para o campo inimigo. A pezar d'isto naõ achando o que procurava, fez dar busca ao Palacio do Rei, e lhe fez tirar todo o oiro, prata, joias, e pedras que alli se acharaõ. A quantia só do dinheiro amoedado passou de cem mil cruzados, fora o que se desencaminhou.

Depois d'huma taõ violenta extorsaõ, que naõ podia ser ordenada por algum titulo decente, o Vice-Rei tirou ainda a este desgraçado Principe 200ꝰ Pardáos em compensaçaõ das des-

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

despezas que tinha feito para esta guerra, cem mil pagos logo, e os outros cem mil depois, sem limitaçaõ de termo, com tanto que fosse regulado, que elles ajuntassem as suas tropas para hirem combater Madune, o qual naõ abandonariaõ sem o fazerem presioneiro, ou sem o destruirem inteiramente. Foi outro sim regulado que o Vice-Rei repartiria igualmente com o Rei os despojos que tirassem do inimigo.

Em execuçaõ d'este tratado, o Rei de Cota vendeo logo as joias, e pedras preciozas, a baixela d'oiro, e prata do seu serviço, e que tinha salvado do roubo do seu Palacio com este pretexto. Disto fez 80☩ Pardáos, que deo ao Vice-Rei, que com isto se contentou por entaõ.

O exercito composto de 4☩ Ilheos, e de 3☩ Portuguezes, que tinhaõ o Rei de Cota, e o Vice-Rei na sua frente, se pôz em marcha. Os desfiladeiros em que Madune se tinha fortificado, foraõ tomados por viva força, e este Principe obrigado a salvarse nas montanhas acompanhado sómente de cem homens. A Cidade de Ceitavaca naõ tendo o seu Rei para a defender, abrio as suas portas ao Vice-Rei, que fazendo-as logo fe-

char

char, a entregou ao ſaquo como ſe tiveſſe ſido tomada por aſſalto. Alojou-ſe depois no Palacio do Rei, onde fez o meſmo que tinha feito nos de Cota, e de Columbo. Saqueou do meſmo modo o Pagode, que tinha n'outro tempo reſpeitado, e que eſtava cheio de riqueſas immenſas em Idolos de ouro, e de prata, carregados de pedraria, e outros moveis do meſmo metal, e valor deſtinados para os ſacrificios, e ſerviço do Templo. Tudo foi carregado nos livros de conta do Eſtado; porém d'hum modo groſſeiro, e confuzo, e que dava hum vaſto campo para ſatisfazer o intereſſe peſſoal á cuſta do ſenhor, a quem moſtravaõ atribuilo.

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Metade da pilhagem pertencia de direito ao Rei de Cota, conforme o ajuſte feito; porém achavaõ meio de o fruſtrarem em tudo, com o pretexto de terem eſgotado o theſouro das Indias, com a poderoſa armada, que tinhaõ feito a fim de o ſoccorrer. Em fim eſte pobre Principe pedindo, que ſegundo o tratado lhe deſſem 500 homens para ſeguir Madune, que ſem ceſſar naõ deixava de ſe reſtabelecer, e de tornar a começar a guerra com mais força que nun-

Ann. de J. C. 1553.

D. Joaõ III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

nunca, recuſaraõ-lhos, por elle naõ eſtar em eſtado de pagar os 20$ Pardáos, que faltavaõ para os cem mil que devia dar logo. O Vice-Rei com eſte pretexto julgou ter direito de faltar á ſua palavra, e fingindo eſtar com preſſa de hir dar ordens aos Navios de tranſporte, que deviaõ partir para Portugal, tomou o caminho de Columbo. Deixou 200 homens em Cota para guarda da Cidade, e da Ilha, e nomeou Alcaide Mór a Fernando Carvalho, que devia reſidir em Columbo.

Antes de ſe embarcar o Vice-Rei quiz ſer pago dos 20$ Pardáos que ſe lhe naõ deviaõ, fez toda a diligencia para apanhar Tribuli Pandar, pai do Rei, o qual ſendo diſto aviſado ſe ſalvou. Em falta d'eſte D. Affonſo fez prender o Vigario Geral, que foi apanhado ſó, e a quem fez reſponſavel deſta ſoma. O Vigario para ſahir da priſaõ, foi obrigado a vender hum cinto d'oiro por 5$ pardáos que entregou, e fez huma obrigaçaõ pelos outros 15$.

Finalmente Noronha quiz ainda antes de partir obrigar o Rei a fazer-ſe Chriſtaõ, como ſe tudo o que elle acabava de fazer naõ deveſſe ter dado a eſte Principe a maior averſaõ d'huma Religiaõ taõ dezacreditada por peſ-

ɔas cujos exceſſos faziaõ horror aos
ıeſmos Gentios, e barbaros. Porém
ſte Principe eſcuſando-ſe por eſtar
ıal ſeguro em hum Trono ainda vaci-
ınte, e attacado por hum competidor
ıl como ſeu Tio, e que obraria contra
ɔdas as leis da politica, e ſe exporia
huma revoluçaõ inevitavel, deo-lhe
ɔm tudo por fiador da boa vontade
ue tinha hum dos ſeus parentes que
lle pôde fazer Chriſtaõ. O Vice-Rei
provou as ſuas raſoens, trouxe com-
go o parente, que lhe deo por pe-
hor, e o fez paſſar para Portugal, don-
le depois de ſe ter baptiſado, tornou
ɔara ás Indias, e ſe eſtabeleceo em
Goa.

Ann. de J. C. 1553. D. Joaõ III. Rei. D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Joaõ Henriques, a quem o Vi-
e-Rei tinha deixado, quando partio, a
ɔrdem d'apanhar o pai do Rei, e de o
ɛnviar a Goa ſem outro motivo que
ɔ de o reſgatar, tentou no principio
azelo com deſtreza; porém o Rei
ɥue penetrou as ſuas intençoens, lhe
ogou, que quizeſſe ſuſpender huma tal
ɔrdem, e que fizeſſe attençaõ ſó á cir-
cunſtancia dos tempos: Que ſeu pai
eſtava actualmente com o Principe de
Corlas ſeu primo, com quem tratava
ɔ ſeu cazamento com a filha d'eſte
Principe. Que com o favor deſta al-
li-

ANN. de J. C. 1553. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

liança tudo ſe reuniria contra Madune, que tinha entrado nos ſeus Eſtados, e ameaçava a huma nova guerra. Henrique era homem de bem, capacitou-ſe d'eſtas razoens, e deo hum ſalvo conducto para o pai do Rei, que voltou logo para Cota, donde reſolveo marchar ao inimigo para o impedir de ſe fortificar mais.

Morrendo Henrique neſta viagem, Diogo de Mello, que tomou o ſeu lugar, ſem tomar os ſeus ſentimentos, naõ teve reſpeito algum á alliança feita; e attrahindo o pai do Rei a Cota na boa fé, o meteo em ferros na torre onde guardavaõ a polvora. Tres dias depois deſta priſaõ, Duarte Deçà, de quem já temos falado, e que fez depois tanto mal ás Molucas, tomando o Governo, a mãi do Rei, mulher de grande valor, e que indignada do tratamento feito ao ſeu eſpozo tinha ſahido de Cota, e tinha levado tropas, procurou no principio tratar amigavelmente do ſeu livramento. Porém Deça longe de eſcutar as ſuas propoſiçoens, fez-lhe a ſua priſaõ mais cruel. O Rei, e a Rainha naõ ſe deſcorſoaraõ, e crendo que ſe Tribuli Pandar ſe fizeſſe Chriſtaõ, ſeria hum meio ſeguro de o tirar dos ferros,

ro-

rogaraõ aos Padres de S. Francifco que trabalhaffem na fua converfaõ. Eftes Portuguezes cheios de zelo fe empregaraõ nifto com todo o feu coraçaõ, e o baptizáraõ em fegredo, com medo que Deça fe oppozeffe a ifto. Com effeito indignou-fe tanto, quando foube o que fe tinha feito, que augmentou o pezo das cadeas ao feu prefioneiro, prohibio aos Padres de S. Francifco que o viffem, e o teve muito mais fechado.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

A Rainha mãi recorreo entaõ ao artificio. Seduzio alguns Portuguezes á força de dinheiro. Eftes fazendo rebentar huma mina da parte do Convento dos Francifcanos, tiraraõ o pai do Rei da fua efcravidaõ. Tanto que elle efteve em liberdade, pôz-fe na frente das tropas, que a Rainha fua efpofa lhe tinha preftes, efpalhou-fe como huma torrente fobre toda a Cofta de Galle, abateo todas as Igrejas, paffou á efpada todos os Ilheos Chriftaõs que lhe cahiraõ nas maõs, queimou hum navio d'hum Portuguez que eftava no eftaleiro prompto para fer deitado ao mar, e fe pôz em eftado de fazer guerra aos Portuguezes a ferro, e a fogo.

Deça abifmado deftes progreffos

ANN. de J. C. 1553.
D. JOAÕ III. REI.
D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

teve mais facilidade em efcutar as reprefentaçoens do Rei de Cota, que lhe fez comprehender o perigo em que o metia de perder huma Coroa que confervava a fé, e homenagem da de Portugal, e o prejuizo que d'iffo refultaria ao Rei feu Senhor, e a todos os da fua naçaõ. A paz foi feito, e jurada, e logo o Rei fez contar a Deça mil crufados em confequencia da obrigaçaõ que efte contractou de lhe dar 50. homens. Porém Deça ao ajuftar, e ao receber offereceo fó 20 para os quaes fez novas extorfoens, e naõ os deo.

O que entaõ houve de mais terrivel he, que no mefmo tempo Deça fe ajuftou com Madune, que o tinha corrumpido com os feus prezentes. O negocio naõ foi taõ fecreto, que o Rei de Cota naõ foffe d'iffo avifado, o que o obrigou a retirar as fuas tropas por temor d'alguma traiçaõ. Com tudo o pai do Rei vendo efta intelligencia do commandante Portuguez, e de Madune, e temendo fer a victima, procurou reconciliar-fe com efte ultimo, e fez hum tratado com elle, pelo qual devia efpofar huma filha de Madune, que era viuva, e efta tinha huma filha, que havia cafar com o feu fi-

filho ſegundo, irmaõ do Rei de Cota. O Rei de Cota ſabendo deſte tratado ſe afligio muito, vendo-ſe abandonado de ſeu proprio pai, e ſentia bem que ſeu pai reduſido a huma triſte ſituaçaõ trabalhaſſe menos na ſegurança da ſua peſſoa, do que a meter-ſe elle meſmo no perigo de ſer deſapoſſado dos ſeus Eſtados. Porém eſte tratado naõ ſe effectuou por entaõ: a velha Rainha, avo do Rei, e mái de Madune, lhe impedio a execuçaõ, indo ella meſma procurar Tribuli Pandar, a quem fez comprehender as conſequencias terriveis d'huma alliança taõ perniciosa.

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Fernando Carvalho, que ſuccedeo a Duarte Deça, naõ ſe comportou melhor do que elle, porque recebendo quinhentos cruſados para dar 50 ſoldados, negou os ſoldados, e naõ reſtituio o dinheiro que tinha recebido. O Rei de Cota naõ deixou de continuar a guerra, desbaratou Madune ſem o ſoccorro dos Portuguezes, e o obrigou a recorrer á ſua clemencia; ao que ſe ſeguio a paz entre eſtes Principes, e cazamentos de que o projecto ſe tinha quebrado.

ElRei D. Joaõ III. indignou-ſe muito com a conducta que o Vice-

Ann. de J. C. 1553.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Rei tinha tido a reſpeito do Rei de Cota, e ſobre as queixas que eſte Principe lhe tinha feito, ordenou que tudo lhe foſſe reſtituhido. Eſta era ſó huma pequena parte da juſtiça que lhe devia ſer feita, e pode ſer que neſta occaſiaõ ſe poderia aplicar o que diſſe o Sophi a hum Embaixador d'ElRei de Portugal na ſua Corte. „ Elle lhe „ preguntou: a quantos Vice-Reis, e „ Governadores ElRei ſeu Senhor ti- „ nha feito cortar a cabeça? e ſobre „ iſto o Embaixador lhe reſpondeo que „ elle naõ tinha uſado deſta ſeveri- „ dade com algum; ſendo aſſim, acreſ- „ centou elle, naõ conſervará muito „ tempo o que adquirio com tanto tra- „ balho. „

Eſte caſtigo taõ leve foi cauſa de que eſta meſma ordem foſſe tam mal executada, que o Rei de Cota naõ cobrou 20∯ Pardáos ſe naõ em differentes termos, e que lhos davaõ com huma maõ para lhos tornarem a tomar com a outra com uſura. Foi igualmente cauſa que os Commandantes que ſe ſuccediaõ huns aos outros em Ceilaõ, aproveitando-ſe d'huma parte do máo exemplo do Vice-Rei, e da outra contando com a fraqueſa, ou eſpécie de diſſimulaçaõ do governo

que

que naõ ſabia punir taõ grandes exceſſos, excediaõ muito os ſeus predeceſſores em materia de roubos, de injuſtiças, e de perfidias. Com effeito Affonſo Pereira de Lacerda, que veio depois de Fernando de Carvalho, ſe ajuſtou ainda mais claramente com o inimigo, recebendo dinheiro de duas partes, e Madune que era por extremo meigo, e velhaco, dirigio os negocios com tanta habilidade, que fazendo guerrear pelas ſuas intrigas aos Portuguezes com os ſeus amigos, e ſeus aliados, excitou entre elles huma guerra civil, onde teve o goſto de os ver brigar, e ſe deſtruirem mutuamente, e augmentar as eſperanças, que tinha concebido de expulſar huns, e ſubmeter inteiramente os outros.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA, VICE-REI

O Vice-Rei eſtando para tornar da ſua viagem de Ceilaõ para Cochim alli ſoube, que o Rei de Cambe, hum dos 18 Principes confederados do Malabar, retardava a carga dos navios, que deviaõ tornar para Portugal, occupando os rios, e correndo ſobre todos os que traſiaõ mercadorias para Cochim. O negocio parecendo d'hum exemplo perigoſo, e d'huma grande conſequencia para o futuro, reſolveoſe

Ann. de J. C. 1553.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

ſe no Conſelho, que marchariaõ inceſſantemente contra eſte Principe, e que ſe naõ pouparia nada para o deſtruir. Depois deſta reſoluçaõ o Vice-Rei tomou todas as pequenas embarcaçoens que pôde achar, e formando huma armada de 4$ Portuguezes, foi procurar o inimigo que tinha hum campo de 30$ homens, com os quaes tentou em vaõ impedir o deſembarque. A vanguarda Portugueza commandada por D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, fazendo recuar os inimigos, e ganhando o terreno, todo o reſto deſembarcou ſem trabalho. Alli houve com tudo hum combate mui vivo, oude foraõ mortos quaſi quarenta Portuguezes, entre os quaes ſe acharaõ algumas peſſoas de diſtinçaõ. O exercito victorioſo fez eſtrago, ſaqueou as Cidades, e principalmente os Pagodes, cortou os páos das palmeiras, e deſſolou as terras. Depois o Vice-Rei, contente da ſua expediçaõ, ſe retirou para Cochim, d'onde partio depois para Goa, deixando em Cochim D. Fernando de Menezes ſeu filho com 500. homens, ſubſtituindo a ſeu ſobrinho D. Antonio de Noronha, por cauſa d'huma ferida que recebeo neſta ultima acçaõ, outro D. An-

Antonio de Noronha filho do Vice-Rei D. Garcia, para commandar no seu lugar a armada que andava á corso sobre a Costa do Malabar.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Com tudo Luis de Figueira que tinha sido enviado com sinco fustas para o Estreito para ter noticias dos Frotas dos Turcos, deixando escapar a occasiaõ de combater hum celebre Armador Turco chamado Zafar, que corria estes mares com sinco galiotas, o encontrou depois para sua infelicidade. Figueira attacou-o com hum valor que o corsario naõ pôde deixar de admirar; porém sendo abandonado no combate pelos Capitaens das outras quatro fustas, foi morto, e a sua fusta tomada pelo inimigo. Estes Portuguezes que fugiraõ entaõ, mostraraõ que naõ eraõ da tempera dos homens, que tinhaõ combatido debaixo dos Albuquerques, e que as Indias os tinhaõ amolecido mais, que os soldados d'Anibal o tinhaõ sido com as delicias de Capua. Hum d'elles naõ ousando mais tornar ás Indias, foi deitar-sé sobre as Costas da Abissinia, onde entrou no serviço do Imperador da Ethiopia. Os outros tendo o animo de virem a Goa, foraõ presos, e livres por tempos; porém

Ann. de J. C. 1553. D. João III. Rei. D. Afonso de Noronha Vice-Rei

rém viveraõ ſempre depois no deſprezo da ſua naçaõ, que naõ ſofre os fracos. Com tudo tiveraõ pouco depois companheiros da ſua infamia por hum caſo todo ſimilhante.

Solimaõ Imperador dos Turcos, hum dos maiores Principes que tiveraõ os Muſulmanos, altivo com as proſperidades d'hum longo Reino, e dos progreſſos rapidos que tinha feito nas tres partes do antigo Mundo, eſtava muito attento a adiantar as ſuas conquiſtas da parte da Arabia, e da Perſia. A tomada d'Adem o tinha infinitamente liſongeado: quaſi no meſmo tempo os ſeus Generaes ſe tinhaõ apoderado de Baçorá para ſima da embocadura do Tigre, e do Euphrates, o que lhe tinha feito conceber a eſperança de ſe fazer Senhor de todo o Golfo Perſico. No fim do Vice-Reinado de D. Joaõ de Caſtro era que os Turcos tinhaõ entrado neſta ultima praça pelo favor d'alguns Principes Arabes. Os Portuguezes ſentiraõ entaõ de que conſequencia lhes era ter por viſinho hum inimigo taõ poderoſo; porém elles deſprezavaõ tomar as medidas neceſſarias para os apartarem. A tomada de Catiſe, que o Bachá de Baçorá to-

tomou do mesmo modo por via de intelligencia secreta, os despertou. O mal os feria entaõ de mais perto. A praça pertencia entaõ ao Rei d'Ormuz. Este Principe alli perdeo huma grande renda, e devia temer a Ilha de Baharem.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

Este Principe em fim, e D. Alvaro de Noronha Governador d'Ormuz deraõ logo o aviso da tomada d'esta praça ao Vice-Rei que recebeo no mesmo tempo Embaixadores do Rei de Baçora, o qual juntamente com alguns Principes Arabes inimigos dos Turcos, tinha formado hum campo de 30$ homens, e o solocitava para se ajuntar a elles, com promessa, que s'elle o restabelecesse na sua Capital, elle lhe cederia a Fortaleza da entrada do Porto, e ametade do producto do rendimento das Alfandegas. Lisongeado com estes offerecimentos vantajosos, o Vice-Rei despachou seu sobrinho D. Antonio de Noronha, a quem deo 1$200 homens, sete galioens, e quarenta e duas embarcaçoens a remos.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Chegando D. Antonio a Ormuz, alli tomou ainda tres mil homens dos vassallos do Rei, que foraõ commandados por Rais Seraph seu primeiro Mi-

Ann. de J. C. 1553.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Miniſtro. A guarniçaõ de Catife ſe defendeo bem por oito dias; porém vendo as brechas feitas, e naõ ſe julgando em eſtado de ſupportar hum aſſalto, ſahio de noite ſem que foſſe percebida a ſua retirada, ſe naõ quando naõ era já tempo de a ſeguirem. Sendo tomada a praça aſſim ſem efuſaõ de ſangue, foi deſtruida, porque o Rais Seraph naõ ſe quiz obrigar a defendela, e a ter nella guarniçaõ. A precipitaçaõ comque fizeraõ rebentar as minas, fez comque cuſtaſſe a vida a 40 Portuguezes, entre os quaes ſe acharaõ muitas peſſoas de conſideraçaõ.

De lá D. Antonio fez derrota para Baçorá, e a teria tomado infallivelmente a naõ ſer hum eſtratagema do Bachá que alli commandava. Porque em quanto D. Antonio eſperava na embocadura do Eufrates, a reſpoſta das cartas que tinha eſcrito ao Rei de Baçora, e aos Principes Arabes ſeus alliados, eſte habil homem, que tinha occupado todas as paſſagens por onde elles podiaõ ter communicaçaõ, apanhou as cartas de D. Antonio, e contra fez logo outras em nome do Rei da Baçorá, e dos Principes alliados, por onde moſtra-

rava que todos os Principes da mef-
na Religiaõ d'elle, fe ajuftavaõ com
lle para lhe entregarem D. Antonio,
todos os Portuguezes; e que por
fta mefma caufa, tinhaõ enviado
s fuas cartas originaes.

Ann. de J. C. 1553.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

O Bachá fez ler eftas cartas em
ublico, de modo que dois moços
talianos efcravos as poderaõ ouvir,
er, e reconhecer o fello, e a letra
le D. Antonio. Deixando depois efca-
ar eftes dois efcravos por defignio,
orém fem que pareceffe favorecer a
ua fugida, eftes fe refugiaraõ em cafa
le D. Antonio a quem avifaraõ de
udo. D. Antonio, e o feu Confe-
ho defconfiaraõ que alli podia haver
lgum eftratagema da parte do Bachá,
u alguma perfidia da parte dos defer-
ores. Porém eftes defertores deraõ
provas taõ autenticas da fua boa fé,
e reconheceraõ diftintamente a letra,
e o fello de D. Antonio confundi-
dos com muitos outros, que naõ jul-
garaõ fer prudente paffar á vante. Af-
fim o Bachá alcançou o fim que fe
tinha propofto, e D. Antonio deixou
a mais bela occafiaõ de tomar Baço-
rà, fem que lhe podeffem imputar que
niffo tiveffe culpas.

O Bachá naõ deixou de dar avi-
fo

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

ſo logo á Porta de tudo o que ſe tinha penſado. Solimaõ pondo o negocio em deliberaçaõ no Divan, deo depois ordens de armar 25 galeras em Suez, de que deo o commando a hum Official de reputaçaõ, chamado Pirbec. Eſte recebeo ordem em particular de fazer toda a diligencia poſſivel de conduſir as galeras do mar Roxo no Golpho Perſico, ſem cometer hoſtilidades em parte alguma, principalmente contra os Portuguezes, aos quaes elle devia pelo contrario procurar ocultar-ſe ſe foſſe poſſivel, até á ſua chegada a Baçorá, onde acharia novas inſtruçoens. Eſtas inſtrucçoens enviadas ao Bachá da Baçorá, traziaõ ordem a eſte Bachá que juntaſſe as ſuas forças ás de Pirbec, que foſſem juntos com o maior ſegredo poſſivel, pôr cerco defronte d'Ormuz, e naõ deſiſtirem d'elle ſem que a praça foſſe tomada.

A noticia dos preparativos que faziaõ em Suez ſe eſpalhou logo até Ormuz, e depois ás Indias, onde cauſou hum grande rumor. Com tudo Pirbec fez a deligencia que lhe tinha ſido preſcrita, porém executou mal as ſuas ordens no mais: e ou porque foſſe picado do ciume de o ſubmete-

rem

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAŌ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

em ao Bachá da Baçorá, ou porque e deixasse possuir da inveja de fazer resa, ou porque se julgasse em estao elle só, de executar grandes coisas que lhe podiaō ser comitidas, foi ahir sobre Mascate, e de pois de 18 ias de cerco, Joaō de Lisboa que alli ommandava com 60. Portuguezes lhe ntregou a praça, com condiçoens que barbaro naō cumprio, fazendo-os ôr a todos a ferros, de pois de lhe rometer a liberdade.

Sobre a relaçaō que fizeraō as orvetas que tinhaō enviado ao descorimento da chegada dos Turcos a Iascate, a confuzaō foi taō grande m Ormuz, que a Cidade foi quasi ogo abandonada. Os habitantes mais cos se retiraraō á Ilha de Qeixome, u para ás terras, porém com tanta recipitaçaō, que deixaraō a maior arte dos seus effeitos. No que toca o Rei, se pôz em coberto na Foraleza, com as suas mulheres, seus lhos, e os seus principaes Ministros.). Alvaro de Noronha, tinha muniiado bem a praça, e se achava ter erto de 900 homens para a defenlerem.

Pirbec chegou poucos dias depois, achando a Cidade desemparada, saque-

Ann. de J. C. 1553.
D. João III. Rei.
D. Affonso de Noronha Vice-Rei

queou-a, e a arruinou. Começou depois o cerco da Fortaleza, lançou as linhas, e levou os ſeus reductos, preparou as ſuas battarias, e fez hum grande fogo d'artilheria. Reſponderaõ-lhe da praça com o meſmo vigor, e ainda com mais felicidade pela habilidade d'hum meſtre artilheiro que apontava taõ juſto, que dava na boca do canhaõ do inimigo, e fez rebentar muitos em pedaços, e deſcavalgou outros muitos.

Os dois partidos inimigos naõ conheciaõ as ſuas forças. Pirbec julgava os Portuguezes muito mais fracos, e os Portuguezes ſupunhaõ os Turcos muito ſuperiores ao que eraõ, ſegundo o ordinario dos que tomaõ medo, e que engroſſaõ ſempre a ſi meſmo os objectos. Tanto que foraõ inſtruidos d'huma parte, e d'outra, Pirbec vio que ſó faria inuteis esforços, e D. Alvaro de Noronha teve muito trabalho para conter a ſua gente, pela pouca ſubordinaçaõ que havia na milicia Portugueza, coſtumada a amotinar-ſe quando a prudencia queria pôr algum obſtaculo ao ardor temerario, que a arrebatava nas occaſioens de adquirir gloria.

Antes de levantar o cerco, Pirbec enviou hum trombeta ás portas

da

da Fortoleza, para tratar do resgate dos Portuguezes apanhados em Masca-te. Este trombeta era hum Comitre Italiano, que condusia comsigo a mulher de Joaõ de Lisboa, e dois velhos, de quem ella tinha sido confiada, e que tinhaõ sido presos com ella em huma *Terrada*, onde o seu marido a tinha embarcado antes do cerco para a salvar. Pirbec fazia d'elles hum presente por civilidade ao Governador, como tambem de dois marinheiros que tinhaõ ficado presos entre dois remos da galera, que tinha dado cassa a huma das curvetas do descobrimento.

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

D. Alvaro que naõ sabia a necessidade em que se tinha achado Joaõ de Lisboa, e que o tinha obrigado a renderse, naõ quiz resgatar os prisioneiros, nem aceitar o prezente que Pirbec lhe fazia desta mulher, e dos velhos, para castigar n'ella a fraquesa de seu marido. No que toca aos marinheiros que naõ eraõ culpados, elle os recebeo e recompensou o prezente por outros que enviou ao General, e com que Pirbec ficou muito satisfeito: porém como da sua parte, elle julgou injuriozo tornar a receber huma dadiva que tinha offerecido, fez ex-

Ann. de J. C. 1553.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

expôr na praça a mulher, e os velhos, que foraõ nesta occasiaõ mais obrigados aos sentimentos d'honra deste Turco, do que á humanidade do Governador. Pirbec fez-se á vela para á Ilha de Queixome. Naõ o esperavaõ alli, onde fez huma preza imensa, e de lá continuou a sua derrota para Baçorá.

O Vice-Rei avisado por muitas partes differentes da marcha dos Turcos, e depois do cerco d'Ormuz, se dispôz a hir pessoalmente para o fazer levantar, e combater a frota Ottomana. A em que elle se embarcou constava de 80 velas, entre as quaes havia 30 navios grossos. Porém tanto que chegou a atravessar Diu receбeo cartas muito circunstanciadas de D. Alvaro, que o avisava de se ter levantado o cerco, e da retirada de Pirbec. Sobre isto convocando o conselho, julgaraõ conveniente que o Vice-Rei retrocedesse o caminho, e acrecentaraõ, que bastava enviar huma esquadra para guardar as gargantas do Golpho Persico. O Vice-Rei voltou para Goa, e enviou seu sobrinho D. Antonio de Noronha, com 12 Galioens, e 20 embarcaçoens ligeiras, com ordem de crusar nestas gargantas até

ao

Ann. de J. C. 1553.

D. João III. Rei

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

ıo mez d'Abril, depois do que, elle ļevia hir ſubſtitur D. Alvaro de No-ronha no ſeu governo d'Ormuz, e leixar o commando da ſua Eſquadra a Diogo de Noronha Corcós.

D'outra parte o Bachá da Baçorá ormou ſuas queixas á Porta, ſobre conducta de Pirbec, e ſobre a ſua leſobediencia. Naõ ignorando Pirbec ſerviço que o Bachá lhe tinha feito, aõ julgou conveniente eſperar alli a eſpoſta d'huma Corte, que fazia pou-o caſo da vida dos ſeus Governado-es. Perſuadio-ſe, que como ſe ti-ha enriquecido de mais de hum mi-haõ, o ſeu dinheiro lhe abriria as ortas da clemencia do Principe, e que deixariaõ por hum numero de bol-as, e os preſentes ſecretos, que fa-ia aos Miniſtros. Tornando em fim partir com toda a ſua preza, que ıeteo em tres galeras ligeiras, che-ou em pouco tempo a Suez, eſca-ando á frota de D. Antonio de No-onha, que a obſervava, e á de D. 'edro d'Ataide, que cruſava perto do ſtreito de Meca. Paſſando de lá a Conſtantinopla com a meſma diligen-ia, onde chegou muito depreſa para eu damno; porque o Gram Senhor ue fazia mais caſo da obediencia, que

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

deviaõ ás ſuas ordens, do que a tudo o mais, lhe fez cortar a cabeça.

Hum mez antes da chegada de Pirbec a Conſtantinopla, houve hum grande rebate que apreſſou a ſua ruina. Eſte rebate foi cauſado pelas noticias, que tinhaõ chegado no meſmo tempo de Baçorá, e do Cairo, duas poderoſas frotas, que os Portuguezes tinhaõ poſto no mar, das quaes huma devia cruſar no Golfo Perſico, e a outra junto do eſtreito de Meca, de modo que o Gram Senhor, receando o Sepulchro de Mafoma, fez partir logo hum Official com ordem de hir tomar a Baçorá 15 galeras da frota de Pirbec, e de vir guardar as gargantas do mar Rouxo. Eſte Official chamado Morad-beg, era o meſmo que tinha ſido obrigado a abandonar o poſto de Catife a D. Antonio de Noronha. O dezejo que tinha de recobrar a ſua honra, lhe fez ſolicitar eſta comiſſaõ em Conſtantinopla junto do Gram Senhor, elle a conſeguio pelo favor, e protecçaõ de alguns Bachás ſeus amigos.

Morad-beg fez huma das mais extraordinarias diligencias para hir a Baçorá, onde chegou no fim de Julho de 1552. Aprontou logo 15 galeras, que

que forneceo de provisoẽs, da melhor artilheria, e da melhor gente. Diogo de Noronha da sua parte; que tinha succedido a D. Antonio, e reunio á sua frota a de D. Pedro d'Ataide, se fez á vela no principio do mesmo mez. As suas curvetas noticiando-lhe a partida das galeras de Baçorá, levou ancora, e passando da Costa da Arabia á da Persia no Golfo, elle as encontrou, e começou a varejalas, sem ousar com tudo chegar a abordagem, porque ellas se formavaõ muito perto da terra. As galeras da outra parte respondiaõ perfeitamente com a sua artilheria, e mosquetariá, de modo que o Galiaõ do General furado aõ lume d'agua, hia á pique, e elle foi obrigado pelos rogos dos seus Officiaes, a passar para outro.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Para maior infelicidade calou o vento pelas dez horas da manhá, e toda a frota se vio em calmaria podre, os navios apartados huns dos outros, sem poderem manobrar nem soccorrer-se. Morad-beg aproveitando-se da sua superioridade investio o Galiaõ de Gonçalo Pereira Marramaque, que se achava separado dos outros hum tiro de canhaõ. Rodean-

Ann. de J. C. 1553. D. João III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

do-o as galeras, fizeraõ ſobre elle hum taõ grande fogo, que o crivaraõ, levaraõ-lhe todas as ſuas guarda-fogos, ſua maſtreaçaõ, ſeu caſtelo de proa, e poupa, de modo que naõ lhe reſtava mais que a carcaſſa. Pereira ſe defendia como hum Heróe, e animava toda a ſua gente, da qual naõ havia ninguem, que naõ eſtiveſſe cuberto de feridas, como elle.

Neſte tempo, Diogo de Noronha ſe deſeſperava, e arrancava a barba, e os cabellos, lançavaſſe contra á ponte, como hum homem fora de ſi. O vento naõ refreſcou ſe naõ ſobre a tarde. Morad-beg contente da ſua Jornada, tocou á retirada, e tomou o Euphrates, onde a frota Portugueza o naõ pôde ſeguir, e Noronha foi obrigado a tornar para Ormuz, ſem ter feito outra couſa mais do que dar caça a hum navio, que Pirbec tinha tomado aos Portuguezes, até encalhar, e ſe deſpedaçar.

1552. 1553. 1254.

Ainda que foſſe bela a acçaõ de Morad-beg, a Porta lha tomou mal por naõ ter paſſado á vante, para hir ao lugar a que era deſtinado. Alechelubi famoſo Corſario acreditado neſta Corte, homem poderoſamente rico, e que tinha ſido recebedor da Fazen-

da

da no Cairo, querendo ter esta commissaõ, reprehendeo altamente a escolha que tinhaõ feito de Morad-beg, dizendo: „ Que naõ deviaõ ter esperado outra coisa d'hum homem, que „ tinha defendido taõ mal Catife, e „ o tinha abandonado, taõ cobardemente. „ O favor, e o credito que elle tinha, fez com que pozessem nelle os olhos, para reparar as culpas dos seus predecessores, e se foi á Baçorá.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, que tinha sido enviado neste anno de 1554. para crusar perto do estreito de Meca, com ordem de tornar depois d'hum certo tempo a Ormuz, para vigiar sobre estas galeras, fez taõ boa guarda, que foi instruido a proposito da sua marcha; e Bernardino de Sousa que tinha succedido a D. Antonio de Noronha no governo d'Ormuz, concertou-se de tal modo com o General, que depois que as galeras entraraõ no Golfo Persico, Sousa foi occupar a emboccadura do Euphrates com hum galiaõ, e 4, ou 5 navios mercantes, que tinha armado á sua custa, a fim de lhes fechar a passagem, e a esperança do retorno, no cazo que D. Fernando po-

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

podeſſe cortar-lhes o caminho, e obrigalos a retroceder.

Com tudo as galeras paſſaraõ o eſtreito d'Ormuz, e entraraõ no mar da Arabia. D. Fernando pondo-ſe no ſeu ſeguimento as acuou junto de Maſcate, onde lhes apreſentou batalha. Alechelubi moſtrou recuzala, e ſe meteo com a terra o mais que pôde. A armada Portugueza o tinha como fechado. Toda a dificuldade conſiſtia em dobrar hum cabo. Alechelubi o dobrou com as nove primeiras galeras, naõ obſtante o grande fogo dos Portuguezes, porém as outras ſeis ficaraõ cortadas. Ellas foraõ logo abordadas pelas caravelas, de que algumas foraõ quaſi encalhar com a intençaõ de as afferrarem. Em fim depois d'hum combate muito cruento, foraõ tomadas. Depois d'eſta perda, Alechelubi naõ ouſando mais tomar a derrota de Suez, e de Conſtantinopla, onde teria pagado com a ſua cabeça, fez a de Cambaia, ſeguido ſempre pelas caravelas, que naõ deixaraõ de lhe dar caça. Sete d'eſtas galeras tendo entrado no Porto de Surrate, alli foraõ fechadas por Jeronimo de Caſtello-Branco, Nuno de Caſtro, e Manoel de Maſcarenhas, que as tiveraõ bloqueadas

das

das, até que por hum ajuſte feito com Caracem, Commandante de Surrate, ellas foraõ deſalvoradas, e deſpedaçadas, no governo de Franciſco Barreto. As outras duas perſeguidas por D. Fernando de Monrroi, e Antonio de Valadares, foraõ obrigadas a ſe hirem encalhar na Coſta de Damaõ, e de Daru, onde ſe deſpedaçaraõ. De ſorte que deſtas galeras naõ eſcapou huma, e D. Fernando de Menezes por eſta bela victoria, reparou bem a deſaventura que tinha tido defronte da Cidade d'Offar, donde os Fartaques o tinhaõ obrigado a ſe retirar com vergonha, e com perda.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Os Principes alliados do Malabar eſtavaõ ſempre em armas, e deſolavaõ inteiramente o commercio, de modo que os navios de tranſporte naõ podiaõ fazer a ſua carga, e eraõ obrigados a voltar quaſi em vazio, ou a ſe fretarem para os intereſſes dos Particulares, o que fazia grande prejuizo aos intereſſes da Coroa. O Vice-Rei recebendo fortes queixas quando chegou a Baçaim, na ſua vinda de Diu, e do expediçaõ d'Ormuz, deſpachou á Cochim Franciſco Barreto para reprimir a ouſadia d'eſtes Principes. Barreto fez tudo o que dependia d'hum ho-

Ann. de J. C. 1554. D. João III. Rei. D. Afonso de Noronha Vice-Rei.

homem habil, porém hum só Capitaõ Malabar de Naçaõ, e Christaõ de profissaõ, chamado Vasco, pôz toda a sua prudencia, e todas suas forças em disgraça. Cochim consiste em terras alagadiças, e em huma infinidade de Ilhotas, fechadas por muito pequenos canaes: este homem que sabia perfeitamente o labarinto, alli fazia o officio de Partidario com pequenos caturs armados; corria sobre todos os bateis que trasiaõ especiarias, e os tomava: tinhaõ enteresse de o apanhar, mas escapava por todos estes desfiladeiros, com huma tal felicidade que se achava em toda a parte onde tinha preza que fazer, e desaparecia aos olhos de todos os que o procuravaõ, o que punha Barreto em desesperaçaõ.

Quasi no mesmo tempo hum Pirata Turco, alcançando Provisoens do Samorim para andar á corso, armou 14 embarcaçoens, e foi cahir sobre os Paravás nas Costa da pescaria, onde S. Francisco Xavier tinha formado huma taõ bela Christandade. Tinha tomado Punical, onde commandava Manoel Rodriguez Coutinho, que tinha ás suas ordens huma guarniçaõ de 70 Portuguezes. Estes depois de terem obra-

óbrado com valor tudo o que poderaõ, ſe retiraraõ para hum Naique da viſinhaça, que violando a reſpeito d' elles a fé publica, os meteo todos em ferros. A noticia deſta diſgraça vindo a Cochim, excitou a compaixaõ de todos por eſta pobre Chriſtandade, que o Carſario tyraniſava tambem, em razaõ da Religiaõ, mais que pelos ſeus bens. Naõ ſabiaõ que remedio fizeſſem a eſte mal, o theſouro eſtava vazio, e a Camera naõ eſtava em eſtado de fazer huma armada. Gil Fernandes de Carvalho, ainda todo brilhante com a gloria que acabava de ganhar em Malaca, a qual tinha ſalvado pela bela victoria que conſeguira dos Javas, ſe offereceo com muito zelo a fazer a armada á ſua cuſta, com tanto que lhe forneceſſem navios. Aprontaraõ-lhos; as ſuas liberalidades fizeraõ o reſto, e foi logo preſtes. O inimigo, que elle encontrou, teve logo ſobre elle huma vantagem. O navio de Lourenço Coelho tocou ſobre huma ponta, que Carvalho naõ pôde dobrar. Todos os do navio foraõ paſſados á eſpada á ſua viſta, ſem que elle os podeſſe ſoccorrer; porém naõ ſem vingarem elles meſmos a ſua morte, combatendo

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

to-

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

todos como defesperados. No dia feguinte, que foi o da Affumpçaõ, o Corfario lhe offereceo peffoalmente o combate. Brigaraõ d'ambas as partes com todo o calor poffivel: porém Carvalho foi de tal modo vencedor, que os inimigos ficaraõ inteiramente deftruidos. O perfido Naique foi mais facil em fe ajuftar fobre o refgate dos feus prefioneiros, e Manoel Coutinho reftabelecido no feu pofto, recobrou tambem huma grande parte dos effeitos, que o Corfario lhe tinha tirado.

A pouca felicidade que tinha Barreto em Cochim obrigou o Vice-Rei a hir lá peffoalmente. E para efte effeito pôz no mar huma poderofa armada, e apenas fe fez á vela, foi encontrado pela de Diogo de Noronha, que voltava d'Ormuz, e condufia comfigo Gonçalo Pereira Marramaque, o qual fe tinha defendido muito bem contra as galeras de Morad-beg. Fizeraõ diverfos confelhos para faberem de que modo poderiaõ haver-fe para foccegarem os Principes confederados, e concluiraõ em fazerem eftrago em certas Ilhas do Principe de Bardelle, que chamavaõ as Ilhas mergulhadas. Fizeraõ-no com toda a paixaõ, e animofidade a mais inflamada. Gomes da

Sil-

Silva foi deixado para continuar a guerra depois da partida do Vice-Rei. Este fez as cousas com menos gente, e pode ser com mais vantagem; porque alli se portou com mais moderaçaõ, e menos violencia. Obrigou o inimigo a pedir paz, que lhe concederaõ com as condiçoens que lhe quiseraõ impôr.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Apenas os negocios estavaõ acabados naquella parte quando se levantaraõ novos em outra parte. Sultaõ Mahmud Rei de Cambaia, fazendo-se odiozo pelas suas tyranias, foi assacinado por hum dos Fidalgos da Corte, em que elle mais confiava. Hum filho foi alçado depois d'elle ao Trono. Madre-Maluco tomou a Regencia, e a tutela d'este Principe. Muitos Fidalgos descontentes tomaraõ d'isto occasiaõ de se sublevar, para se fazerem independentes. Abix-Caõ Abexim de Naçaõ, que commandava em Novadaguer pelo Rei de Cambaia, no destricto de Diu, foi hum d'aquelles, e em lugar de buscar como bom politico, para si a proteçaõ dos Portuguezes que tinha em seu poder, começou a inquietalos. Naõ o corregindo nada as queixas que lhe fizeraõ, chegaraõ á acçoens. D. Diogo d'Almei-

Ann. de J. C. 1554. D. Joaõ III. Rei. D. Afonso de Noronha Vice-Rei

meida Governador das Fortalezas, fez huma irrupçaõ na Cidade na frente de 500 homens, e a entrou, e ſaqueou, e a encheo de ſangue, e mortandade. Abix-Caõ ficando mais prudente por eſta execuçaõ militar, entrou hum pouco em ſi meſmo, pedio perdaõ, alcançou-o, e ſe moſtrou por algum tempo taõ agradecido, quam pouco o tinha ſido antes.

D. Diogo d'Almeida acabava de entrar neſte governo, quando foi deſapoſſado por huma ordem da Corte. Huma mercê que ElRei lhe tinha feito, porém com alguma reprehenſaõ, o tinha picado. Eſtava já embarcado, e prompto para ſahir do porto de Lisboa. Teve o atrevimento de eſcrever a ElRei d'hum modo improprio a hum vaſſallo. ElRei naõ o quiz punir entaõ. Deixou-o partir. Porém no anno ſeguinte enviou ordem ao Vice-Rei para o privar de todo o emprego, e de ſignificar-lhe da ſua parte, que elle o tinha feito riſcar da liſta da ſua Caſa, e dos ſeus Officiaes. Belo exemplo para enſinar a todo o vaſſallo, de que modeſtia deve uſar a reſpeito do ſeu Soberano.

D. Diogo de Noronha Corcós, que tinha ſuccedido a Almeida, naõ foi

'oi mais ſofrido do que elle. Os
Mouros, e principalmente os Abexins
ırrenegados, tornando a começar as
ſuas inſolencias, ſahio elle com 600
ıomens, e os obrigou a deſam-
ɔarar a Cidade. Cid-Elal que alli
:ommandava por Abix-Caõ, ſe ti-
ıha fortificado em hum poſto muito
ɔem defendido: porém o poſto eſtan-
lo quaſi para ſer eſcalado, foi ren-
lido por ajuſte, e os ſitiados foraõ
elices em ſahirem com vida ſalva.
Abix-Caõ correo a ſoccorrer os ſeus
:om 4ↀ homens muito tarde para el-
es, e muito depreſſa para perturbar
ı vantagem, que Noronha tinha con-
eguido. Porque D. Diogo enviando
ıo encontro do inimigo Fernando
Caſtanhoſo, com 120 homens para o
leter, eſte partio como louco, ſem
ɛſperar que vieſſe toda a ſua gente.
Trezentos cavalos que faziaõ a van-
guarda inimiga, o pozeraõ inteiramen-
e em deſordem, que tocando á reti-
la, ſe vio reduſido a 17 homens,
que foraõ todos degolados com elle.
Diogo de Noronha com eſta noticia
leixando-ſe tranſportar da colera,
: d'huma cega temeridade, Luiz Ca-
ɔral feitor o agarrou, rogando-lhe
que conſideraſſe o perigo a que ſe
hia

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

hia expôr elle, e a Fortaleza. „ Se eu morrer, disse bravamente, que me importa o que acontecer depois de mim? Esta palavra inconsiderada lhe custou o Vice-Reinado das Indias. Porque sendo contada na Corte quando se tratava delle para este emprego, ella impedio de o nomearem. Com tudo D. Diogo tendo sahido, e fazendo attacar os trezentos cavallos, elles se retiraraõ. Elle mesmo, tornado hum pouco do seu transporte, fez tocar á retirada, e depois de ter feito arruinar o posto, que os inimigos tinhaõ fortificado, fez fechar as portas da Cidade, e dispôz a gente e a artilheria sobre as muralhas, e com isto rompeo todas as medidas de Abix-Caõ, que se apresentou no outro dia muito inutilmente.

D. Affonso de Noronha tinha tido o governo dos negocios por quatro annos, sem ter respondido á grande idéa que d'elle tinhaõ concebido, quando a Corte lhe enviou hum successor, cujo merecimento era capaz de fazer sombra a qualquer outro. Era este D. Pedro Mascarenhas que tinha concorrido para o governo das Indias com Lopo de Sampaio, e que depois de ter sido longo tempo o terror

D. PEDRO MASCARENHAS VICE-REI.

ror dos Mouros em Affrica, no governo de Azamor, veio em fim fazer naufragio fobre as Coftas de Portugal, e morrer onde julgava achar a fua falvaçaõ, e o feu defcanço.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. PEDRO MASCARENHAS VICE-REI.

O Vice-Reinado das Indias, que podia fer para outro qualquer huma grande recompença, foi para efte huma difgraça, e huma efpecie de defterro. Encarregado da educaçaõ do Infante D. Joaõ herdeiro de Portugal, o caracter de fuas virtudes accommodando-fe pouco com a idade d'hum Principe, que começava a levantar-fe, defagradou pelo mefmo motivo que lhe devia fazer o merecimento para com o Rei. As Indias abriraõ huma porta honrada para o apartarem. Elle fe efcuzou pela fua idade de 70 annos. As fuas reprefentaçoens, e as lagrigrimas da fua efpoza foraõ inuteis, e elle foi obrigado a fazer hum novo facrificio da fua obediencia.

Chegou a Goa, para alli morrer hum anno depois de ter entrado na poffe do feu Vice-Reinado. E nefte pouco tempo naõ fez mais do que começar os negocios, que Francifco Barreto, o qual tomou o governo depois delle por ordem das fucceffoens, foi obrigado a feguir. Eu aca-

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

acabarei aqui o que lhe diz respeito, pelo elogio d'este grande homem, o qual deixou para sempre a reputaçaõ de ter sido hum dos Cavalleiros mais completos, hum dos maiores Capitaens, hum Embaixador dos mais magnificos, hum dos melhores juizos para o conselho, hum modelo das virtudes para educar hum Principe, e além d'isto com muita gravidade, e hum Christaõ taõ exacto nas suas obrigaçoens, que a inveja mesma naõ tinha que reprehender nelle. Hum só exemplo provará a magnificeucia das suas Embaixadas. Contaõ d'elle, que tendo a honra de dar de jantar ao Imperador Carlos V., e á Rainha d'Hungria sua Irmá, e a muitos outros Principes, e Senhores d'esta Corte, toda a lenha que se queimou nas Cameras, e nas cosinhas era de páo de Canella. As suas Embaixadas foraõ ainda mais uteis, que esplendidas, por ser elle quem procurou S. Franscisco Xavier para ás Indias. E as Indias para lhe darem o reconhecimento, que elle merecia, confessaraõ que se o seu governo tivesse mais tempo, alli teria restabelecido todas as coisas no pé em que deviaõ estar para o bem da Religiaõ, e do Estado.

Bar-

Barreto era digno pelo ſeu alto
naſcimento, e pelas ſuas virtudes do
poſto em que entrava; a eſcolha que
a Corte tinha feito d'elle foi aplau-
dida com juſtiça. A primeira couſa
que elle fez foi prova d'iſto. Porque
tomou logo na ſua protecçaõ todas
as creaturas, e os domeſticos do ſeu
predeceſſor, e confirmou tudo o que
elle tinha feito. Exemplo tanto mais
belo, por naõ ter tido até entaõ ou-
tro ſimilhante.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

A doçura que elle gozava nos
primeiros comprimentos foi perturba-
da por hum accidente que lhe cauſou
muito diſgoſto. Na veſpera de S. Joaõ
hum foguete atirado por acazo cahio
ſobre os galioens que eſtavaõ no Ar-
ſenal, e eſtavaõ cobertos de palha.
O fogo ſe ateou com tanta prontidaõ,
e foi tambem favorecido pelo vento,
que queimou dez. Barreto lhe acudio,
e fez tudo o que ſe pode humanamen-
te fazer neſta occaſiaõ. Animou toda a
gente pelas ſuas liberalidades, e pelas
ſuas ordens. E ſe naõ pôde impedir
todo o mal, impedio ao menos que ſe
eſtendeſſe a todo o reſto da frota. Eſ-
tes dez galioens eraõ a eſperança de
toda a India. Barreto ſe aplicou a re-
parar a perda, e elle o fez tambem

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

que no fim do ſeu governo, que fo de tres annos, elle tinha a armada mai bela, e mais numeroſa, que os Portuguezes tiveraõ neſtes paizes. Suſ peitaraõ que o Idalcaõ tinha feito eſ te damno: porém diſto nunca tiveraõ provas, e depois deſcubriraõ o auto inocente.

O Idalcaõ eſtava entaõ em guer ra com os Portuguezes, e tinha lu gar de ſer d'elles deſcontente. Ell os tinha ſempre poupado muito, e eſ tes o tinhaõ ſempre enganado con as apparencias d'hum maior entereſſe Os ſeus vaſſallos deſcontentes com el le ſe tinhaõ ſoblevado no tempo d Vice-Rei D. Pedro Maſcarenhas, para terem hum motivo de juſtifica rem a ſua revolta, lhe tinhaõ envia do huma Embaixada, a fim de lh pedirem Meale-Caõ, que queriaõ reſ tabelecer ſobre hum Trono uſurpad pelo Idalcaõ. Meale retirado em Go em huma decente priſaõ, liſongead com a eſperança de reinar, offerecia territorio de Conçaõ, e todas as ſua rendas, que chegavaõ a hum milhaõ Hum proveito taõ poderoſo, fez qu acceitaſſem as propoſiçoens dos conju rados, e Meale foi declarado Rei d Viſapur. Enviaraõ logo tropas par to-

tomarem Pondá, cujo Governador naõ entrava na conjuraçaõ. A praça foi abandonada na ſua chegada, depois d' hum ligeiro combate, e Meale foi levado a Pondá com toda a magnificencia poſſivel pelo Vice-Rei em peſſoa, e entregue nas maõs dos ſeus ſequazes, que o conduſiraõ a Bilagam, onde o coroaraõ com muita pompa ſegundo os ſeus uſos.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

A morte de Maſcarenhas ſeguindo-ſe proxima a eſte ſucceſſo, Barreto foi a Pondá, onde Meale veio tambem da ſua parte para confirmar o tratado feito com o Vice-Rei. O Governador depois deſta conferencia voltou para Goa, deixando D. Fernando de Monrroi em Pondá para o guardar; e D. Antonio de Noronha ſobrinho de D. Affonſo para ſe eſtabelecer nas terras de Conçaõ, e perceber os direitos d'ellas, o que o embaraçou com hum Official do Idalcaõ que alli eſtava para receber os meſmos direitos, e ſobre o qual elle conſeguio algumas pequenas vantagens.

A fortuna de Meale paſſou como hum relampago. O Idalcaõ ganhando Inelmaluco Chefe dos conjurados, eſte eſteve no ponto de o matar ou de o entregar. Porém Salabatecaõ, entre

Ann. de J. C. 1555.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

as maõs de quem Meale tinha ſido entregue pelo Vice-Rei, lhe falou taõ fortemente, que impedio o effeito deſta traiçaõ. Com tudo Idalcaõ deſcorçoado pelas demoras d'Inelmaluco, ſolicitava occultamente o Rei de Narſinga para lhe dar ſoccorro. Eſte Principe quiz entrar na conjuraçaõ para ſe vingar do Idalcaõ; porém os conjurados naõ o quizeraõ, com o temor do que ſendo muito poderoſo naõ ſe fizeſſe ſenhor de tudo. O Rei de Narſinga eſcandaliſado do meſmo modo contra elles, poz em pé hum poderoſo exercito em favor do Idalcaõ, e o entregou ao commando d'hum de ſeus irmaõs. Eſte uſou de tanta diligencia, que os conjurados ſurprendidos, e vencidos, antes de ſe acharem em eſtado de ſe opporem, ſe ſepararaõ, e ſe retiraraõ cada hum com as ſuas familias para huma parte, e para outra á ventura. O de Narſinga vencedor ſem efuſaõ de ſangue, naõ tendo nada que fazer, ſe retirou tambem depois de ter recebido do Idalcaõ hum milhaõ para ás deſpezas da guerra. Meale, Inelmaluco, e Salabatecaõ naõ ſe julgando ſeguros nos Eſtados do Idalcaõ, paſſaraõ para os de Nizamaluco depois de alcançarem hum ſalvo con-

du-

ducto. Porém este Principe, contra a fé dada, seduzido pelo seu primeiro Ministro, fez morrer Inelmaluco, e Salabatecaõ. O Ministro tinha dado as mesmas ordens para matar Meale sem o saber Nizamaluco; porém a mai de Nizamaluco descubrindo-lhe os procedimentos do seu Ministro, e fazendo-lhe conhecer quanto seria odioso para elle ter feito morrer hum Principe fugido, que lhe era taõ proximo pelas razoens do sangue, e contra a protecçaõ que lhe tinha dado, as ordens foraõ revocadas, e Meale tratado com o respeito que convinha á sua dignidade, posto que sempre presioneiro.

Ann. de J. C. 1555.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Este Catastrophe de Meale sabendo-se em Goa, Barreto temeo bem que tivesse que combater todas as forças do Idalcaõ irritado. Com effeito soube ao mesmo tempo, que já as suas tropas se avançavaõ, e engrossavaõ todos os dias, pelo que temendo que acontecesse alguma desgraça a D. Fernando de Monrroi, e a D. Antonio de Noronha, lhes enviou ordem, que viessem a Goa, e abandonassem os seus postos. Elle mesmo se adiantou com tropas para os sustentar. Monrroi, e Noronha obedeceraõ com trabalho ao segundo avizo que o Gover-

ANN. de J. C. 1555.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

vernador lhes fez; porém em fim obedeceraõ, e se retiraraõ em boa ordem á vista do inimigo, que naõ ousou perturbalos na sua retirada.

D. Alvaro da Silveira, que o Governador enviou entaõ para crusar sobre a Costa do Malabar, fez huma guerra viva ao Samorim. Occupou no principio a entrada dos rios para lhe cortar as provisoens de boca; e depois correndo a Costa, fazia desembarques já em huma parte, já em outra, queimando as povoaçoens, cortando os bosques das palmeiras, e fazendo por toda a parte a destruiçaõ impunemente pelo cuidado que tinha de segurar a sua retirada com duas companhias de cem besteiros cada huma, que postava para favorecer o embarque. Fazendo-se sentir a fome em pouco tempo, os Gentios foraõ os primeiros que se queixaraõ dos Mouros, que eraõ sempre os autores da guerra, e represeritaraõ tambem a sua miseria ao Samorim, que este Principe fez pedir paz a Silveira, que o remeteo ao Governador; ao qual elle foi obrigado a enviar Embaixadores. Silveira suspendeo desde entaõ as suas hostilidades contra elle, e se aproveitou da tregoa para hir punir a Rainha d' Ol-

Olla, que havia alguns annos que naõ pagava o ſeu tributo. Elle lhe ſaqueou, e queimou em parte a Cidade de Mangalor com dois celebres Pagodes, depois do que voltou a ajuntar ſe com o Intendente da Fazenda, que o Governador tinha enviado com os ſeus plenos poderes para concluir a paz, que foi feita em prezença do Samorim com as meſmas condiçoens com que tinha ſido feita com eſte Principe no tempo do Vice-Rei D. Affonſo de Noronha.

Ann. de J. C. 1555. D. JOAÕ III. REI. FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Miguel Rodrigues Coutinho fez as meſmas deſtruiçoens ſobre as Coſtas do Idalcaõ, que Silveira tinha feito ſobre as do Samorim, e tomou particularmente hum belo navio do Idalcaõ vindo de Meca ricamente carregado, o que irritou de modo eſte Principe, que elle tomou deſde entaõ a reſoluçaõ de fazer guerra aos Portuguezes com todas as ſuas forças.

Com tudo Barreto, depois de ter expedido muitas eſquadras, de que falaremos depois, para differentes partes, partio elle meſmo com huma frota de 150 velas, a mais bela que ſe podia ver, e tomou a derrota de Chaul, d'onde foi depois a Baçaim. Como ignoravaõ os projectos que elle ti-

Ann. de J. C. 1555. D. João III. Rei.

Francisco Barreto Governador.

tinha, correo o rumor de que elle naõ tinha outro mais que o de ſe moſtrar com todo o luſtro da ſua gloria neſta praça de que tinha ſidò Governador particular. Cuſtou iſto caro a D. Joaõ d'Ataide pelo dizer muito livremente. Tinha elle ſuccedido a Bernardino de Souſa morto no governo d'Ormuz, e naõ ſe portou alli tambem que naõ lhe podeſſem formar reprehençoens, que lhe podiaõ ſer communs com outras muitas. Barreto picado das relaçoens que lhe tinhaõ feito, lhe fez fazer o ſeu proceſſo, e o deſapoſſou do ſeu governo por cauſas ligitimas na verdade; mas que eſtavaõ ſazonadas com o odiozò goſto da vingança.

Diogo de Noronha foi a Baçaim para conferir com Barreto ſobre o diſignio ſecreto que o tinha guiado. Diſſe razoens taõ fortes para o deſviar, que a empreſa foi abandonada, e naõ foi tornada a tomar ſe naõ no tempo do ſucceſſor de Barreto, como o direi a ſeu tempo. Com tudo para que eſta grande armada naõ pareceſſe ſer feita para nada, ſe apoderaraõ ſem darem tiro dos poſtos d'Aſſarim, e de Manora, que eſtavaõ na juriſdiçaõ da Cidade de Damaõ, e favoreciaõ as correrias, que os rebeldes de Cambaia faziaõ

aõ fobre o territorio de Baçaim.

Em quanto o Governador Geral ftava em Baçaim, lhe vieraõ Embaiadores do Rei de Cinde chamado or corupçaõ Rei de Dulcinde. Efte rincipe, cujos Eftados eftavaõ na vinhança de Diu, pedia foccorro cona hum vifinho poderofo: prometia igar as defpezas da guerra, e dar randes vantagens aos Portuguezes ıra o commercio nos feus Eftados. Governador lhe enviou Pedro Barto Rolim com huma frota de 28 Emırcaçoens, e 700 homens de defemırque. Porém efte Principe nefte inrvalo tendo-fe accommodado com o u inimigo naõ tratou mais que de dirtir Pedro Barreto, e naõ quiz our mais falar nas obrigaçoens que tiıa tomado de pagar as defpezas. arreto diffimulou por algum tempo, pezar da infolencia da fua gente, ıe lhe reprehendia abertamente a fua aqueza: mas em fim, depois de ter ito commodamente as fuas provifoens ıra o retorno, Barreto fe vio obriıdo a attacalo. Tomou logo huma lefquita, e depois a Cidade de Ta-, que os feus faquearaõ com incrivel ıror, naõ perdoando mefmo aos aniaes. Dizem que alli morreraõ, quafi oi-

Ann. de J. C. 1555.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1555. D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

oito mil almas, ſem que iſto cuſtaſſ aos Portuguezes mais do que algun feridos. Affirmaõ que as riquezas qu foraõ conſumidas pelo fogo paſſava de dois milhoens, ſem falar da preſ que foi immenſa. Depois d'eſta expediçaõ fizeraõ duas iguaes ſobre a duas bordas do rio quando ſe retiraraõ, e deixando por toda a parte terriveis ſignaes da ſua paſſagem, e d ſua furia. Eſta retirada foi dificil; porém pela boa conducta do Chefe, ſahiraõ d'ella com honra, e naõ deixaraõ huma ſó povoaçaõ em pé, até a forte de Baradel, que eſtava á entrada do rio, e que elles eſcalaraõ, e trataraõ como tinhaõ feito a todo reſto.

Huma furioſa tempeſtade vingou tantas mortes, e tantos roubos. Barreto Rolim foi obrigado a deitar a mar todos os deſpojos de tantos lugares aſſolados, e teve todos os trabalhos poſſiveis para ganhar Chaul onde achou novas ordens do General para hir ajuntar-ſe com Antonio Brandaõ, e queimar a Cidade de Dabul, que pertencia ao Idalcaõ, ao qual a guerra eſtava abertamente declarada. A Cidade fez no principio reſſiſtencia, porem Antonio Brandaõ fazendo lançar fogo

a

alguns bairros, para impedir os seus
ue se divertissem com a pilhagem,
s habitantes vendo o fogo a abando-
araõ. Entaõ os soldados sempre famin-
os do sangue, se espalharaõ pelas ruas
casas, e achando só mulheres, e rapa-
es que naõ poderaõ salvar-se, fezeraõ
aõ grande mortandade, que o sangue
orria em ribeiros. Depois de acaba-
em de queimar, e roubar a Cidade
zeraõ o mesmo a huma bela Mesqui-
a, que estava no sima d'hum Monte.
, em quanto Brandaõ continuou a
evar a dissolaçaõ pelo longo dos rios,
da Costa, Barreto Rolim foi a Goa
ara receber os aplausos d'estas barba-
as execuçoens.

Ann. de J. C. 1555.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Os movimentos que fazia o Idal-
aõ para tornar a entrar nas terras de
Conçaõ, de Bardes, e de Salsete,
hamaraõ o General, que partio de Ba-
aim com precipitaçaõ, e antes de pôr
é em Goa, girou em torno da Ilha:
nviou D. Pedro de Menezes á For-
aleza de Rachol, e proveo em to-
las as passagens, deixando em todas
orpos de tropas, e navios bem ar-
nados para as defenderem. Com tudo
o Idalcaõ ainda mais irritado depois
la ruina de Dabul, ajuntou hum exer-
ito de 20$ homens, de que deo o
go-

Ann. de J. C. 1556.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

governo a Nazermaluco hum dos seu Generaes. Nazermaluco se avançou para Pondá com o grosso do seu exercito em quanto Moratecaõ entrava nas terras de Bardes. Barreto, que conheceo que se elle deixava esfriar este negocio, elle gastaria todo o inverno, e teria Goa sempre em afliçaõ, resolve fazer hum esforço, e de hir pessoalmente ao inimigo, e de o combater.

Pondo finalmente em pé hum exercito de 3ↀ Portuguezes, mil Malabares d'Infantaria, e duzentos cavallos, foi procuralo até Pondá por caminhos desviados, e o achou acampado fora da Fortaleza, que o flanqueava de hum lado, e hum bosque que lhe defendia o outro lado. Na frente tinha hum fosso de quasi sinco palmos de largo. Chegando a infantaria á borda do fosso, e naõ podendo passar, correraõ pelo longo, respondendo sempre ao fogo do inimigo. Vendo Barreto este movimento, do qual naõ comprehendia a razaõ, se apressou a acudir com a rectaguarda, e a cavalaria, e o fez com tamanho ardor, que naõ percebeo o fosso, se naõ quando estava inteiramente sobre a borda. E bem que conhecesse entaõ todo o perigo, dá fortemente de esporas, e o sal-

ſalvou. A nobreza que o acompa-
ava ſeguio eſte exemplo, que naõ foi
ualmente felis para todos: deo depois
m tanta furia ſobre o inimigo que
pôz logo em deſordem. Sobrevindo
Infantaria, que tinha hido tomar
volta, Nazermaluco naõ podendo
ſiſtir contra o valor de tropa taõ
ſoluta, fez tocar á retirada, meten-
-ſe ás terras ſem ouſar entrar na
rtaleza. Temendo Barreto algum
gano n'huma fugida taõ deſconcer-
da reteve tambem os ſeus: fez arra-
r a Fortaleza, e naõ tendo mais que
zer n'aquella parte, voltou para Goa
lo caminho ordinario arrombando to-
s as trincheiras, que o inimigo ti-
a feito para o demorar na ſua mar-
a. Nazermaluco ſabendo da partida
General, tornou a Pondá, e traba-
ou em reſtabelecer a Fortaleza. As
opas do Idalcaõ naõ poderaõ com
do fazer grandes progreſſos, por
uſa d'huma diverſaõ, que o obrigou
dividir as ſuas forças.

ANN. de J. C. 1556.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

1556. 1557.

Nizamaluco, hum dos ſinco tyra-
nos que tinhaõ repartido o Reino de
ecaõ, tinha morrido no anno ante-
edente, depois de 58 de reinado. Os
utores Portuguezes fazem hum gran-
e elogio d'eſte Principe, que nos re-
pre-

ANN. de J. C. 1557.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

presentaõ como hum dos grandes ho
mens, que tiveraõ as Indias, e er
que viaõ huma muito bela uniaõ d
virtudes naturaes, e politicas. Poſt
que tiveſſe algumas differenças com c
Portuguezes, os tinha ſempre amad
pela inclinaçaõ que tinha aos eſtrar
geiros que ſe lhe uniaõ com goſto
naõ poupando nada para os conſerva
no ſeu ſerviço. Tinha entre outrc
hum Portugues arrenegado chamado S
maõ Peres, que os meſmos Autore
nos pintaõ como hum homem illuſ
tre por mil belas acçoens, e a quer
nada podiaõ reprehender, mais do qu
ter renunciado a ſua Religiaõ, qu
amava com tudo de modo, que prote
gia particularmente todos os deſertc
res Chriſtaõs que a naõ abjuravaõ, de
prezando os imitadores da ſua perf
dia. Nizamaluco o tinha feito ſeu pri
meiro Miniſtro, General dos ſeus exe
citos, e tinha-ſe feito taõ poderoſo
que eſtava em eſtado de ſuſtentar
ſua cuſta hum exercito de 12ф hc
mens. Eſte Monarcha ſentindo apro
ximar-ſe a ſua ultima hora, e tend
nelle toda a ſua confiança, lhe re
comendou a peſſoa do Principe ſe
herdeiro, pedindo-lhe que o eſtabeleceſ
ſe ſobre o Trono, e que o conſervaſ
ſe

contra os outros Senhores do Esdo, que o amor da novidade naõ eixaria d'armar em favor dos outros maõs d'efte moço Principe. Peres xecutou fielmente as ordens de feu enhor : foccegou todos os rebeldes, e fentou o legitimo herdeiro pacificaente fobre o Trono.

Ann. de J. C. 1557.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

O novo Nizamaluco focegado na offeffaõ dos feus Eftados, fez alliança om Cotamaluco para hir attacar junmente com elle huma praça do Idalõ. Com o favor defte tratado, Mea- foi folto, e entregue tambem aos ortuguezes. Com tudo as armas dos ois Principes alliados naõ foraõ felies. Tinhaõ já feito huma grande brea na praça; porém fendo alli mor- Simaõ Peres os fitiantes perderaõ animo, e fe retiraraõ com perda de ℔ homens.

Ainda que o Idalcaõ teve lugar e fe contentar com efta felicidade, om tudo, ou porque tomaffe novas ofpeitas a refpeito de Meale, ou porue com effeito os mefmos feus Caitaens o advirtiffem de que naõ eftaaõ em eftado de fazerem grandes rogreffos, elle confentio entaõ de oa mente na paz, que foi feita nos ıefmos termos em que eftava antes o principio defta guerra. A

ANN. de J. C. 1558.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

A esta paz do Idalcaõ succede huma inquietaçaõ no espirito do Governador General a qual pensou accender humá nova guerra entre elle, e o novo Nizamaluco. Barreto temendo que se as galeras Turcas viessem da India naõ teriaõ abrigo no rio de Chaul, e desconfiando da fraqueza da Fortaleza, quiz fundar outra sobre hum outeiro que se avança para o mar, e domina a Cidade. Porém como elle o naõ podia fazer sem a permissaõ de Nizamaluco, deste lugar enviou huma Embaixada solemne a este Principe, com ricos prezentes para lhe fazer o requerimento. A proposiçaõ espantou Nizamaluco. Porque temeo que lhe quizessem pôr hum novo freio, e que o pretexto da nova Fortaleza naõ encobrisse o disignio que o Governador poderia ter de estabelecer os direitos de entrada, e sahida neste porto, o que seria privalo dos seus milhores rendimentos. Assim em lugar de reposta, lhe reteve o Embaixador, e enviou Farratecaõ, General das suas tropas, com 30ↀ homens, a fim de fazer construir para si mesmo huma Fortaleza, no mesmo lugar em que os Portuguezes tinhaõ disignio de a fazer. Farratecaõ

ti-

inha ordem de naõ cometer hoſtilida-
es contra os Portuguezes da antiga
'ortaleza, nem contra os que eſtavaõ
ſtabelecidos na Cidade.

Ann. de J. C. 1558.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Garcia Rodrigues de Tavora, Go-
ernador da Fortaleza de Chaul, aſuſ-
ou-ſe vendo chegar eſtas tropas, e
i os hábitantes penſavaõ refugiar-ſe
m outra parte. Com tudo a condu-
ta pacifica de Farratecaõ os deſaſom-
rou logo. Com tudo Tavora aviſou
General do que ſe paſſava. Barreto
ſtava entaõ ocupado em fazer prepa-
ır huma pequena frota, que devia
ir invernar á Ormuz, e guardar a
ntrada do Golfo Perſico. Mudou el-
e logo a ſua diſpoſiçaõ, e ordenou
Alvaro Peres de Sotto-Maior chama-
o para á commandar que foſſe a Chaul,
impediſſe o progreſſo da obra co-
ıeçada. Sotto-Maior executa a or-
em, chega, e bombardea dos ſeus ga-
oens os trabalhadores. Duas galeras
obrevieraõ no dia ſeguinte, e fize-
ıõ ainda maior mal, porque ſe che-
avaõ mais facilmente á terra. Em
im Barreto veio elle meſmo com hu-
ıa frota muito numeroza de embar-
açoens de toda a eſpécie. O inimi-
;o naõ queria guerrear, e enviou gen-
e para ſe concertarem. O trombeta

ANN. de J. C. 1558. D. JOAÕ III. REI. FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

disse da parte de Nizamaluco seu Senhor: „ Que elle era amigo d'ElRei „ de Portugal, e dos Portuguezes, que „ tinha herdado sentimentos do seu pre- „ decessor, o qual tinha dado em Chaul „ o lugar para se fundar a Fortaleza „ que elles alli tinhaõ; e que naõ re- „ vogava esta doaçaõ, porém que ti- „ nha tido razaõ de temer, que os Por- „ tuguezes querendo construir huma „ nova Fortaleza, naõ tivessem inten- „ çaõ de lhe impôr hum jugo, e de „ se fortificarem contra elle mesmo, „ para o privarem dos direitos da en- „ trada, e sahida que lhe pertenciaõ „ a elle só como soberano, assim co- „ mo elles tinhaõ usado n'outras par- „ tes. „

Como estas razoens eraõ justas, naõ tinhaõ alli nada que replicar. Em fim convieraõ d'ambas as partes, que disistiriaõ da obra começada, e que nenhum dos dois partidos fundaria naquelle lugar. Por este meio a paz foi restabelecida, sem que o Governador tivesse alcançado o que tinha pretendido.

Barreto revolvia na sua mente hum grande projecto, que tinha sido o fim dos trabalhos em todo o seu Governo, e para o que tinha posto no

ɔ mar hum numero de navios taõ
:ande, que o Idalcaõ vio entaõ a
.ais ſoberba frota que nunca tinha
ſto. Pretendem que o projecto per-
ncia á conquiſta da Ilha de Suma-
a, e á deſtruiçaõ do Rei d'Achem
imigo capital dos Portuguezes, de
ıem Malaca recebia mais ſogeiçaõ.
ſtava no ponto de partir ſem ter de-
arado o ſeu ſegredo, quando teve a
ɔticia d'hum ſucceſſor que rompeo
ıdas as ſuas medidas.

Ann. de J. C. 1558.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

ElRei D. Joaõ III. Principe dig-
ɔ da immortalidade pelas ſuas virtu-
:s, e principalmente pelo ſeu zelo
ıra o eſtabelecimento da noſſa Santa
.eligiaõ eſtava morto, e toda a felici-
ıde d'hum Reino taõ florecente, co-
o era entaõ o de Portugal, morreo
ɪm elle. Pai infelis, poſto que muito
lis em tudo o mais, de nove filhos
ıe tinha tido da Rainha Catharina
Auſtria, naõ lhe ficava para herdei-
ı do ſeu Trono ſe naõ hum filho
ɔſthumo do nono, que eſtava ainda
ɔ berço; menino cujo naſcimento
ɔi pedido a Deos por muitos votos,
preces, e foi chorado depois com
.grimas de ſangue, em conſequencia
ıs tragicas aventuras, que o fizeraõ o
ıais infelis Principe do mundo, pro-

ANN. de J. C. 1558.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

curando a ruina da ſua caza, e dc
ſeus Eſtados.

A Rainha Catharina ſua Avó
e o Cardeal Infante D. Henrique ſe
Tio, foraõ os tutores da ſua infanci
e governaraõ com muita prudencia. A
Indias foraõ hum dos primeiros ol
jectos em que elles quizeraõ prove
Dois ſogeitos em quem elles pozera
logo os olhos, recuſaraõ eſta honr
A Regencia ſe ſobreſaltou com iſ
como tambem toda a Corte. Con
tantino de Bragança Principe de ſa
gue, cauſou mais eſpanto que ni
guem, dizendo que elle meſmo iri
Eſta palavra louvada por ſeu propri
irmaõ Theodoſio primeiro Duque c
Bragança foi contada á Rainha, e e
le obrigado pela palavra. Quiz enta
eſcuzar-ſe porém naõ foi Senhor de ſ
Pode ſer que naõ fizeſſem mal em pô
longe hum Principe que podia cauſ
ſoſpeitas em tempos criticos. Apl
naraõ-lhe todas as difficudades. Conce
deraõ-lhe mercês proporcionadas ao ſe
naſcimento, e elle partio com hum
eſquadra de quatro navios, levar
do com ſigo Aleixo de Souſa Chichoi
ro; homem venerando, de idade d
70 annos, que tinha huma longa ex
periencia dos negocios das Indias,

lhe

ue devia ſervir de conſelheiro. Contaõ
omo huma couſa muito ſingular, que
D. Conſtantino quando foi, e quando
veio, teve ſempre os ventos, e o mar
omo poderia dezejar, e que o na-
o que o trouxe, foi dez vezes á
ndia com a meſma felicidade. Eſ-
Principe foi recebido no Indoſtam
om o reſpeito, e o amor que os po-
os tem ao ſangue dos ſeus Reis, e
le alli ſe moſtrou com aquella diſ-
nçaõ que ſe acha entre os Princi-
es, quando elles ſaõ o que devem
r, e o reſto dos homens.

Ann. de J. C. 1558.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

D. Paio de Noronha tinha vin-
o na eſquadra do Vice-Rei, com as
oviſoens do governo de Cananor. El-
ſe portou alli muito mal: recu-
u os preſentes do Rei, e dos ſeus
iniſtros: tratou-os depois com tan-
ſoberba, e deſprezo, que o odio
ue elles conceberaõ contra os Portu-
uezes depois do tempo de Martinho
ffonſo de Souſa, tendo-ſe eſperta-
o com a lembrança dos aſſacinios
ue elles tinhaõ cauſado, as coiſas ſe
edaraõ de maneira, e chegaraõ a
um tal extremo que os Portugue-
es naõ ouſavaõ ſahir para andarem
ela Cidade, e tudo alli ſe encaminha-
a a huma rotura declarada. Os primei-
ros

ANN. de J. C. 1558.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

ros cuidados do Vice-Rei, ſobre a no
ticia que d'iſto teve, foraõ de envia
Rui de Melo com 5 navios, e depoi
Luiz de Mello e Silva com outros nove
que elle ajuntou aos ſinco primeiro
de que eſte tomou o governo.

D. Conſtantino fez ſemblante d
querer transportar-ſe alli em peſſoa, con
eſta bela frota que Barreto, dizem, tinh
preparado coutra os Acheneſes. Poren
em lugar de hir a Cananor, tomou par
outra parte, para hir pôr em execu
çaõ o meſmo projecto, que Barreto ti
nha deixado para á ſua viagem d
Baçaim; o que he precizo que e
explique aqui.

O Reino de Cambaia, eſtava de ta
modo dividido, na menoridade d'hun
Rei menino, que além d'huma eſpe
cie de guerra, que faziaõ entre ſi o
tutores d'eſte Prinpe, o qual paſſav
humas vezes para huma maõ, outra
para outra, alli havia ainda muito
Senhores particulares, que aproveitand
ſe d'eſta diviſaõ dos Chefes, eſtava
inteiramente rebelados, e trabalhava
para fazerem para ſi hum pequeno e
tado independente. Os Reis de Cam
baia tinhaõ ſido elles meſmos antiga
mente a cauſa, e a fonte deſte ma
Porque como naõ ha peiores Solda
dos

dos no mundo que os Guzarates, e os Indios, elles tinhaõ chamado huma quantidade d'eſtrangeiros, que faziaõ a força do ſeu Imperio, e lhe cauſavaõ a deſtruiçaõ. Entre eſtes eſtrangeiros, Arabes, Rumes, Fartaques, Raſpoutes, Perſas, Mogoles, e Abexins, que todos faziaõ corpo, o dos Abexins era mais conſideravel, e ſe tinha apoderado de muitas praças maritimas onde ſe tinhaõ fortificado. D. Affonſo de Noronha, e depois d'elle Barreto quiſeraõ aproveitar-ſe d'eſta conjunctura, para procurarem adquirir a Cidade de Damaõ, e o ſeu territorio, naõ ſómente por cauſa da utilidade, e viſinhança de Baçaim; porém ainda para remediar a neceſſidade de muitos Fidalgos pobres, a quem fariaõ hum eſtabelecimento com a diſtribuiçaõ d'eſtas terras, as quaes eraõ excellentes.

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Barreto tentou ſobre iſto occultamente os animos dos Miniſtros da Corte de Cambaia, onde enviou depois huma ſolemne Embaixada, para fazer o requerimento deſta Cidade, e deſtas terras, em troco de metade das rendás das Alfandegas de Diu, de que Diogo de Noronha tinha expulſado Abix-Caõ. A propoſiçaõ, poſto que vantajoza, naõ foi

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Barganca Vice-Rei.

foi com tudo entaõ aceita. A Cort de Cambaia consentia bem em cede Damaõ, porém naõ o seu territorio nem as suas Alfandegas. He por es ta razaõ que Diogo de Noronha s oppôz fortemente no conselho a Bar reto, mostrando a disproporçaõ qu havia entre a vantagem presente qu cedia, á cessaõ de Damaõ, que lhe naõ podia servir d'huma justa compensaçaõ. Em fim D. Diogo de Noronha, negociou tambem depois isto com Ithimiticaõ, que era entaõ o Senhor da pessoa do Rei, que o negocio foi concluido, Damaõ cedido com o seu territorio, e os seus rendimentos, e o auto da doaçaõ, e cessaõ d'ambas as partes foi dirigido em boa fórma.

O Vice-Rei instruido pelos seus espias do estado em que estava a Praça, se embarcou, e veio surgir á barra de Damaõ, no principo do mez de Janeiro de 1559. Os Abexins, da sua parte sendo informados dos designios do Vice-Rei, pelas intelligencias que tinhaõ, se tinhaõ ajuntado em numero de quasi quatro mil homens, debaixo de tres dos seus principaes Chefes. Tinhaõ levantado algumas fortificaçoens, e feito provisoens para tres,

ou

ou quatro mezes, resolutos a defen-
derem-se bem até á entrada do mez
de Abril; temendo que o inverno
em que entravaõ obrigaria a frota Por-
tugueza a se retirar para os portos.
D. Diogo de Noronha, que teve
toda a honra d'esta jornada, sondan-
do a barra, o Vice-Rei segundo o que
tinha sido resolvido no conselho, fez
desembarcar dois mil homens dividi-
dos em sinco corpos, na frente dos
quaes estava Noronha. O desembarque
se fez pelo longo dos rochedos, onde
o mar estava soccegado, e onde havia
menos perigo, do que a enfiar o
canal. Tendo desembarcado as tropas
sem resistencia marcharaõ em ordem
para á Cidade, que acharaõ inteiramen-
te vasia. A vista formidavel d'esta fro-
ta, tinha causado hum terror, que
ninguem teve o valor de a esperar.
Cid Bofata commandante da Fortale-
za a defendia bem: porém desco-
brindo que o Vice-Rei tinha alli in-
telligencias, fez procurar os culpados,
e fez cortar a cabeça a sinco, depois
do que, temendo ainda alguma trai-
çaõ, sahio, e se salvou nas terras.

As tropas tendo chegado á por-
ta que deviaõ entregar, a acharaõ
aberta, e Manoel Rolin entrando
nel-

Ann. de J. C. 1559.
D. Sabastiaõ Rei
D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

nella arvorou o ſeu eſtendarte. O Vi ce-Rei a eſte ſignal, que tinhaõ ajuſ tado, entrou pelo canal ao ſom d artilheria de toda a frota. D. Diogo d Noronha, que por reſpeito naõ tinh querido entrar na praça, e tinha arvo rado a ſua bandeira da parte da força foi recebelo ao deſembarque, diſendo lhe civilmente: „ Que a ſua ſombr „ ſó vencia os ſeus inimigos, porén „ que eſtava diſgoſtozo, que huma taõ „ bela victoria lhe cuſtaſſe taõ pou „ co. „ O Vice-Rei entrou na praç bem contente, deo graças a Deos d joelhos, de o ter feito Senhor della con taõ pouco cuſto. Fez depois benzer hu ma Meſquita, deo-lhe o nome de N Senhora da Purificaçaõ, em memori do dia em que elle della tinha to mado poſſe.

O General Abexim ſe tinha acam pado em Parnel, duas legoas long da Cidade, donde todas as noutes fa zia correrias até ás ſuas portas, que além da inquietaçaõ que iſto cau ſava aos Portuguezes, obrigados a eſ tar ſempre á lerta, impedia tambem o naturaes do paiz a tornarem para ſua cazas, aſſim como era precizo. An tonio Moniz Barreto ſe offereceo a Vice-Rei para hir expulſar o inimig

d'eſ-

l'eſte poſto, com tanto que elle lhe
leſſe 500 homens. Marchou huma par-
e da noute, e chegou hum pouco
intes do dia com 120 homens ſomen-
e, porque os outros ſe tinhaõ deſen-
:aminhado. Naõ deixou de attacar os
entrincheiramentos fazendo grande eſ-
:rondo de trombetas, e tambores. Os
Abexins julgando, que lhe cahiaõ em
ſima todas as forças do Vice-Rei,
ibandonaraõ o ſeu campo na madru-
gada. Barreto entrando n'elle, traba-
lhou em fortificar-ſe á preſſa. Chega-
lo o dia, vendo os inimigos o pe-
queno numero de peſſoas, que os ti-
nhaõ feito fugir, envergonharaõ-ſe
le ſi meſmos, e vieraõ ao poſto. Bar-
reto ſuſtentou o primeiro attaque com
o favor dos entrincheiramentos que ti-
nha feito. O reſto das tropas que ſe
tinhaõ deſencaminhado vindo unir-ſe-
lhe, ſahio elle ſobre o inimigo ma-
tou-lhe 500 homens, e voltou para Da-
maõ carregado de deſpojos, que ti-
nha tomado no campo, entre os quaes
ſe acharaõ 37 peças d'artilheria de bron-
ze, e algumas carradas de moedas de
cobre.

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

A Ilha de Balzar, que eſtá na
viſinhança, ſendo reputada por hum
poſto neceſſario para conſervaçaõ d'eſ-
ta

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

ta praça, D. Conſtantino lhe envioù algumas tropas, commandadas pelos dois irmaõs D. Pedro, e D. Luis d' Almeida. Elle meſmo depois os ſeguio para os ſoccorrer. Porém os inimigos naõ julgaraõ conviniente eſperalos. Tinhaõ abandonado a Ilha, e a Fortaleza. D. Conſtantino alli deixou por Commandante Alvaro Gonçalves Pinto com 120 homens, e algumas peças de artilheria, e voltou depois para Damaõ.

Alli traçou o plano d'huma nova Fortaleza que queria edificar. Os naturaes do paiz trabalharaõ com muita paixaõ, e zelo. Elle repartio depois as terras, deo conceſſoens, e deo ordem a todas as coiſas, conforme o que eſtava eſtabelecido nas praças regulares. O Governo da praça foi confiado a D. Diogo de Noronha, a quem o Vice-Rei deo 1$200 homens de guarniçaõ, governados por ſinco Capitaens, que ſe encarregaraõ de ſuſtentar os ſoldados. Depois do que o Vice-Rei ſe fez á vela, e tornou para Goa.

Em quanto tudo ſuccedia tambem ao Vice-Rei naquella parte, os Chriſtaõs da Coſta de Coromandel tiveraõ hum grande rebate, e a guerra ſe acendia furioſamente em Cananor.

Hum

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Hum Portuguez facinorozo da vi-
inhança de S. Thomé, esperando al-
gum premio do Rei de Narsinga, ou
endo algum motivo de queixa dos
abitantes desta Cidade, induzio es-
e Principe a marchar contra elles,
elo zelo que tinha da sua Religiaõ,
ue os naturaes do paiz abandonavaõ
ara se fazerem Christaõs, e pela es-
erança de dois milhoens que podiaõ
anhar, no saque desta praça. Fa-
endo estes motivos impressaõ, o Rei
e Narsinga animado d'outra parte pe-
os Brachmanes, que estavaõ tocados
elo zelo da Religiaõ, desceo para á
Costa com hum exercito formidavel.
D. Pedro d'Ataide, que tinha aborda-
lo a S. Thomé vindo de Malaca,
uiz obrigar os habitantes a porem-se
m defeza; impedidos pelo temor,
esponderaõ que elles eraõ vassallos do
Rei de Narsinga, e se dispozeraõ a
ecebelo com grandes signaes de ale-
gria, o que discorsuou de modo Atai-
le, que partio logo para Goa. Os
abitantes com tudo se preparavaõ pa-
a receberem bem este Principe, e
ahiraõ a recebelo com hum prezente
le 4ȸ ducados. O Rei naõ entrou
na Cidade, e fez preparar as tendas
no campo. Porém ordenou que todos

os

ANN. DE J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

os habitantes desde o primeiro até ao ultimo, fossem á sua presença, com huma relaçaõ de todos os seus bens. Feita a somma naõ se achou mais do que oitenta mil ducados. O Rei irritado contra o Portuguez, que o tinha enganado, o fez deitar aos Elephantes, supplicio ordinario dos malfeitores. Contentando-se depois com huma pequena somma, e tendo compaixaõ deste povo, fez restituir a cada hum o que lhe pertencia, com tanta equidade, que faltando huma colher, elle a fez procurar até que se achou, e se retirou d'alli sem fazer outro damno.

A guerra estava declarada em Cananor nesta ocasiaõ. Hum Marinheiro d'hum navio Portuguez novamente chegado, tendo ido á Cidade para comprar alguma coisa, naõ sabendo o máo animo de que alli estavaõ, foi feito presioneiro pelos Mouros. Luiz de Mello sabendo-o mandou logo bombardear a casa do Ada-Raia, Ministro do Rei, e o Bazar dos Negociantes; o que foi seguido d'huma violenta escaramuça, os Mouros arregimentados, e armados em numero de 3ↀ vieraõ até ás trincheiras de fora da Cidadella. Coje-Cemandim, e o Ada-Raia mesmo procuraraõ accommodar as coisas,

e

e o Marinheiro prezo foi reſtituido. Com tudo os animos dos Mouros naõ ſe ſoccegaraõ. O Raia tinha cedido então por huma eſpecie de neceſſidade. Era eſte o mais irado, por cauſa do aſſacinio do ſeu parente morto por Henrique de Souſa, e por ordem de Martinho Affonſo de Souza. No que toca a Coje-Cemadim, poſto que foſſe eſte a quem queriaõ, depois deſte aſſacinio, foi ſempre amigo dos Portuguezes, e conſervou eſtes ſentimentos até á morte, a qual lhe chegou pouco depois da rotura.

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Depois do primeiro relampago, que por algum tempo naõ teve outro effeito mais, que huma parada de todo o commercio d'ambas as partes. Luiz de Mello ſahio com os ſeus navios, e ſabendo que havia hum em Mangalor, pertencente a hum dos Mouros de Cananor, lho quiz tomar. Os Mouros de Mangalor com quem eſtavaõ em paz, ſe lhe oppoſeraõ. Mello os caſtigou, e eſta Cidade foi tambem queimada, e ſaqueada, tudo o que alli ſe achou foi paſſado á eſpada, ſem diſtinçaõ de idade, ou ſexo. Continuando depois Mello a diſſolar a Coſta, os Mouros de Calicut ſe ajuntaraõ com os de Cananor, e com a permiſ-

ſaõ

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

faõ do Samorim pozeraõ fete embar
caçoens no mar, commandadas po
hum Turco de reputaçaõ, que devi
ajuntarfe com outro a quem os Mou
ros de Cananor tinhaõ dado feis. E
tas duas pequenas frotas tendo-fe un
do, foraõ attacar Mello, porém fó o
Mouros de Calicut combateraõ, e
fizeraõ com hum extremo furor. Al
morreraõ elles quafi todos com os feu
navios. Os Mouros de Cananor f
retiraraõ fem combater.

Mello depois d'efta expediçaõ vir
do parar á Goa; o Vice-Rei julgando-
criminofo por ter dezemparado o fe
pofto, e ter deixado Cananor na pre
cizaõ que podia ter d'elle, o fez pren
der, e quiz dar o feu pofto a outro
Todos recufaraõ, e fe moftraraõ difgo
tozos com hum caftigo que julgaraõ qu
Mello naõ merecia. D. Conftantin
efqueceo-fe nefta occaziaõ de que er
Principe, e crendo que tinha feito hun
erro, e querendo reparalo, foi ell
mefmo foltar o feu prezo, qu
acumulou de agrados, e o enviou
Cananor com novos reforços, e gran
des moftras de diftinçaõ.

Efte foccorro era neceffario. D
Paio de Noronha eftava em muit
embaraço. Todos os Mouros do Mala
bar

ar ſe tinhaõ reunido para fazer hum
rande esforço. Tanto que Mello che-
ou, foi aviſado pelos eſpias, que ti-
ha na Corte meſmo do Rei de Ca-
anor, de que o vinhaõ attacar. O avi-
ɔ foi certo. Os Mouros deraõ o
ſalto ás trincheiras que defendiaõ o
xterior da Cidadella no circuito das
uaes eſtava o Moſteiro de S. Fran-
ſco, e muitas cazas, de que ſe com-
unha a povoaçaõ. O combate começou
quatro horas da manhã, e durou
é ás quatro da tarde: as trincheiras
raõ franqueadas, os atalhos venci-
ɔs, e em toda eſta acçaõ, que foi
uma das mais glorioſas para os Por-
guezes, fizeraõ prodigios de extremo
lor. Eraõ elles ſó quinhentos, com
uiz de Mello na frente. Os Mouros
aõ cem mil: além d'iſto foraõ ven-
dos, e deixaraõ quinze mil dos ſeus
ortos, em quanto os Portuguezes
rderaõ ſó vinte, e ſinco homens.
e facil de crer que algumas ve-
s os numeros creçaõ na pena Por-
gueza. Como quer que ſeja elles
ſtificaõ eſta inſigne victoria por hu-
a revelaçaõ feita a hum Religoſo de
Franciſco, que vio por ſima da ſua
reja o Eſpirito Santo em forma de
omba, e todo rodeado de luz. Com

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

esta vista, acrecentaõ os Autores Portuguezes, os Religiosos sahiraõ todo com o crucifixo na maõ, e animara de modo a gente, que faziaõ todo esforços mais que humanos, e principalmente hum soldado chamado Francisco Riscado, que deitava artificios c panelas de fogo sobre os inimigo com tanta prontidaõ, e effeito que c mesmos Autores o comparaõ a Jupite arremeçando os seus raios, e as su setas no meio dos relampagos, e tr voens. Depois d'esta acçaõ a guer durou ainda, sem que em todo e inverno succedesse cousa notavel de pa te a parte.

O Gram Senhor apenas tinh dado a commissaõ a Alechelubi hir tomar as suas galeras á Baç rá, para as conduzir a Suez, qua do se arrependeo, confiando menos prudencia d-este homem, do que t mia da sua loucura. Mostrou prev desde entaõ a infelicidade, que l acconteceo logo depois. Para o aca telar, enviou ordem a Zafar, de que já falamos, que fosse a Suez arm algumas galeras da frota do Bac Solimaõ, que tinha feito o cerco Diu, que tomasse a sua derrota pa Baçorá, que tirasse o governo

po

der d'Alechelubi, e que conduſiſſe
das eſtas galeras a Meca. Zafar obe-
ceo a eſta ordem, aprontou logo duas
leras, e duas galiotas, das quaes
ma era a que elle tinha tomado a
gueira: meteo-ſe ao mar, atraveſſou
mar Roxo, ſahio do eſtreito, e
nou a Coſta de Arabia. Alli ſoube
deſaſtre ſuccedido a Alechelubi. Iſto
obrigou a ſe demorar para dar ca-
aos navios Portuguezes. Tomou
co ou ſeis ricamente carregados,
ſe retirou. O Vice-Rei das Indias
Affonſo de Noronha, e Barreto
e lhe ſuccedeo, enviaraõ frotas ao
reito de Meca contra elle, porém
n algum effeito.

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

O Rei de Baçorá tinha da ſua
rte feito a Barreto as meſmas inſtan-
s, que tinha feito ao ſeu predeceſ-
com as meſmas promeſſas. Barre-
fez partir D. Alvaro da Silveira
n huma frota conſideravel. Silvei-
chegou até á embocadura do Eu-
rates, e no tempo em que elle ſe
no ponto de acabar a guerra pela
nada de Baçorá, huma violenta tem-
ſtade ſeparou todos os ſeus navios,
teve muito trabalho para tornar a
à Ormuz.

D. Alvaro ſendo enviado depois

ANN. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

ao estreito de Meca contra Zafar, er
trou no mar Roxo, foi até á Moca
onde estavaõ os navios, e as galer
de Zafar. Tinha-se elle lisongeac
com a esperança de os queimar. P
rém naõ podendo manobrar nos c
naes estreitos, onde era preciso ab
gar-se, para alli chegar, foi obrigac
a voltar sem fazer nada.

Solimaõ sentio por extremo a pe
da das suas galeras, e do desastre su
cedido a Alechelubi. Entre tanto, hu
homem de valor, e de juizo se off
receo a este Principe para o fazer S
nhor da Ilha de Baharem, e de p
as suas galeras em segurança. O Gra
Senhor acceitando a sua proposiçaõ
partio para Baçorá, pôz promptas du
galeras com perto de 70 embarcaç
ens, em que embarcou 12ϕ00 h
mens escolhidos, e foi pôr cerco c
fronte da Fortaleza de Baharem. R
Morad genro de Rais Noradim, M
nistro do Rei d'Ormuz, que alli co
mandava, avisou logo o Rei, e
Antonio de Noronha, sobrinho de
Affonso o qual se achava entaõ p
segunda vez Governador d'Ormuz.

D. Antonio enviou logo hum s
corro de viveres, e de muniçoens
baixo da conducta de D. Joaõ de N
r

ha, filho natural de ſeu irmaõ, no meſmo tempo fez partir alguṡ curvetas para aviſar D. Alvaro da veira, que tinha ordem do Vice-i D. Conſtantino de cruſar junto Ormuz, no ſeu retorno da expediçaõ mar Roxo. D. Joaõ era moço, foi mal aconſelhado pelos ſeus Ca-iens, de ſorte que perdeo a oca- de tomar as duas galeras Turcas. õ foi mais que hum deſcuido de cos dias. D. Alvaro chegou, to-u as galeras, e tirou aos Turcos a a eſperança de voltarem.

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Silveira, e Morad tendo-ſe viſto oois aſſentaraõ de naõ dar batalha inimigo; porém ſómente de o ſternar cortando-lhe os viveres. O ſelho era prudente; porém a pou-ſubordinaçaõ das tropas impedio o ito. Ellas ſe amotinaraõ, inſulta- o General chamando-lhe fraco. taraõ tambem Morad de traidor, obrigaraõ a hum, e a outro a vi-ı contra ſeu goſto a huma acçaõ. a foi ardente, e viva; porém a deſobediencia foi punida. D. Al-o, depois de fazer a obrigaçaõ de dado, e de Capitaõ, recebeo mui- feridas, e foi morto pelos Tur-, que lhe cortaraõ a cabeça. Se-

cen-

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Barganca Vice-Rei.

centa Portuguezes depois, de fazere grandes acçoens, tiveraõ a mesma so te. Houveraõ muitos que cahiraõ n maõs dos inimigos. Morad que n tinha cedido em valor aos Portugu zes recolheo os restos espalhados, se retirou para á Fortaleza.

Joaõ Peixoto tinha provisoẽs pa tomar o governo depois de Silveira em caso de morte. Fez-se conhec das tropas, e tendo vindo por nec sidade ao parecer d'obrigar por for os Turcos, elle o fez com tanta fe cidade, que elles tinhaõ já tratado se retirarem para Catife, onde Peix to contra a fé dada, tinha resolvi fazelos passar á espada.

Os avisos da motte de Silveir e a perda da batalha passaraõ lo a Ormuz, e de lá ás Indias, e lo D. Antonio de Noronha, e o Vic Rei D. Constantino, se poseraõ e estado de reparar esta infelicidade. N ronha, e Rais Nordim foraõ alli p soalmente, e tomaraõ 3㎜ Persas seu soldo. Noronha chegou no te po que Peixoto hia concluir o seu t tado, e executar o seu criminoso signio.

A chegada de Noronha, que d via accelerar a conclusaõ d'hum t

ta

ado mais fiel, ſó ſervio de o deſviar.
) entereſſe de alguns particulares, e
perfidia d'outros foraõ a cauſa. O
achá commandante dos Turcos mor-
eo das feridas, que recebeo na bata-
ha em que Silveira foi morto. Subſ-
tuiraõ-lhe outro. Mahmud-Beg Go-
ernador de Catife, ſe entendia com
lle, e o exortava occultamente a con-
ervar-ſe bem na eſperança que ſeria
occorrido brevemente pelo Bachá de
Baçorá, deſcobrio-ſe a ſua perfidia, e
Noronha o fez aſſacinar. Em fim de-
ois de ter perdido muito tempo, no
ual o máo ar fez morrer mais de mil
leſtes 1$200 Turcos, as meſmas mo-
eſtias, que ſe fizeraõ tambem ſentir
os Portuguezes, reduſiraõ os dois par-
idos a huma capitulaçaõ, em virtu-
le da qual os Turcos, reſtituindo os
preſioneiros, os cavalos, e as armas,
os forneceraõ de bateis para tornarem
a ganhar Baçorá. O ſoccorro enviado
por D. Conſtantino chegou depois da
couſa feita, e naõ teve mais que o
trabalho de voltar.

Ann. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Fazendo ſempre a fé grandes pro-
greſſos, á medida que os Portuguezes
avançavaõ nas ſuas conquiſtas, a Rai-
nha Catharina julgou digno de ſeu
zelo aſſignalar os principios da ſua

Re-

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastião Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

Regencia, ſolicitando o Papa para erigir a Cidade de Goa em Arcebiſpado. Paulo IV. concedeo-lhe a ſua ſuplica. Goa foi deſmembrada do Funchal na Ilha da Madeira, e a ſua Igreja declarada Primaz das Indias. D. Gaſpar Conego da Igreja Cathedral de Lisboa, e valido do Cardeal Infante, foi provido neſta dignidade, vaga pelo falecimento de D. Joaõ d'Albuquerque, morto anno de 1559. Jorge de Santa Luzia, e Jorge Temudo, Religioſos Dominicos, foraõ nomeados para os Biſpados de Cochim, e de Malaca, que foraõ erectos por entaõ, e aquem aſſignaraõ os ſeus diſtrictos. Eſtes Biſpos foraõ ſagrados em Lisboa com muito concurſo e ſolemnidade. Os Biſpos de Cochim, e de Malaca partiraõ neſte meſmo anno na frota que commandou Pedro Vaz de Sequeira. O Arcebiſpo naõ ſe embarcou ſe naõ no anno ſeguinte, e conduſio comſigo os Miniſtros do Tribunal da Inquiſiçaõ, o qual até entaõ, naõ tinha ſido eſtabelecido nas Indias, nem delle tinha alli avido mais que huma forma muito imperfeita.

ElRei D. Joaõ III. que tinha ſempre tido hum grande ardor pela converſaõ dos Abixins, tinha tido o meſ-

nesmo zelo em lhes procurar Bispos Catholicos. Este zelo tinha-se augmentado n'elle antes da sua morte, e elle tinha tido a consolação d'alcançar esta graça da Santa Sede. O Papa Paulo IV. conferindo este negocio com o Sacro Collegio, recorreo a S. Ignacio de Loyola, e tomou tres Religiosos da sua companhia, o Padre Nuno Barreto Portuguez, que fez Patriarcha da Ethiopia, e os Padres Melchior Carneiro, e André Oviedo, dos quaes o primeiro foi nomeado Bispo de Nicea, e o segundo Bispo de Heliopolis com o titulo de Coadjutores, successores do Patriarcha, no caso que morresse. E porque quando estes Bispos chegaraõ a Lisboa, a frota do Vice-Rei D. Pedro de Mascarenhas estava já de verga d'alto, julgaraõ conveniente transfirir a sua partida, e fazerem embarcar sómente alguns dos Jesuitas, que os deviaõ acompanhar, a fim de lhes prepararem os caminhos na Ethiopia, e levarem ao Imperador as cartas d'ElRei, nas quaes dava aviso a este Principe da escolha, que o Papa tinha feito destes Prelados, e do motivo porque lhos enviava.

Mascarenhas chegado ás Indias fez embarcar na frota que enviava ao es-

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

eſtreito de Meca, o Padre Gonçalo Rodrigues, que foi poſto no porto d Arquico, donde foi conduzido á Cor te do Imperador. Eſte Principe era o meſmo por quem Chriſtovaõ da Gama ſe tinha ſacrificado, e que devi aos Portuguezes o ſeu reſtabelecimen to. Elle recebeo Rodrigues com diſ tinçaõ, e com bondade; porém quan do ſe tratou de Religiaõ, Rodrigue vio taõ pouca apparencia de o autho riſar, que logo deſconfiou, e torno para ás Indias, conforme a order que tinha para fazer a ſua relaçaõ. Joa Peixoto tinha ſido enviado das India expreſſamente para o receber, com fez; porém neſta viagem tinha dezem barcado na Ilha de Suaquem com o fa vor do ſilencio da noite, e ſem ſe deſcoberto, paſſou á eſpada o Rei e huma parte dos habitantes, que acho ſobmergidos no ſono.

Tendo chegado os Biſpos ás In dias no anno depois da partida d Maſcarenhas, com Fernando de Sou Caſtelo-Branco, que ElRei tinha nome do ſeu Embaixador para á Corte d Ethiopia, o Patriarcha, e o Embaix dor obrigaraõ vivamente Barreto, qu eſtava entaõ no emprego, que exe cutaſſe as ordens d'ElRei, que lh

deſ

desse huma frota, e seis centos homens para os acompanhar n'esta expediçaõ. Barreto naõ tendo disso vontade, e naõ estando mesmo em estado de se privar d'hum taõ grande soccorro, formou difficuldades. Como o zelo naõ attende nunca ás razoens de politica, e a sua recusaçaõ causava já perturbaçaõ, o temor de grangéar algum trabalho na Corte, lhe fez tomar hum meio, para o que convieraõ em hum Conselho, que ajuntou para isso, no qual rezolveraõ, „ Que vista a pouca apparencia „ que havia na conversaõ do Impera- „ dor, conforme a relaçaõ que tinha „ feito o Padre Rodrigues, seria im- „ prudencia expôr a dignidade do Pa- „ triarcha, e a do Embaixador; po- „ rém que com tudo, como era do „ enteresse da Religiaõ tentar algu- „ ma coisa, fariaõ partir sómente por „ este anno o Padre André Oviedo „ Bispo d'Heliopolis com alguns dos „ Portuguezes de companhia, para son- „ dar o terreno, e pôr as coisas em „ via de fazer receber o Patriarcha com „ honra. „

ANN. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Tomado este partido, Barreto fez armar quatro navios, de que deo o commando a Manoel Travassos, proveo

ANN. de J. C. 1559. D. SEBASTIAÕ REI. D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

o Bispo de tudo o que podia dezejar, como tambem os Jesuitas que o acompanharaõ. Gaspar Nunes hum dos Portùguezes da armada de Christovaõ da Gama, que se tinha estabelecido na Ethiopia, e tinha voltado ás Indias com o Padre Gonçalo Rodrigues foi enviado, e honrado com o titulo de Ministro d'ElRei de Portugal.

Oviedo foi recebido nas terras do Imperador com todas as demonstraçoẽs d'honra que fazem aos Soberanos. Teve a consolaçaõ de ver, em toda a parte na sua derrota, os Portuguezes ricos em cazas, e em terras, em escravos e creados, e em toda a parte estes tiveraõ o gosto de o tratar como comvinha ao seu caracter, e á sua virtude. Em fim admitido á presença do Imperador, foi recebido com muito grande distinçaõ.

Depois d'alguns dias de descanço, o Imperador, que se presava de saber a sua Religiaõ, quiz entrar na materia com o Bispo. Nós naõ sabemos qual foi o particular da conversaçaõ; porém o fruto foi tal, que o Imperador se escandalizou muito da liberdade do Bispo, e que o Bispo picado dos desprezos, que o Imperador, e toda a sua Corte tinhaõ feito dos sentimentos da Igreja Catholica, sahio mudo, e bem convencido da obs-

obſtinaçaõ d'eſte Principe, e do pouco fruto que tinhaõ que eſperar dos ſeus trabalhos para á ſua converſaõ.

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Oviedo era hum ſanto, e cheio do eſpirito que forma os Apoſtolos, e os Martyres de Jeſus Chriſto; porém naõ attendendo que huma Religiaõ bebida com o leite naõ ſe deixa taõ facilmente, e que os meios da perſuaçaõ, e da inſinuaçaõ eraõ os unicos de que devia uſar no pays em que ſe achava, elle ſe deixou arrebatar da vivacidade do ſeu zelo, e reccoreo aos raios da Igreja, e ao rigor dos Canones. Excomungou o Imperador ſolemnemente, declarou-o Sciſmatico, e herege, e prohibio a todos os Portuguezes que o ſerviſſem, e tiveſſem communicaçaõ com elle.

O Imperador devia temer pouco huma excomunhaõ da parte d'hum Biſpo, que o conſiderava como herege, quando os ſeus proprios Paſtores lhe faziaõ a elle meſmo hum crime de o communicar, poſto que elle o naõ fizeſſe ſe naõ por politica, e pela precizaõ que podia ter dos Portuguezes. Aſſim eſta excomunhaõ longe de produſir hum bom effeito, ſó ſervio de irritar os animos, alienar todos os Abixins, e dividir meſmo os Portuguezes entre ſi. Muitos reprehenderaõ eſ-

te

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

té procedimento do Bifpo, como imprudente, e contaraõ depois todas as fuas palavras ao Imperador de quem fe fizeraõ efpias.

O refentimento do Imperador teria chegado mais longe, fe naõ foffe huma revoluçaõ que acconteceo neftas circunftancias. Sinco dias depois que o Bifpo entrou na Ethiopia, hum Bachá Turco alli entrou com 1$200. Janifaros, e fe avançou até Baroá desbaratou, e matou o irmaõ do Principe Ifaac que tinha fido Barnagues. No mefmo tempo hum Principe Mouro fez entrar hum dos feus Generaes com hum exercito nos Eftados do Imperador, que opprimido por duas partes, enviou o Principe Ifaac contra o Bachá, e foi peffoalmente ao encontro do outro inimigo, que lhe deffolava as fuas Provincias. Ifaac desfez os Turcos, os quaes huma moleftia acabou quafi de deftruir; de forte que o Bachá foi obrigado a retirar-fe para Arquico com os miferaveis reftos do feu exercito. Da outra parte o Tenente do Imperador, que commandava nas Provincias invadidas, em lugar de refiftir ao inimigo foi direito á Capital do Rei fublevado; onde entrou victoriofo, e o matou. Os Galles, povos inquietos,

e

ſempre em armas o ſeguiraõ, e
cabaraõ de deſtruir eſte Eſtado. O
mperador naõ ſabendo nada da victo-
a do ſeu Tenente, e da morte do
.ei ſeu inimigo, quiz, contra o pare-
er dos ſeus Capitaens, dar batalha
o ſeu General. Elle o fez; mas por
ıfelicidade o ſeu cavalo eſpantado com
eſtrondo da artilheria, e naõ dando
elo freio, o levou para o meio dos
ıimigos, que o mataraõ.

Ann. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Adamas Seghed, irmaõ do Im-
erador Claudio, lhe ſuccedeo. Naõ
nha elle nenhuma das boas qualida-
es de ſeu irmaõ, e tinha muitas más.
ra principalmente inimigo da noſſa
.eligiaõ, e aborrecia no fundo do
oraçaõ os Portuguezes. Obrigando-o
neceſſidade aos poupar, elle diſſi-
ıulou por algum tempo. Porém Ovie-
o recuſando remeter-lhe dois Religio-
os Abixins, que tinha traſido ao gre-
ıio da Igreja, pouco faltou que eſte
rincipe indignado naõ foſſe elle meſ-
ıo o algôz do Biſpo, que ſe offere-
eo generoſamente á morte como ver-
ıdeiro Athleta de Jeſus Chriſto. Em
m os Grandes do Imperio, e o Bar-
ıgues em particular, tendo-ſe ſubleva-
o, e juntos ao Bachá dos Turcos,
Portuguezes tomaraõ o partido das
duas

ANN. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

1559. 1560.

duas partes , e hum grande numer
delles ſeguio o dos rebeldes. O Im
perador que os vio com as armas n
maõ contra elle , ſuſpeitou que o Bi
po , e os Miſionarios tinhaõ favor
cido a revolta. Depois do que eſ
Principe os perſeguio com furor , c
mo tambem aos ſeus vaſſallos que
tinhaõ convertido. O Patriarcha r
tido em Goa por eſta má ſituaçaõ d
negocios , morreo , ſem pôr pé n
terras do ſeu Patriarchado. O Papa ,
ElRei de Portugal inſtruidos do qu
ſe paſſava , quizeraõ retirar da Ethio
pia o Biſpo, feito Patriarcha , e os M
ſionarios , para os empregar n'out
parte mais utilmente ; porém nem e
le nem os Jeſuitas poderaõ ſahir d'e
te Imperio. Dois foraõ aſſacinados p
los Turcos. O Biſpo , e os outr
morreraõ conſumidos de miſerias , be
conſolados por outra parte pelas be
çaõs que Deos tinha deitado ſobre o
ſeus trabalhos na converſaõ do pov
meudo.

D. Conſtantino herdeiro d'hu
zelo , que era proprio de ſua linhagem
favoreceo os negocios da Ethiopia o me
lhor que pôde. Naõ eſteve com tud
nas ſuas forças reformar as deſgraça
da fortuna , e a infelicidade em o Im
pe-

perador Claudio ſe tinha precipitado. Porém nas Indias onde elle tinha todo o poder, deo grandes provas d'eſte zelo. Debaixo da maior parte dos Governadores precedentes, os Indios que ſe convertiaõ, eſtavaõ em opreſaõ. Como os que preſſeveravaõ na ſua idolatria eraõ os ricos da terra, e os que abraçavaõ a lei de Jeſus Chriſto eraõ pobres, pela maior parte, eſtes idolatras que as ſuas riquezas, e a ſua abundancia faziaõ recomendaveis, abuſavaõ do ſeu credito para com os Portuguezes meſmo, para agravar o jugo d'aquelles que ſe convertiaõ, e ſatisfazer ao odio que lhes inſpirava a ſua mudança. De ſorte que fazer-ſe Chriſtaõ, era exporſe a huma perſeguiçaõ da parte dos meſmos Chriſtaõs. D. Conſtantino que comprehendeo eſte abuſo, o reformou de modo, que ſó os Indios convertidos tinhaõ parte nas mercês, e nos favores. Elles tinhaõ ſó a entrada livre na ſua caza, quando os Gentios idolatras excluidos do ſeu Palacio, eraõ obrigados a eſperar, que elle ſe apreſentaſſe a alguma janela para terem audiencia. Naõ ſe pode crer como eſte procedimento ſervio a illuminar eſtes povos infelices, ſub-

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

mergidos nas trevas do Paganifm
O mefmo zelo o fez emprehend
huma guerra em favor dos Chrifta
da Cofta da Pefcaria, expoftos a
corfos dos Badages, povos feroces,
acoftumados a roubos. Eftavaõ alé
d'ifto tyranifados pelo Rei de Jafan
patam, que os punha muitas vez
a ferro, e a fogo. Efte Principe era hu
verdadeiro tyrano, e inimigo ju
do do nome Chriftaõ. Tinha enfo
do muitas vezes as fuas maõs no f
proprio fangue, e tinha defpojado d
feus Eftados feu irmaõ mais velh
que fe tinha refugiado em Goa, on
fe fez Chriftaõ; e tomou o nome
D. Affonfo Martim. Affonfo de Sou
tinha feito o Reino de Jafanapata
tributario da Coroa de Portugal p
fando pela Ilha de Ceilaõ, da qual e
faz parte. Porém efte barbaro Rei f
refpeito a efta confideraçaõ fe recre
va em fe banhar no fangue dos Chr
taõs, e em hum fó dia tinha procu
do a gloria do martyrio a mais de 6c

D. Conftantino determinou de
caftigar, de o defpojar dos feus Ef
dos, e de transportar para alli os Chr
taõs da Cofta da Pefcaria. Para e
effeito partio elle com huma podero
frota, e defembarcou com muita fe

ANN. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

c

idade. Dividio depois, o ſeu exercito
m ſinco corpos, de que Luiz de Mello
ondufio o primeiro. O Principe filho
o Rei ſe aprezentou, fazendo ſem-
lante de querer combater: porém re-
rou-ſe ſem ter valor d'iſſo. O exercito
'ortuguez enfiou o caminho que
onduz á Capital. Era eſtreito, e de-
endido por peças d'artilheria d'hum
errivel calibre; mas ſendo apontadas
uito alto, naõ fizeraõ quaſi nenhum
ffeito. Sendo a Cidade tomada por
ſte meio, o Rei de Jafanapatam ſe
tirou a huma fortaleza apartada quaſi
uas legoas. Naõ teve ainda baſtante
nſtancia para alli ſe defender, e ſe
lvou nos matos, d'onde enviou a pe-
r paz. Para a alcancar offereceo
ſtituir ao Rei de Cota os Teſouros
Tribuli Pandar, que a preſiguiçaõ
s Portuguezes tinha obrigado a ſe
tirar para eſte Tyrano, que o fez mor-
r. Obrigou-ſe de mais a ceder a Ilha
Manar, e de ſubmeter de novo a
a Coroa á de Portugal, pagando-lhe
ibuto. Para fiador d'eſte tratado, deo
u filho de penhor. O ciume, e a diviſaõ
e ſe tinhaõ metido entre os Officiaes
ortuguezes, juntos com a pouca diſci-
ina dos ſoldados, obrigaraõ o General
ſe contentar d'eſtes offerecimentos.

Ann. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

ANN. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Porém em quanto perderaõ ten
na execcuçaõ do que ſe tinha regula
formou-ſe huma conjuraçaõ dos Ilhe
taõ ſubita, que muitos Portugue
della foraõ victima, antes de preſe
rem o mal. O Vice-Rei engolfado
caſſa pela ſugeſtaõ dos conjurad
teve muito trabalho para ſegurar a
retirada, e tudo o que pôde faze
foi tornar a embarcar-ſe depois de
perdido muita gente.

Livre d'eſte perigo, e condu
do o Principe de Jafanapatam nos
ferros, paſſou á Ilha de Manar,
de conſtruhio huma Fortaleza,
qual deo o governo a Manoel C
tinho, que para alli tinha tranſpo
do da Coſta da Peſcaria os Chriſ
de Punical. Fundou no meſmo t
po as caſas dos Religioſos de S. F
ciſco, e dos Jeſuitas encarregados
cuidado d'eſta chriſtandade.

Entre as riqueſas que foraõ
das no ſaque da Cidade de Jafan
tam, foi huma eſpecie de Relic
d'oiro, guarnecido de Rubins, e d
tras pedras preciozas. Conſervavaõ
com muita devoçaõ hum dente d'
dos Santos, ou Deoſes do paiz
que as fabulas que d'iſſo contaõ d
lugar a crer, que eſte dente era d'

n

nacaco, e naõ d'hum homem. Era
ſte hum dos monumentos mais raros
la piedade Idolatra, que havia em to-
las as Indias. O Rei de Pegu ſaben-
lo que elle eſtava em poder do Vi-
e-Rei, enviou huma Embaixada ſo-
emne para o pedir, e offereceo por
lle muito grandes ſommas. Mui-
os, pouco eſcrupuloſos, queriaõ que o
endeſſem, para remediarem as preci-
oens do Eſtado, e havia poucos Offi-
iaes que naõ cubiçaſem a commiſſaõ de
levar, com a eſperança de fazerem
um ganho immenſo, ſómente em o
oſtrar na viagem, e em permitirem
ue d'elle tiraſſem eſtampas. D. Conſ-
ıntino mais eſcrupulozo, fazendo
xaminar o caſo, e ſendo decidido
mo elle meſmo o tinha decidi-
o, fez deitar o dente em hum al-
ofaris em pleno Conſelho, e o fez re-
uzir a pó, o qual fez conſumir em hum
razeiro.

ANN. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

No ſeu retorno de Ceilaõ para
ochim, o Vice-Rei ſe encontrou
om o Rei de Chambé, e confirmou
e novo com elle a paz, que tinha
ito, porém que naõ guardou bem:
que fez ſempre difficil a carga dos
avios, que deſpachavaõ todos os an-
os para Portugal. Eſta paz naõ im-

pe-

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

pedia os Principes alliados do Malabar a fazerem guerra ao Rei de Cochim. Eftes Principes juntos ás tropa do Samorim, tinhaõ entrado na Ilh de Primbalam, que pertencia ao Re de Cochim. A alliança que tinhaõ ti do fempre com efte Principe, deter minou o Vice-Rei a tomar o feu par tido, e a expulfar os inimigos d Ilha. Elle alli enviou Francifco d'Al meida com tropas, e depois Luiz d Mello com hum reforço. Houve entr eftas tropas, e as dos inimigos hum viva efcaramuça, onde Luis de Mel lo foi ferido: a vantagem com tudo fi cou ao Rei de Cochim, que entro na poffe da Ilha, depois que os inimi gos foraõ d'alli expulfos. Porém e te Monarcha naõ teve nunca verdade ro defcanço da parte dos Principes a liados, até ao momento em que fo affacinado, por hum dos amigos d Principe de Bardelle.

O Vice-Rei tendo tornado á Go achou novos Embaixadores do Rei d Baçorá, que renovando os mefmo offerecimentos que tinhaõ feito aos feu predeceffores, pedia tambem foccorr para acabar de vencer os Turcos, qu tinha fitiados na Fortaleza. D. Con tantino alli enviou huma frota de 2

em-

embarcaçoens, commandadas por Sebastiaõ de Sá. Esta frota devia ao mesmo tempo recondusir a Ormuz D. Joaõ d'Ataide, que tendo-se curado das lezoens, pelas quaes Barreto lhe tinha tirado o governo, tornou para acabar o seu tempo.

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastiaõ Rei

A monçaõ estando avançada, a frota foi tomada por huma grande tempestade que separou os navios, dos quaes a maior parte se refugiou em diversos Portos do Golpho de Cambaia, onde naõ foraõ inteiramente inuteis. Os Abixins continuavaõ em molestar a Cidade de Damaõ, e a tinhaõ obrigado a lhes abandonar a Ilha de Balzar, da qual tinhaõ arrasado a Fortaleza.

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

Porém Damaõ correo hum perigo muito maior por cauza d'hum inimigo muito mais poderoso. Madre-Maluco, hum dos tutores do Rei, picado do ciume contra Ithimiticaõ, que estava de posse da pessoa do Monarcha, tinha adiantado a sua ambiçaõ até a querer detronar o seu Soberano. Estava rico de terras, e havia poucos senhores em estado de o igualarem. Antes de se declarar, quiz apoderar-se de Damaõ, que o seu competidor tinha cedido aos Portuguezes contra

o

Ann. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

o seu voto ; e depois da deixaçaõ que disso elle mesmo tinha feito, quando era o Senhor.

D. Diogo de Noronha, bem servido pelos seus espias a quem pagava muito bem, foi avisado a tempo de todos os seus projectos ; e como elle se naõ julgava em estado de se conservar contra esta tempestade, concebeo o disignio de a acautelar por artefìcio. Era amigo de Cedemecaõ filho do famoso Coje-Sofar, e cunhado de Madre-Maluco. Preparou logo todas as suas batarias para persuadir a este : „ „ Que Madre-Maluco fazia todos estes „ preparativos que lhe viaõ fazer, pa- „ ra o despojar de Surrate, de que „ era Senhor. Para lhe provar o que „ dizia elle lhe affirmava que Madre- „ Maluco havia fingir querer Damaõ, „ passar por casa d'elle, e pedir-lhe „ hum grosso Basalisco, que tinha pa- „ ra bater a praça ; porém que tanto „ que o alcançasse, o apontaria con- „ tra Surrate mesmo, e o obrigaria a „ entregarlho. „ D. Diogo se servio para segurar este ardil d'hum Portuguez chamado Diogo Pereira, e d'hum Judeo chamado Coje-Abraham, ambos habeis, e amigos de Cedemecaõ. Era verdade que Madre-Maluco ti-

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastião Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

inha tido o penſamento de ſe apode-
ar de Surrate, porém tinha ſido deſ-
iado diſſo por ſua mulher, filha de
Coje-Sofar, e irmã de Cedemecaõ.
Cedemecaõ meio convencido dos
náos diſignios de ſeu cunhado, o vio
ir com toda a deſconfiança, que ti-
haõ querido inſpirar-lhe, e ſahio-lhe
o encontro com toda a diſſimulaçaõ
oſſivel. Acabando de o convencer, o
equerimento do Baſiliſco, afectou ain-
a mais encubrir as ſuas ſoſpeitas. Pro-
neteo elle tudo, e convidou a cear
Madre-Maluco, com os principaes Offi-
iaes do ſeu exercito; o que aceita-
aõ com muito goſto, porque como
ra o tempo do Ramadam, eſtavaõ
inda em jejum. Cedemecaõ ſe adian-
ou para fazer aprontar tudo. Che-
ando Madre-Maluco com os outros
onvidados, Cedemecaõ os recebeo em
uma ſala bem paramentada, e lhes
ez todas as demonſtraçoens poſſiveis
l'amiſade, e de civilidade. Tendo os
ſſim todos na ſua maõ, ſahio por
uma porta, por algum pretexto,
m quanto por outra fez entrar 200
eſſoas bem armadas, que naõ per-
loando a nenhum dos que eſtavaõ na
ala, os degolaraõ. Logo no ou-
ro dia, e antes que a noticia tranſ-
pi-

ANN. de J. C. 1561.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

piraſſe, Cedemecaõ foi cahir ſobre as tropas de Madre-Maluco, as quaes vendo-ſe ſem Chefes, e apanhadas de repente, foraõ quaſi taõ depreſſa desfeitas, como aſſaltadas, e abandonaraõ ao perfido vencedor todos os theſouros, e todos os deſpojos do ſeu infelis cunhado.

Chinguiſ-Caõ filho de Madre-Maluco, mancebo que tinha todo o merecimento de ſeu pai, e o valor de Sofar ſeu avô, ſabendo eſta triſte noticia, naõ penſou logo ſe naõ na vingança, e ajuntando as ſuas tropas fugitivas, veio pôr cerco de fronte de Surrate. Apertado Cedemecaõ recorreo a Noronha, que o ſóccorreo com dez embarcaçoens, commandadas por Luiz Alveres de Tavora. Tinha eſte nas ſuas inſtrucçoens, que ſe devia comportar de modo que os ſitiantes, e os ſitiados julgaſſem que elle tinha vindo para os favorecer. O fingimento aproveitou, e nenhum d'elles teve lugar para penetrar a má fé de D. Diogo. Alucaõ hum dos tutores do moço Rei, logo com a primeira noticia da morte de Madre-Maluco, ſe tinha lançado ſobre as ſuas terras, e tinha tomado a Cidade de Veredora. Chinguiſ-Caõ obrigado a opporſe a eſta tor-

ren-

ente, fez paz com Cedemecaõ, e Luiz de Tavora voltou para Damaõ, onde achou D. Diogo de Noronha de cama pela moleſtia de que morreo, com a reputaçaõ d'hum dos melhores Officiaes que houve na India.

Ann. de J. C. 1561.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Vencedor do ſeu novo inimigo Chinguil-Caõ voltou ſobre Surrate com maiores forças, tendo unido ás ſuas tropas as de dois Principe Mogols, que ſe tinhaõ refugiado no Reino de Cambaia, e que alli faziaõ tambem a ſua figura com os outros eſtrangeiros. Cedemecaõ recorreo de novo ao Vice-Rei das Indias, a quem offereceo entregar Surrate, que naõ podia guardar contra taõ poderozos inimigos como os que tinha á cara. D. Conſtantino alli enviou logo D. Antonio de Noronha com 14 navios, aos quaes ſe ajuntaraõ os de Sebaſtiaõ de Sá. Noronha, e Chinguiſ-caõ naõ dezejavaõ pelejar ambos, e queriaõ ficar amigos. Porém os Principes Mogols, que morriaõ de inveja de ſe medirem com os Portuguezes, travaraõ com elles huma acçaõ, de que eſtes levaraõ a vantagem. Noronha obrigou entaõ Cedeme-çaõ a entregar-lhe a Fortaleza conforme o ajuſte, e Cedeme-caõ uſou de demoras. Julgaraõ que elle o fazia de penſado, e que-

Ann. de J. C. 1561.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

queria retratar a ſua palavra : porém na verdade naõ era elle o culpado , e correo riſco de ſer morto pela ſua guarniçaõ , que começava a ter d'elle ſuſpeitas. Noronha , e elle ſe viraõ ; e eſte encontro favoreceo as ſuſpeitas , e Cedemecaõ foi obrigado a ſahir ſecretamente de Surrate , e fugir , reſolveraõ com tudo de ſe defenderem bem , e pozeraõ na ſua frente Caracem cunhado de Cedeme-caõ. Noronha vendo que alli naõ tinha mais que fazer ſe retirou. D. Conſtantino diſgoſtozo de ter perdido eſta occaſiaõ , que elle nunca mais encontraria , de tomar Surrate , prendeo D. Antonio de Noronha , e o ſoltou depois quando foi mais bem informado, dando-lhe grandes ſatisfaçoens. Cedeme-caõ ſe ſalvou nas montanhas , e ſe retirou para á Corte de Cambaia, onde foi bem recebido e conſolado na ſua diſgraça : porém Chinguiſ-caõ que tinha ſempre ſobre o coraçaõ a morte de ſeu pai , obrigou dois apaniguados de Cedeme-caõ ao aſſacinarem ; o que foi feito. Chinguiſ-caõ , e Caracem ſe accomodaraõ depois , e eſte ultimo ficou Senhor de Surrate.

A piedade de D. Conſtantino , e a ſua devoçaõ com o Apoſtolo S. Tho-

Thomé o levaraõ a fundar huma bela Igreja em Goa, á honra d'este grande Santo. A obra se adiantou muito: porém sendo este Principe substituido por outro Vice-Rei, ficou por acabar.

Ann. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

D. Constantino naõ deixou de ter seus inimigos, que escreveraõ á Corte contra elle, e quiseraõ envenenar até as suas mais belas acçoens, porém o seu Governo foi hum dos mais prudentes, e hum dos melhores que alli houve. ElRei D. Sebastiaõ lhe fez justiça quando lhe quiz dar o Vice-Reinado das Indias á força, que elle naõ queria aceitar. E quando este Rei tornou a enviar pela segunda vez D. Luiz d'Ataide disse: „ Ide governai como D. Constantino. „

1561.
1562.

D. Francisco Coutinho Conde de Redondo, que succedeo ao Principe D. Constantino, era homem de qualidade, e merecimento bom para á guerra, e para á paz: porém conhecido, principalmente pelo seu humor jovial, e bons ditos. Empregou logo os seus cuidados em despachar os navios de carga, nos quaes partiraõ D. Constantino com Sebastiaõ de Sá, D. Antonio de Noronha sobrinho do Vice-Rei D. Affonso, e D. Antonio de Noronha Catarras. D. Antonio de No-

ro-

Ann. de J. C. 1561.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

ronha filho do Vice-Rei D. Garcia tinha morrido Governador de Malaca, seu irmaõ D. Alvaro que tinha sido Governador d'O'muz, fazendo naufragio na Aguada de S. Bras com toda a sua familia, se afogou passando huma ribeira. Havia alli ainda outros dois do nome de D. Antonio de Noronha no mesmo tempo de que falarei depois. Julguei dever fazer aqui esta declaraçaõ, para evitar a confusaõ d'esta similhança de nomes.

O Conde Vice-Rei enviou depois sem cessar, duas pequenas frotas para o estreito de Meca, contra as galeras de Zafar. D. Francisco Mascarenhas, que commandava a primeira faltando a occasiaõ de as bater, voltou sobre a Costa do Malabar, onde crusou perto de 3 mezes com pouca felicidade. A segunda commandada por Jorge de Moura, naõ fez mais do que queimar hum navio d'Achem vindo do mar Roxo. Elle estava armado de 50 peças de bronze, e tinha 500 homens d'equipagem.

Damaõ se vio ainda exposto a novas inquietaçoens da parte dos Abixins. Cid-Meriam que os commandava veio apresentar-se de fronte da praça com oito centos cavallos, e mil

ho-

ANN. de J. C. 1562.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

omens de pé. Garcia Rodrigues de
avora Governador da praça sahio a
ncontralo. Pelejou-se bem de parte
parte. Hum Religioso Dominico se
stinguio muito em animar as tropas:
a victoria se declarava pelos Por-
guezes, quando o General inimigo
zafiou para reto o Governador, que
i preciso que o rogassem para acei-
r o bilhete. Correraõ elles hum so-
e o outro com a lança enristada com
rbo. O Abixim do primeiro golpe
i deitado fora dos arçoens, e Ro-
igues cahio depois d'elle pela vio-
ncia do choque dos cavallos. Os dois
ampioens se poseraõ logo em pé, e
igaraõ como valerosos muito tempo
m igual vantagem. Hum soldado
ortuguez acabou o combate traspas-
ndo o Abixim com hum golpe de lan-
. Entaõ o inimigo se pôz em de-
rdem, deixando sobre o campo da
talha muitos mortos, muitos prisio-
iros, e muitos despojos.

Posto que o Samorim fizesse lo-
a sua paz, houveraõ sempre novos
otivos para renovar a guerra, pela
cilidade que tinha de permitir aos
ouros armamentos, de que o faziaõ
sponsavel. O Conde que naõ tinha
lo ainda alguma occasiaõ de se mos-
trar

Ann. de J. C. 1562.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

trar, quiz fazer efte Principe conftante na paz, moftrando-fe d'hum modo que fe fizeffe temer. Pôz logo no mar huma armada de 4ↀ homens em mais de 140 embarcaçoens, que eftavaõ com tudo mais preparadas, e mais ornadas para apparato d'huma fefta do que para darem huma batalha. Chegou com efta pompa a Tiracol, onde o Samorim fe achou peffoalmente. A paz jurada de parte a parte, foi acompanhada d'hum beliffimo prezente, que o Conde fez ao Samorim, já atemorizado pelo eftrondo da artilheria. O Vice-Rei voltou para Cochim fem fazer outra diligencia. Os valentes d'efta armada pacifica, que o tinhaõ acompanhado, por falta d'outros inimigos fe degolaraõ elles mefmos com dezafios, que fe pozeraõ em moda, de forte que alli houve hum grande numero d'elles mortos.

O Samorim naõ fe emendou com tudo em virtude d'huma paz que tinha feito hum pouco contra fua vontade. Alguns Paráos Malabares de Calicut correraõ fobre hum foccorro que o Vice-Rei enviou a Cananor. O Vice-Rei queixou-fe d'ifto ao Samorim, o qual refpondeo friamente „ Que elle „ naõ era refponfavel das culpas que „ po-

, podiaõ cometer alguns vaſſalos deſo-
bedientes; que os podiaõ apanhar,
e punir.,, O Vice-Rei pouco ſatiſfeito
om eſta reſpoſta, ſabendo ao meſmo
empo que mais de 80 fuſtas Malaba-
es ſe diſpunhaõ a partir para o Reino
e Cambaia com paſſaporte Portuguez,
nviou Domingos de Meſquita para as
ueimar: partio com tres embarcaçoens,
120 homens de equipagem. Com
to elle ſe conſervou na paragem de
arapataõ, e tomou até 24 d'eſtas fuſ-
s em diverſos tempos; por huma vez
uas, por outra tres, conforme ellas
aprefentavaõ. Quando elle as to-
ava, fazia paſſar a gente para os
us navios, metia as fuſtas á pique,
matava os homens que tinha toma-
, fazendo-lhe cortar a cabeça, ou
zendo-os enforcar, ou tambem fazen-
-os amortalhar nas velas das ſuas em-
rcaçoens, e deitar aſſim ao mar.
cçaõ atroz, que renovou aos olhos
Cidade de Cananor, o terrivel ex-
ectaculo, que lhe tinha dado n'outro
mpo Gonçalo Vaz de Goes, e que
ve ainda peores conſequencias, co-
o direi. Com tudo em lugar de a
nir, o Vice-Rei eſcutou friamente
queixas do Samorim, e tinha prom-
a a meſma reſpoſta, que d'elle tinha

ANN. de J. C. 1562.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1564.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

recebido , „ Que isto eraõ vassallo „ desobedientes , que os apanhassem , „ os punissem se podessem. „

No tempo deste Vice-Reinado Estevaõ de Sá , construhio hum for te em Amboine , cujo dominio tinh sido cedido a ElRei de Portugal Vasco de Sá seu sobrinho se por tou alli mal. Excitou as armas do Ilheos das Molucas , depois de te armado os d'Amboine huns contra o outros. Os Portuguezes com tudo to maraõ vantagens sobre todos.

Na Ilha de Ceilaõ Madune depo de ter desafiado os Portuguezes , o R de Costa , e seu Pai Tribuli Pandar de quem contámos o fim desgraçado tomou a sua vantagem para lhe faze depois guerra. Raju seu filho , que mostrou grande Capitaõ , desbarato succesivamente Affonso Pereira de La cerda , e D. Jorge de Menezes Ba roche ; e veio depois citiar Columbo e Cota. E posto que Balthasar Guede de Souza , lhe fizesse levantar hum e outro cerco , os Portuguezes tivera com tudo de que se instruir nesta o caziaõ , e aprender que crime he favo recer perfidos , dar-lhes a maõ , e a qu perigo o crime d'hum particular empe nhado no prejuizo da sua conciencia

e

e da ſua obrigaçaõ, expoem toda a ſua Naçaõ. Porque os Portuguezes eſtiveraõ entaõ no ponto de verem a ruina total d'hum Rei ſeu amigo, e ſeu alliado, e de ſerem expulſados elles meſmos da Ilha de Ceilaõ por hum Principe perfido, que tinhaõ poupado demaziadamente.

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastiaõ Rei

O Vice-rei morreo no fim do 3 anno do ſeu Vice-reinado quaſi de repente, ſem ter tido occaziaõ de adquirir gloria; porém com a reputaçaõ de ter amado a juſtiça.

Joaõ de Mendonça governador.

Joaõ de Mendonça que vinha de acabar o ſeu tempo no Governo de Malaca, ſe achou nomeado para ſeu ſucceſſor nas Cartas da Corte, e naõ teve o governo ſe naõ ſeis mezes. Hum novo Vice-Rei eſtava em caminho para ſucceder ao Conde do Redondo, que eſtava para acabar.

Os Embaixadores do Samorim chegaraõ quaſi ao meſmo tempo, para ſe queixarem das crueldades de Meſquita. Mendonça lhes deo a reſpoſta, que ſabia que o Conde lhes tinha preparada; com o que ficaraõ atordidos, e naõ ſouberaõ o que diſſeſſem, naõ ignorando o que o Samorim tinha reſpondido a ſimilhantes queixas. Comtudo Mèſquita tendo entrado entaõ no

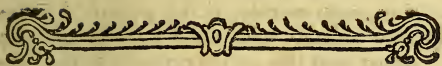
Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastião Rei

João de Mendonça Governador.

porto, Mendonça o fez prender, que satisfez hum pouco a estes Embaxadores: porém tanto que elles partirão, elle o pôz em liberdade, e o galanteou muito, como se elle o tivesse merecido bem.

Mendonça tinha hum merecimento superior á sua presença, que era pouco vantajoza. Teve postos consideraveis nas Indias, onde podia enriquecer-se; comtudo sahio pobre, e o seria ainda muito mais, se alli se demorasse mais longo tempo. Isto só forma o seu elogio.

Fim do decimo terceiro Livro.

HIS

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO XIV.

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

A Barbara expediçaõ que tinha feito Mesquita sobre a Costa do Malabar sendo alli conhecido pelos signaes funestos a sua brutal crueldade, e pelos cadaveres que o mar vomitou sobre as suas praias, alli causou huma indignaçaõ, hum odio contra os Portuguezes, taõ forte, que naõ podiaõ pensar n' elle sem horror. Huma mulher de Cananor

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

nor, cujo marido, rico e poderoso se tinha achado assacinado, transportou-se tanto com isto, que correndo as ruas toda desgrenhada, falando mais pelas suas lagrimas, e signaes da sua ira, que pelos seus discursos, truncados por suspiros, ella moveo toda a Cidade, ja bem disposta a entrar nas suas justas vinganças. Seguida de infinita gente, corre ao palacio do Rei para lhe requerer justiça; e desde entaõ como a hum toque de sino, todo o povo se pôz em armas, corre á Fortaleza, tomado d' huma especie de furor limphatico, e naõ podendo arrombar as muralhas, dezafogou a sua colera deitando fogo a mais de trinta embarcações, que estavaõ debaixo da artilharia do forte.

Tal era a disposiçaõ dos animos, e a situaçaõ das couzas, quando chegou D. Antonio de Noronha, que a Corte enviou por Vice-rei para substituir D. Francisco Coutinho que achou morto, de sorte que tomou o Governo das maõs de Mendonça, a quem tratou com todos os respeitos, e civilidades. Este D. Antonio he o que tinha sido duas vezes Governador d'Ormus. Era filho natural de D. Joaõ de Noronha, irmaõ do Vice-Rei D. Affonso. Os Autores o chamaõ communmente D. An-

Antaõ, para o destinguirem do nume-
o dos outros que tinhaõ o nome d'
Antonio.

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

Mendonça tinha ja enviado alguns
occorros a Cananor, á primeira noticia
o motim que se tinha feito. Andre de
Sousa alli conduzio seis embarcaçoens
arregadas d'armas, e de muniçoens.
Porém este soccorro sendo muito fraco,
D. Antaõ lhe enviou hum mais consi-
eravel. D. Antonio de Noronha devia
ommandar as tropas de dezembarque,
m quanto Gonçalo Pereira Marrama-
ue guardava o mar, e commandava a
rota. Os Barbaros possuiaõ o campo,
estavaõ soberbos com o seu numero;
ue em pouco tempo chegou a per-
o de 90ꝏ homens. André de Sousa
efendeo bem o terreno até á sua
norte, a qual aconteceo pouco depois.
D. Antonio de Noronha naõ o defen-
leo peor; de sorte que em muito
oucos dias os inimigos perderaõ dez
nil homens, e lhe fizeraõ hum tal
estrago, que cortaraõ ou queimaõ per-
to de 40ꝏ palmeiras. Perda irrepara-
vel para os pobres Indios destes contor-
nos, que naõ tirando o seu sustento
se naõ do arros, e das palmeiras;
deviaõ sentir muito esta perda. E a
este respeito eu direi o que contaõ
do

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebaſtiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

do Vice-Rei D. Joaõ de Caſtro, que tinha o coſtume de dizer quando vi cortar huma palmeira, „ Que era „ meſmo, que ſe mataſſem hum In„ dio. „

Como as hoſtilidades naõ faziaõ mais do que accender o dezejo da vin gança, os inimigos ſempre cheios d confiança ſobre o ſeu grande numero reſolveraõ dar hum aſſalto aos entrin cheiramentos da povoaçaõ. D. Paio de Noronha foi d'iſto aviſado por hum Naire da Corte, que ſendo amigo da Fortaleza ſervio ſempre bem, e era bem inſtruido. Os que quiſeraõ retirar-ſe para á Fortaleza, ſe retiraraõ; porém D. Antonio de Noronha quiz ficar na povoaçaõ com as ſuas tropas: ſe era iſto ſabedoria, ou ciúme do governo, eu naõ o direi. O que quer que foſſe, deſde o principio do dia os Indios tendo na ſua frente o Ada-Raia deraõ o aſſalto ás trincheiras, e alli entraraõ perto de 2ꝏ. Os Portuguezes preparando-ſe para o combate pelos Sacramentos, ſuſtentaraõ o esforço dos inimigos com muito valor nos differentes quarteis para onde ſe eſpalharaõ. D. Antonio de Noronha, Manoel Travaſſos, os dois irmaõs Betancourts, Thomé de Souſa Coutinho

e

Gaſpar de Brito, ſe deſtinguiraõ da hum no ſeu. Dois Muſſas, ou acizes procuraraõ animar o valor dos us que afrouxava: dois Religioſos S. Franciſco fizeraõ o meſmo da a parte. Em fim durando o combate todo o dia, o inimigo ſe retiu, deixando no campo 50 mor-s. Os Portuguezes victorioſos com uco cuſto, ſe retiraraõ com tudo ra á Fortaleza, onde deraõ graças a eos da ſua victoria.

Ann. de J. C. 1565.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

Gonçalo Pereira Marramaque cheu por entaõ com a ſua frota conſindo Alvaro Peres de Sotomayor, e vinha ſubſtituir D. Paio de Nonha. Ambos continuaraõ a guerra, queimaraõ todo o bairro do Adaia, onde cortaraõ tambem hum boſe de Palmeiras.

O Vice-Rei tinha penſado em reçar de novo os ſoccorros enviados Cananor, e tinha deſpachado Paulo Lima Pereira com quatro navios. ma tinha já feito belas acçoens quan crusou ſobre a Coſta do Malabar, depois fez maiores. Porém neſta ocſiaõ, ainda que adquirio huma gran gloria, naõ pôde executar a ſua mmiſſaõ. Porque encontrando hum mador Malabar, que tinha corrido

a

Ann. de J. C. 1565.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VIDE-REI.

a Costa do Norte com sete paráos onde tinha feito grossas presas, tev com elle trabalho. Dois d'estes Ca pitaens da esquadra de Lima fugira felismente. Bento Caldeira, commanda va a terceira embarcaçaõ a qual foi que mada, e a pique. Lima depois de so frer muito tempo o esforço de tre paráos os vio todos sete unidos contr si. O combate durou mnito tempo co menos perda para elle, que para o inimigos. Com tudo perdeo mu tos dos seus, e recebeo quatro fer das. Neste estado, longe de perde o animo, animou tanto os seus, a sim á força das suas exortaçoens, co mo á força de espalhar dinheiro, qu tornando ao posto, os inimigos aba lados da sua firmesa, fugiraõ, e deixaraõ em liberdade. Porém naõ e tando em figura d'hir a Cananor to nou para Goa. D. Pedro de Sá e Me nezes foi mais felis; porque encon trando outro armador, que crusav para ás Maldivas com dezasete paráo lhe tomou 5, e entre elles o do A mador, que foi morto no combate, desbaratou o resto.

A guerra de Cananor depois d durar dois annos sem algum succes consideravel, naõ tendo mesmo os in mi-

zos feito cerco formal, foi em fim
minada, ou suspênsa pelo requeri-
nto que o Rei fez da paz, obri-
lo a isto, e a acceitar as condiçoens
e lhe quiseraõ prescrever, pelas des-
içoens que Gonçalo Pereira fez ge-
mente sobre a Costa.

Ann. de J. C. 1566.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

Fazia-se a guerra na Ilha de Cei-
, com mais arte, e continuaçaõ,
sto que com motivos menos justos.
ia filho de Madune com hum po-
roso exercito mostrou querer sitiar
lumbo, e veio acamparse entre
a Cidade, e a de Cota, á qual
ostrou depois prender-se. Quando
sviou toda a attençaõ dos Portugue-
s d'aquella parte, se avançou de
ite para Columbo, onde plantou es-
ada. Diogo de Ataide, que alli
mmandava susteve dois assaltos com
uito vigor. Apparecendo o dia, ven-
Raja que o seu tiro lhe errara,
ltou para o seu campo, depois de
rder nestes assaltos perto de 500.
mens. Esperou ser mais feliz em
ota, e fez logo trabalhar em desviar
agoas, em que consistia toda a força
praça. D. Pedro d'Ataide, que com-
andava em Cota, impedio o effeito
este trabalho com a sua mosquetaria,
atou mais de 300 pioens, e obri-

gou

Ann. de J. C. 1566.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

goú os outros a deixarem a patri Jorge de Mello Governador da Ilh de Manar, penſou em ſacudir os ſiti dos, obrigando o Reì de Candé fazer huma diverſaõ. Eſte Principe fez, e deſtruhio as terras de Madun Raju naõ ſe mudou, e continuou cerco eſperando tomar a praça, pel ſuas intelligencias, ou pela fome, qu já ſe fazia ſentir. D. Pedro d'Ataid deſcobrio ós Autores da conſpiraçaõ na qual entravaõ alguns Portuguezes que trouxe para ás ſuas obrigaçoen com a ſua doçura. Naõ era taõ fac de achar hum remedio para á fome que apertava cada vez mais.

Raju naõ quiz com tudo eſpera o effeito, e ſe determinou a eſcala a praça em huma noite. O ſeu di ſignio foi penetrado: a mulher d'un Chingules veio dar d'iſto aviſo á pra ça, onde tinha hum amante. D. Pe dro deſpachou D. Diogo de Ataide Columbo, para lhe dar aviſo do di ſignio de Raju, e advirtir-lhe que ſ pozeſſe em marcha para attacar o cam po inimigo tanto que ouviſſe o eſtron do da artilheria. Raju plantou a eſ calada tanto que entrou a noite, co mo tinha projectado. Achou em tod a parte huma reſiſtencia que naõ eſ-

pe-

Ann. de J. C. 1566.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

ava. Naõ deixou com tudo de en-
r na praça por duas partes; porém
Rei de Cota, e D. Pedro recor-
do a hum dos poſtos, e Eſtevaõ
nçalves ao outro, tornaraõ a ganhar
que ſe tinha perdido.
D. Diogo d'Ataide, a quem ſe
ha unido Jorge de Mello Governa-
da Fortaleza da Ilha de Manar
n cem homens, ſe achou no lugar
ſtado á hora dada, porém naõ fi-
aõ outra coiſa mais que lançar fo-
ao campo inimigo, e retirarſe mui-
depreſa para Columbo, com me-
de que a praça naõ ficaſſe ſem de-
ſa. Raju tanto que amanheceo le-
tou o cerco, e ſe retirou para
itavaca D. Pedro temendo que el-
voltaſſe, fez procurar entre os ini-
gos mortos até 400. dos mais gor-
, que fez ſalgar como hum reme-
contra a fome. O Guardiaõ dos
ncifcanos lhe quiz fazer eſcrupulo,
ſer huma carne, que elle preten-
ſer prohibida pela noſſa Religiaõ.
Pedro pretendeo juſtificala pela ne-
ſidade que naõ tem lei; porém el-
naõ foi neceſſaria. Raju naõ tor-
. Cota por conſentimento do Rei foi
mantelada, e eſte Principe tornou
a Columbo, onde teve huma guer-
ra

Ann. de J. C. 1566.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

——ra mais terrivel a ſuſtentar pela inſa
ciavel cubiça dos Portuguezes que all
governavaõ, do que a que lhe tinh
feito o inimigo.

A fortuna apreſentou entaõ a e
te pobre Principe huma eſpecie d
relampago que lhe fez eſperar pod
ſacudir o jugo em que gemia, e p
huma deſtas eſtravagancias que pr
duzem communmente o Paganiſmo,
a ſuperſtiçaõ. Os Agoureiros do R
de Pegu lhe tinhaõ perſuadido que
ſua fortuna dependia de que cazaſ
com huma filha do Rei de Cota. Na
balançeou em enviar por taõ frac
fundamentos ſeus Embaixadores para
fazer pedir. O Rei do Pegu era e
taõ hum dos mais poderozos Princ
pes do Oriente, naõ ſómente pela r
queza, e a extençaõ dos ſeus Eſtado
mas tambem pelas victorias que tin
ganhado ao Rei de Siaõ na celeb
guerra, que tiveraõ a reſpeito d'hu
Elephante branco, que eſte ultimo po
ſuhia. Naõ podia acontecer coiſa ma
agradavel ao Rei de Cota, que e
hum Monarcha muito pequeno em com
paraçaõ do outro, que huma tal a
liança. Porém elle naõ tinha filh
A iſto naõ achava elle outro remedi
ſe naõ perfilhar huma, que era do ſe

Ca-

ımareiro mór. E para fazer o prefen- mais agradavel, o acompanhou com tra falſidade, que foi hum dente ſu- ſto, ſimilhante ao que o Vice-Rei . Conſtantino tinha tomado no the- uro de Jafanapatam, e que tinha re- ſido em pó. O Rei do Pegu re- beo a ſua eſpoſa, e o prezente do nte, com huma ſatisfaçaõ extraordi- ria. Porém o ciume naõ deixou por uito tempo o Rei de Cota gozar do ıcto do ſeu engano. O Rei de Can- ſeu inimigo deſcobrio a ſuppoziçaõ filha, e do dente, offerecendo ſua parte huma das ſuas filhas, e tro dente, que naõ era menos fal- que o primeiro. Mas ou porque o ei de Pegu eſtiveſſe contente com á a eſpoſa, ou que julgaſſe indecoroſo oſtrar que fora enganado, conſervou que tinha feito. O Rei de Cota m tudo naõ tirou d'iſto as vanta- ns que eſperava, e ficou ſempre á ercê dos Portuguezes.

Ann. de J. C. 1567.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

A Rainha d'Olala, ou de Manga- : naõ eſtava ainda de todo manſa onſultando menos as ſuas forças, e o ſeu odio, motivado pelos eſtra- s que lhe tinhaõ feito, penſava tam- m a eſcoar-ſe a huma obediencia olenta. O Vice-Rei reſolveo por-lhe

hum

Ann. de J. C. 1567.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

hum freio edificando huma Fortale za na ſua Cidade. Enviou-lhe log D. Franciſco Maſcarenhas com 27 em barcaçoens pequenas, e o ſeguio pou co depois com 7 galeras, dois galio ens, 5 fuſtas, e 3ɸ homens de de ſembarque.

A Cidade de Mangalor eſtava ſ tuada muito perto do mar, ſobre hu ma ponta que formavaõ os dois bra ços d'hum pequeno rio. Hum mur tirado d'hum braço ao outro fazia tod a ſua defeſa. Os Portuguezes ſaltand em terra ſem obſtaculo, ſe acampa raõ muito perto da Cidade com e ra confiança, que ſendo o principio d toda a injuſtiça para com hum inim go que deſprezavaõ, degenera tamber algumas vezes em huma preſumpça temeraria, e funeſta. Naõ ſoment naõ tomàraõ cautela para ſe alojarem porém accendendo por toda a part grandes fogos, pozeraõ-ſe nos termo de paſſarem huma parte da noite er comer, e beber, e a jugar. Se o inimigos tomaraõ iſto como hum in ſulto, como deviaõ, elles ſe vingara bem logo por huma ſortida de 2ɸ ho mens, feita tanto a tempo, que cahi raõ ſobre os Portuguezes antes que el les o percebeſſem. O bairro de D

Fran-

rancifco Mafcarenhas, que comman-
ava a vanguarda foi o mais mal tra-
do. A obfcuridade da noite favore-
a os agreffores, e o primeiro fuf-
dos Portuguezes fez com que el-
s fe prejudicaffem muito a fi mef-
os, e que morreffem muitos pelas
as proprias armas. Mathias d'Albu-
ierque alli recebeo muito grandes fe-
las, que ficou como morto, e efca-
ou por huma efpecie de milagre. A
ovidencia o refervou para maiores
ifas, porque foi efte hum grande
mem que depois fe diftinguio mui-
.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

Efta pequena infelicidade naõ im-
dio que a Cidade foffe tomada no
tro dia vefpera de Reis, e naõ fez
is que dar aos Portuguezes maior ar-
r no attaque. O dezejo de fe vingar,
le apagar a fua injuria, lhes fervio
no d'aguilhaõ para expertarem o feu
or. A Rainha fe falvou nos mon-
, e o Vice-Rei Senhor do terre-
, nelle lançou os fundamentos a huma
rtaleza, a quem deo o nome de S. Se-
ftiaõ, affim por fer efte o nome d'El-
i de Portugal: como porque a primei-
pedra foi lançada no dia que a Igreja
ebra a fefta d'efte grande Santo.
nova Fortaleza foi pofta em eftado

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

de defenſa perto do meado de Março O Vice-Rei deixando n'ella para governar a D. Antonio Pereira ſeu cunhado, com 300 homens, e proviſoen para ſeis mezes, voltou para Goa onde outros negocios pediaõ a ſua preſença.

Malaca ſoſtentou hum novo cerc no Vice-Reinado de D. Antaõ. C Rei d'Achem ſe tinha ido alli apreſentar, conduzindo com ſigo as ſua mulheres, e os ſeus filhos, como hur homem que preſumia de a toma ſeguramente. D. Leonis Pereira fazi huma feſta fora dos muros em honra d nacimento d'ElRei D. Sebaſtiaõ, quando a frota dos Acheneſes appareceo Só D. Leonis ſe naõ perturbou nada continuou o ſeu jogo de canas, antes ſe aproximou hum pouco mai á praia, como para dar a entender ao inimigo, que o temia pouco As ſuas forças eraõ com tudo formidaveis. Eſta confiança do Governado foi hum felis preſagio da victoria. Con effeito o Rei d'Achem depois de diverſos attaques, em que elle ſempr ficou de baixo, foi obrigado a abandonar a empreſa antes da chegada d ſoccorro, que o Vice-Rei enviou da Indias, e da vinda das tropas que

Rei

Rei d'Viantana, alliado por entaõ dos Portuguezes, condusia pessoalmente. O Rei d'Achem perdeo neste cerco ↀ homens, e o Princepe seu filho que elle tinha provido no Reino d'Auru.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

Os Indios Idolatras da Ilha de Salsette, onde a fé fazia grandes progressos, tinhaõ entrado a molestar os novos Christaõs, e demoliraõ algumas das suas Igrejas. Hum tal atrevimento inflammou o zelo dos Portuguezes, e principalmente do Vice-Rei, que era cheio de piedade, e dava hum grande favor a tudo o que pertencia á Religiaõ. Enviou finalmente tropas para á Ilha, onde destruiraõ todos os monumentos da Gentilidade, e arruinaraõ mais de 200 Pagodes.

Foi esta huma das ultimas coisas que se fizeraõ no Vice-Reinado de D. Antaõ de Noronha, o successor do qual chegou no mez d'Outubro d'este mesmo anno. Entregando-lhe Noronha o Governo na forma ordinaria, embarcou para Portugal, onde naõ chegou, pela morte lhe atalhar o caminho. Tinha servido bem nas Indias, e tinha adquirido honra em todos os empregos que alli teve, e se tinha principalmente distinguido pelo seu grande desenteresse.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

D. Luiz d'Ataide Conde d'Atou
gia foi o fucceffor de Noronha ,
o primeiro Vice-Rei que enviou D
Sebaftiaõ , fora já do poder dos feu
tutores. Era efte hum homem de me
recimento , e tal como o requeriaõ a
circunftancias do tempo para a falva
çaõ da fua Naçaõ. Era ja bem conhe
cido nas Indias , onde tinha fervido
com tres Vice-Reis , ou Governadores
Tinha-fe diftinguido em Affrica , po
rém principalmente em Alemanha n
guerra que o Imperador Carlos V. fez ao
Lutheranos confederados. Enviado po
Embaixador a efte Principe , e che
gando pouco antes da batalha em qu
o Duque de Saxe foi desfeito , e fi
cou prefioneiro, elle quiz abfolutamen
te ter parte nefta acçaõ. O Impera
dor lhe fez prezente d'hum beliffim
cavallo , e das fuas armas , que ell
empregou muito bem nefta jornada
falvando a Aguia Imperial. O Im
perador para recompençar o feu valor
o quiz armar Cavalleiro com a fu
maõ ; porém elle recufou efta honra
e caufou ciúme a efte Principe , di
fendo-lhe que tinha fido armado Ca
valleiro no monte Sinai por D. Efte
vaõ da Gama , o que efte Princip
naõ pôde deixar de lhe invejar par
fi

mesmo, assim como já notei em u lugar.

Ann. de J. C. 1568.

Os Autores Portuguezes respeitaõ . Luiz d'Ataide como o restaurador sua Naçaõ nas Indias, e o comraõ a Noé, ou a Deuccaliaõ depois diluvio, o que pode ser verdade; orque no seu tempo carregaraõ granes negocios sobre os seus hombros, e orque as coisas foraõ redusidas a huma situaçaõ, que outro qualquer, a naõ r elle, ficaria talvez submetido, e m elle os Portuguezes teriaõ chedo ao momento da sua total ruina.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

A Monarchia Portugueza, mui- pequena para sustentar tantas conistas, e prover no mesmo tempo tantos lugares, e precizoens difentes, se cançava por si mesma, e ava abatida pelo seu proprio pezo. fim do Vice-Reinado de D. Consntino he considerado como a epoca que naõ havia já nenhum dos prieiros Conquistadores, que tinhaõ serlo com os Almeidas, e os Albuerques. A maior parte dos Portuezes do serviço tinhaõ nacido na dia. Conhecia-se já huma grande ferença entre aquelles, e o pequeno mero dos que vinhaõ do Reino. A undancia, e as riquesas tinhaõ engol-

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

golfado os primeiros em hum fausto e em hum luxo, que juntos com doçura do clima, os tinhaõ inteira mente enfraquecido. Pelo contrario o feus inimigos fortalecidos pelo concur fo de muitas Naçoens beliciosas, es tavaõ guerreiros, e animosos pela guer ra, que os Portuguezes lhes tinhaõ fe to, e tinhaõ tirado forças das sua proprias perdas. Sem embargo disto como estes conservaraõ sempre hum muito grande superioridade á sombr das suas victorias passadas, e de al gumas mediocres vantagens presentes havia sempre entre elles indiscretos e pouco prudentes, que continuara a irritar as Naçoens Indias, e pel jugo odioso que elles agravavaõ sobr os seus amigos, e sobre os seus al liados, e pelas vinganças excessivas qu exercitavaõ com aquelles que lhes fa ziaõ alguma resistencia, principalmen te quando sentiaõ que estes inimigo naõ eraõ capazes de lhes resistir mui to tempo.

O Negocio de Calicut tinha sid desta natureza. Odioso para os Portu guezes que o tinhaõ movido, tinha re dundado em seu proveito, porque es te Estado muito pequeno para luta com forças superiores ás suas, naõ ti nha

ha conseguido mais que novas infe-
cidades, emprehendendo sustentar a
stiça da sua causa. Porém o odio
esta guerra, fazendo impressaõ em to-
a a parte onde foi levado, os maio-
s Principes do Indostam se ligaraõ,
ra protegerem a causa dos fracos,
ue consideraraõ como causa commua.

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Antes de hir relatar hum successo
ue pôz a Naçaõ Portugueza proxi-
a a perder-se nas Indias, e que foi
mbem o ultimo esforço do seu valor,
a do juizo do General que a comman-
va, nos he precizo remontar a tem-
os superiores, e repetir as couzas
um pouco mais de longe.

A guerra que tinhaõ tido entre si
ntigamente os Reis de Decaõ, e de
arsinga, dois dos mais poderosos
rincepes do Indostam, ficou como
uspensa, ou amortecida pela divisaõ
ue se fez no primeiro d'estes dois
stados; o que aconteceo pouco antes
o tempo da chegada dos Portuguezes
s Indias. Os Senhores particulares
esmembrando este Reino em muitos
edaços, assim como já disse, estes
enhores se combateraõ muito tempo.
m fim estando redusidos só a tres
rincipaes, estes 3 Principes se reuni-
aõ. Eraõ estes o Idalcaõ, Nisamaluco,

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

e Cotamaluco, que se concertaraõ d
pois para entrarem no Reino de Na
singa, como fizeraõ com huma fe
cidade muito maior do que podi
esperar. Conta-se que o seu exerci
era de 50⅌ cavalos, trezentos n
Infantes, com hum numero prodigio
d'Elephantes, e de peças d'artilheri
Christna-Raia Rei de Narsinga de id
de de 96 annos, porém robusto aind
e cheio de valor, se pôz em camp
com hum exercito ainda superior e
numero, e veio sahir-lhes ao enco
tro. Tinha-os ja reduzido a hum tris
estado, quando a sorte das armas, qu
he jornaleira, lhe arrebatou todas
suas vantagens em huma batalha d
cisiva: onde perdeo o Reino com
vida, sinco mezes depois os Princi
pes ligados se fizeraõ senhores de Bi
naga Capital do Reino. E posto qu
os vassalos do Rei vencido d'alli tive
sem tirado todo o thesouro das sua
pedras preciozas, que querem qu
fosse mais rico, que os de todos os Rei
da India juntos, e mil e quinhento
Elephantes carregados d'Ouro, e d
effeitos preciozos, os vencedores a
charaõ ainda no saque d'esta praça
riquesas immensas. Com isto o Rein
de Narsinga ficou taõ abatido que ne
nhum

nhum dos sobrinhos do Rei defunto, que repartiraõ os seus Estados, ousou tomar o titulo de Rei; e aquelle que as suas terras se acharaõ mais visinhas ao Idalcaõ, foi obrigado a fazer-se seu tributario.

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Soberbos com estes progressos, e com a felicidade da sua uniaõ, o Idalcaõ, e Nisamaluco se concertaraõ tambem, para voltarem as suas armas contra os Portuguezes, dos quaes naõ podiaõ sofrer já as altivezas, e crueldades. E como tinhaõ poucos portos, determinaraõ fazer entrar na sua liga o Samorim, que tinha sempre á maõ huma quantidade de frotas, e de armadores. „ A guerra devia fazer-se „ até a destruiçaõ inteira dos seus ini- „ migos. Cada hum dos Reis allia- „ dos devia fazer a guerra em pessoa, „ e entrar ao mesmo tempo em cam- „ panha com todas as suas forças. Ti- „ nhaõ repartido entre si as suas con- „ quistas futuras. A Ilha de Goa, Onor, „ Bracalor, e as terras visinhas deviaõ „ pertencer ao Idalcaõ. Chaul, Damaõ, „ e Baçaim a Nizamaluco. Cananor, „ Mangalor, Challe, e Cochim ao „ Samorim. Nizamaluco devia come- „ çar pelo cerco de Chaul. O Idal- „ caõ pelo de Goa. O Samorim pe-

„ lo

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

„ lo de Challe, e devia além d'ist
„ meterſe ao mar com as ſuas armadas
„ E para que o Vice-Rei naõ ſoube
„ ſe aonde acudiſſe, e foſſe embaraça
„ do pela diviſaõ, que devia fazer da
„ ſuas tropas, tinhaõ feito entrar n
„ liga o Rei d'Achem, que devia ſ
„ tiar Malaca, e haviaõ ſolicitar
„ Gram-Senhor para fazer diverſaõ d
„ parte do Golpho Perſico do Re
„ no de Cambaia. Em fim nenhu
„ dos Principes alliados devia retira
„ ſe da liga, para fazer o ſeu trata
„ do á parte, e deviaõ tomar 5 an
„ nos antes para fazerem os prepara
„ tivos d'eſta guerra, cujo project
„ em todo aquelle tempo, devia con
„ ſervar-ſe muito ſecreto. „

Havia perto de 4 annos que eſt tratado eſtava concluido, e que o preparativos ſe faziaõ alli com todo ſegredo ajuſtado, quando D. Luiz Ataide chegou ás Indias, de ſorte qu ainda naõ tinha bem comprido hu anno quando arrebentou a conjuraçaõ Eſte tempo lhe era neceſſario par reſtabelecer os negocios, que eſtava em muita deſordem. A fortuna lh apreſentou com iſto novas conjun ćturas, que o obrigaraõ a fazer pre parativos, os quaes naõ tendo ſervi do

do para os grandes projectos que elle meditava, ferviraõ infinitamente para a neceffidade a que fe achou redufido.

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Para perceber bem o feguimento de todas eftas coifas, nos he precifo tornar tambem ao Reino de Cambaia, que tinha tomado huma nova face, e onde fe tinhaõ feito grandes mudanças

Chinguifcaõ depois do affacinio cometido na peffoa de Cedemecaõ feu tio, fe tinha feito taõ poderofo no Reino, qne afpirava abertamente a pôr a Coroa na fua cabeça. Desbaratou logo os dois Governadores Abiçins, Alurcaõ, e Jufarcaõ, que na frente de fete, ou oito mil homens, formavaõ hum Eftado independente, e fe aproveitavaõ das divifoens, pondo-fe da parte do mais forte, ou do mais fraco, conforme o que melhor convinha aos feus entereffes. Chinguifcaõ voltando depois as fuas armas victoriofas contra Itimiticaõ, que eftava Senhor da peffoa do Soberano, o redufio a acceitar huma batalha, e o deftruhio inteiramente. Itimiticaõ era hum Indio, nafcido de parentes Idolatras, homem de fortuna, que fe tinha feito conhecer no tempo de Sultaõ Badur, o qual mais politico, que valente, tinha fempre de tal modo condu-

fi

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

sido os seus negocios, que tinha ch gado aos primeiros postos no reinac de Mahmud, successor de Badur, a entaõ, que depois da morte d'este venceo as preferencias para á Regen cia, e chegou em fim a fazer-se S nhor da pessoa do moço Monarch Tendo assim tomada a auctoridade sob os seus competidores, soube de mo do embaraçar huns com os outros que os pôz a todos no ponto de s destruirem mutuamente, e consegui isto por diversos meios, sempre d modo que naõ apparecia nisto, se na pelo zelo que mostrava tomar nos seu enteresses.

A reputaçaõ em que estava Iti miticaõ d'homem de juizo, naõ ser vio pouco para o conservar no se posto, porém os ciumes da Corte ten do-o attacado, meteraõ tantas suspei tas no espirito do moço Rei, que este Principe resolveo desfazer-se d elle, e o teria conseguido, se elle naõ tivesse acautelado, fazendo-o cahi em hum laço no qual este Principe fo morto. O Reino de Cambaia achan do-se entaõ sem Senhor, todos os pequenos Tyranos que alli se tinhaõ estabelecido, começaraõ a levantar mais a cabeça, e largaraõ a redea á sua

am-

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

ambiçaõ. Itimiticaõ era tambem o mais poderoſo, e conſervava huma grande ſuperioridade, até que experimentando do meſmo modo as diſgraças da fortuna, foi desbaratado por Chinguiſcaõ. Porém ainda entaõ elle naõ ſe perdeo, e recorreo aos ſeus artificios ordinarios. Fez ſemblante de querer ſubmeter-ſe ao vencedor, e obrigou os dois Generaes Abixins a fazer o meſmo. Chinguiſcaõ da ſua parte fingio approvar hnma conciliaçaõ, que parecia muito bem conduſir para á ſua proſperidade. Com tudo como a má fé era o principio de todos os movimentos d'huma parte, e d'outra, com as apparencias da mais bela reuniaõ, firmaraõ mutuamente laços. Chinguiſcaõ tinha dado ordens ſecretas para fazer matar os Generaes Abixins na Cidade d'Amadaba, Capital do Reino de Cambaia, em huma feſta que devia alli fazer-ſe, e para onde ſe tinhaõ convidado. Itimiticaõ, e os dois Generaes eſperando alguma coiſa ſimilhante da parte de Chinguiſ-caõ, determinaraõ tambem faze-lo matar no caminho. Chinguiſ-caõ que ſe avançava para Amadaba, fazendo conta com o ſucceſſo da ſua traiçaõ, foi tomado pela dos outros, e aſſaci-

na-

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

nado. Os feus thefouros foraõ logo ap nhados, e as fuas tropas achando- fem Chefe, attacadas inopinadame te no efpanto defte affacinio, for tambem decipadas, e depois incorp radas por huma efpecie de tratado n tropas dos matadores do feu Genera

Depois da deftruiçaõ efte tyr no, Itimiticaõ vendo bem que o Re no de Cambaia fluctuaria fempre e huma efpecie de incerteza entre di ferentes Senhores, em quanto naõ vi fem fobre o Trono o fangue d feus Sobranos, teve audacia de fupp hum filho a Sultaõ Mahmud, e efc lheo para figurar nefte lugar hum d feus proprios, que tinha feito cre em fegredo, e que ninguem fabia q lhe pertencia. Fingio a fabula co tanto artificio, que efte menino f reconhecido pelo nome de Sultaõ M dre-Faxa; e como era de muito be prefença, e na idade de dez ann que entaõ tinha, moftrava grandes e peranças, o povo fe declarou a fe favor, até moftrar que amava o fe engano.

Com tudo o Soberano d'hu Reino fituado entre o de Delli, e d Cambaia, chamado Miram, que de cendia por linha direita dos Reis d Cam-

Cambaia, tendo hum enteresse muito ppoſto á velhacaria d'eſta ſuppoziçaõ, onceboe o diſignio de tornar a en-ar na herança de ſeus pais, e jul-ou que lhe ſeria facil de conſeguir podeſſe obrigar os Portuguezes a judalo na ſua empreza. Para eſte ef-ito enviou muito ſecretamente ſeus mbaixadores ao Vice-Rei, para lhe xpôr a juſtiça das ſuas pretençoens, offerecer-lhe no meſmo tempo mui- grandes vantagens pelos ſoccorros ie eſperava. „ Eſtas vantagens con-ſiſtiaõ na ceſſaõ que lhe fazia do Porto de Surrate, e d'outra praça que lhe conviefe á ſua eſcolha ſobre a Coſta de Cambaia. Obrigava de mais a dar-lhe duzentos mil cruſa-dos em dinheiro, para ás deſpezas da guerra, pagos adiantados, e que devia enviar a Damaõ, antes que O Vice-Rei fizeſſe coiſa alguma do que ſe lhe requeria. Conſentia igual-mente que ſe apoderaſſe logo das duas praças prometidas, e em ſatisfaçaõ d'iſto naõ lhe pedia mais do que 500 homens debaixo da con-ducta d'hum bom Official, os quaes ſeriaõ ſuſtentados á ſua cuſta. Deze-java tambem ter com elle huma pra-ctica em alguma parte de Cambaia,

„ que

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ D. ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

„ que elle quizeſſe eſcolher para tr
„ tarem ambos ſobre eſte negocio
„ no qual lhe pedia tambem mui
„ grande ſegredo, a fim de poder
„ brar d'accordo, e ſurprender os t
„ ranos do Reino de Cambaia, q
„ naõ eſperavaõ eſta irrupçaõ. Pedialh
„ com tudo que naõ emprehende-
„ nada, ſem ter novos aviſos da ſu
„ parte, porque antes de começar e
„ te grande negocio, lhe faltavaõ ai
„ da algumas medidas para tomar,
„ certas coiſas que ajuſtar. „ Eſtes o
ferecimentos eraõ muito vantajoſos p
ra que o Vice-Rei os deſprezaſſe, d
ſorte que reſpondeo a eſte Princip
conforme em tudo aos ſeus deſejos
e deſpedio os ſeus Embaixadores mu
to ſatisfeitos.

Depois da morte de Chinguiſca
Roſtumecaõ, e Agalucaõ dois dos ſe
Officiaes, que tinhaõ por ſeu reſpeit
as duas praças de Baroche, e de Su
rate, que lhes tinha confiado, ſe ſub
levaraõ, e ſe fizeraõ fortes cada hu
na ſua Cidade com as tropas que t
nhaõ ás ſuas ordens. As tropas do
Mogols, que corriaõ o Reino em nu
mero de mais de tres mil debaixo d
hum Chefe independente, o qual a
pirava a ſe apoderar d'huma porça
d'eſ-

'efta bela Coroa, ou mefmo chegar pola fobre a cabeça, foraõ cahir obre o primeiro d'eftes dois Capitaens, o fitiaraõ em Baroche. Roftume-aõ opprimido, fe encaminhou ao Vi-e-Rei, fazendo-lhe faber que lhe en-regaria a praça, antes do que confen-r vela no poder dos Mogols. D. ires Telles de Menezes que lhe foi nviado, naõ fómente lhes fez levan-ar o cerco, mas tambem os deitou ora de todo o territorio de Barroche, nde tinhaõ fortificado alguns poftos. oftumecaõ livre d'hum inimigo que cançava, moftrou bem o feu reco-hecimento pagando groffamente as efpezas da armada; porém naõ oi taõ docil á notificaçaõ que lhe fi-eraõ para entregar a praça. Ufou e demoras, e guardou a coifa para anno feguinte, prevendo bem que eria ainda precizaõ dos Portuguezes. orem o Vice-Rei picado da fua má , naõ quiz mais ouvir falar em en-ar com elle em algum tratado. Os Mo-ols naõ ignoravaõ o feu defcontenta-iento, voltaraõ fobre Roftemaçaõ, e o taçaraõ de taõ perto efta vez, que defpojaraõ.

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

1568.

1569.

Agalucaõ eftava mais focegado m Surrate. Procurava confervar-fe

Ann. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

com os Portuguezes, e tinha feito p
dir ao Vice-Rei paſſaportes para en
viar dois navios a Meca. O Vic
Rei eſtava deſcontente d'elle, porqu
tinha enviado ao Rei d'Achem hu
navio carregado d'artilheria. O Vic
Rei eſtava além d'iſto mal informad
ſuppondo que Agalucaõ, naõ julgand
poder conſervar-ſe em Surrate, pe
ſava retirar-ſe para Meca com tod
os ſeus effeitos. D. Pedro d'Almei
o deſenganou ſobre eſte ponto: na
obſtante iſto o Vice-Rei deo orde
a Almeida, que nunca mais deſſe paſſ
portes, que vigiaſſe os navios, de
confiando bem que os carregariaõ,
que naõ deixaſſe de os tomar, tant
que ſe fizeſſem á vela, o que Alme
da executou no meſmo tempo, qu
Aires Telles de Menezes hia dar ſo
corro a Roſtumecaõ. As duas preſ
foraõ eſtimadas em cem mil cruzado
pondo as fazendas no mais baixo pr
ço, ſem falar no caſco dos navios d
quaes hum era do porte de mil t
neladas.

Eſta tomadia foi d'hum grand
ſoccorro para o Vice-Rei, para ſupri
as deſpezas das grandes armada
que tinha no mar de todas as partes
e d'outra mais conſideravel, que pre
pa-

parava ainda. Com tudo eſte nego-
cio embaraçando Agalucaõ com os
Portuguezes, eſtavaõ á lerta da parte
de Damaõ, e em toda a viſinhança
de Surrate. O Vice-Rei foi obrigado
por iſto a enviar huma frota ao Gol-
pho de Cambaia. Nuno Velho Perei-
ra que a commandava fez taõ boa guar-
da, e conſervou tambem os ſeus navi-
os d'huma parte, que os inimigos naõ
lhe tomaraõ nenhum, e da outra os
apertou tanto, que como naõ podia
entrar nem ſahir nenhum Navio mer-
cante no porto de Surrate, Agalucaõ
foi obrigado a recorrer ao Samorim para
o tirar da oppreſſaõ. O Samorim eſtava
muito inclinado a dar-lhe goſto; po-
rém elle meſmo eſtava apertado por
D. Diogo de Menezes, que correndo
a Coſta do Malabar, lhe tinha toma-
do, ou queimado quantidade de embar-
caçoens no mar, e nos ſeus portos; e
deſſolado muitas povoaçoens, e tinha
mais que penſar nos ſeus proprios ne-
gocios, que nos d'outrem. Com tudo
a cubiça que tinha de ſoccorrer Aga-
lucaõ, e a eſperança que aquilo meſ-
mo faria huma diverſaõ favoravel aos
ſeus intereſſes, fez com que elle
deſſe ordem a aprontar humas vinte em-
barcaçoens, as quaes juntas ás d'Aga-

K ii lu-

Ann. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

——— lucaõ poderiaõ fazer cara a Velho Pe reira, e dar-lhe caſſa.

O Vice-Rei ſendo d'iſto infor mado, enviou ordem a Velho que ſe retiraſſe a Damaõ, onde elle naõ fo inutil. Alvaro Pires de Tavora, que tinha ſuccedido no Governo d'eſt praça a D. Pedro d'Almeida, ſendo fatigado da viſinhança da Fortaleza de Parnel, ſituada a 3 legoas de Damaõ, que lhe dava huma muito grande ſugei çaõ, formou o diſignio de a tomar a hum Official Mogol, que eſcoan do-ſe á obediencia do ſeu Chefe, ſe tinha apoderado della. A Fortaleza eſ tava ſobre huma montanha de quaſi hu ma legoa levantada, e muito eſcarpada. O Official Mogol alli tinha cem caval los, e perto de 7 ou 8 centos homens de pé, Velho foi encarregado da co miſſaõ; porém como ignorava que a praça eſtiveſſe taõ forte, e a guarniçaõ taõ numeroſa, teve trabalho a primei ra vez para ſahir d'ella com honra e voltou ſem fazer nada. Voltando a ella ſegunda vez com duas peças de artilheria, e maiores forças, bateo a praça por 8 dias. Os Mogols naõ ou ſando eſperar hum aſſalto, a abando naraõ de noite, e o forte foi arra ſado.

O

O Forte d'Affarim era em refpei-to a Baçaim, o que o Forte de Par-nel era em refpeito de Damaõ. Os Portuguezes o tinhaõ tomado no tem-po de Francifco Barreto, e nelle ti-nhaõ huma pequena guarniçaõ com-mandada por Andre de Villalobos. Os Reis de Colos, e de Salcete, a quem efte Forte fervia de freio, fe tinhaõ ligado para o tomarem. Villalobos fe defendeo bem até á chegada d'hum novo foccorro de 800 homens, que o Vice-Rei lhe enviou. Martim Affon-fo de Mello Governador de Baçaim, D. Paulo de Lima, e Joaõ de Moira eraõ os 3 Chefes que o condufiaõ. El-les naõ fe contentaraõ de pôr em fu-gida os fitiantes, feguiraõ-nos ainda muito no interior das fuas terras, on-de pozeraõ tudo a ferro, e fogo.

ANN. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

O Rei de Tolar tinha feito hum infulto ao Vice-Rei, naõ fómente re-cufando pagar-lhe o tributo ordinario; mas ainda pelo modo indecente, com que recebeo a carta que lhe efcreveo a efte refpeito. O Vice-Rei para o punir, refolveo tirar-lhe a Cidade de Bracalor, onde tinha tratado corref-pondencia com quem alli commanda-va. Bracalor era huma Fortaleza conf-truida á moderna na entrada d'hum rio

en-

Ann. de J. C. 1569.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

entre Goa, e os Eſtados do Sam
rim. D. Pedro da Silva Menezes e
carregado da expediçaõ, naõ enco
trou alli reſiſtencia alguma. O Co
mandante foi fiel na ſua traiçaõ, m
de 200 peſſoas, que eſtavaõ na pra
ficaraõ mortas, ou apanhadas, ant
de poderem porſe em defenſa. Poré
os Reis de Tolar, e de Cambolim te
do vindo apreſentar-ſe nas duas noit
ſeguintes com tropas que ajuntaraõ
cujo numero crecia a toda a hora
Silva naõ julgando poder-ſe alli co
ſervar, abandonou a praça, levan
comſigo toda a artilheria, as armas
e as municoens.

Naõ podia haver mais attençaõ q
a que tinha o Vice-Rei a todas as fu
çoens do ſeu miniſterio, e he ſe
duvida digno de admiraçaõ, que vi
ta a ſituaçaõ em que eſtavaõ as I
dias, a extinçaõ dos dinheiros d'E
Rei, podeſſe em taõ pouco tempo p
a marinha em taõ bom eſtado, e au
mentar em tudo a gloria da Naç
Portugueza, como ella o eſtava enta
E além das expediçoens que tin
feito para Malaca, e as Ilhas do Su
da, tinha tambem 3 ou 4 Frotas mu
to numeroſas, e bem preparadas, q
tomavaõ todo o mar, deſde a Peni
ſu-

la do Ganges, até as gargantas do mar oxo.

Ann. de J. C. 1569.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Todas eſtas frotas eraõ indepen-entes da que preparava para ſi, con-rme o tratado ſecreto entre elle, e ſiram. Conſiſtia ella em mais de 70 em-rcaçoens de toda a eſpecie, a que ıda faltava. Ainda que conforme que tinha ſido regulado entre elles, ıõ ſe devia mover elle ſem hum no-) aviſo, com tudo como naõ queria ıe o apanhaſſem deſapercebido, nem ırrer os riſcos de perder os offereci-entos vantajozos que fazia eſte Prin-pe, ſe tinha ſempre preparado anti-padamente para eſtar pronto ao me-ır ſignal.

O aviſo de Miram tardava. O 'ice-Rei temendo enfraquecer elle meſ-o, e de ver abater o valor de tan-ıs valerozos que ajuntou, que eſtavaõ ıpacientes, ſahio para o mar largo, navegou para Onor, que era do do-inio da Rainha de Garcopa ſempre ·belde. Depois d'huma leve reſiſ-ncia, a Cidade foi abandonada dos ha-tantes, entregue ao ſaque, e redu-la a cinzas. Era bela, rica, e po-ɔada. A Fortaleza ſopportou o fogo ı artilheria, que a bateo por eſpaço : 4 dias, e ſe rendeo por capitula-

çaõ.

ANN. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

çaõ. Jorge de Moura foi deixa
nella com 400 homens de guarniç
ametade Portuguezes.

D'Onor o Vice-Rei paſſou a B
calor. Os habitantes alli eſtavaõ altiv
depois da retirada de D. Pedro
Silva. Defenderaõ-ſe tambem no pr
cipio, e Henrique de Betancurt q
tinha ſaltado primeiro em terra,
morto combatendo com valor. D. Pe
da Silva foi o primeiro que franque
as trincheiras. Foi bem ſuſtentado
los que o ſeguiaõ. O combate foi p
fiado de parte a parte. Hum fort
que tomaraõ fez abater o valor
inimigos. Elles abandonaraõ a ſua F
taleza, deſconfiando poderem def
della. Eſte goſto foi perturbado p
attaque impreviſto, que os Reis
Tolar, e de Cambolim vieraõ dar
fortim em huma noite muito eſcu
Ella foi com tudo bem illuminada
lo fogo da artilheria, e dos artifici
Porém Pedro Lopes Rebelo que co
mandava a duzentos homens tendo-
defendido com extremo valor, eſ
Principes diſgoſtozos com o infelis ſu
ceſſo da ſua empreſa, requeraõ a pa
a qual lhes concederaõ, augmenta
do-lhes o tributo que tinhaõ coſtum
de pagar. O Vice-Rei traçou o pla
d'hu-

'huma nova Fortaleza, e demorou-se
lli hum mez inteiro, para adiantar a
bra com a sua prezença.
Miram naõ apparecia, e o Vice-
.ei inquieto naõ podia saber a razaõ.
m fim soube d'isto todo o misterio.
ste Principe temendo emprehender
negocio de Cambaia antes de estar
guro da Corte de Delli, julgou con-
guir isto tratando do cazamento d'
um dos seus irmaõs com a filha do
.ei dos Mogols. O cazamento se fez
om toda a solemnidade possivel; mas
to foi precizamente o que fez abor-
r o projecto de Miram. Este irmaõ
grato, animado por huma alliança
ue lhe prometia huma grande protec-
aõ, intentou tirar a Coroa a hum
maõ, ao qual devia tanta obrigaçaõ,
alendo-se das forças do Rei seu cu-
hado. Assim Miram, que foi logo
visado dos seus perniciosos disignios,
vio obrigado a ficar em defensa dos
eus proprios Estados, e de deixar o
certo, para naõ perder o certo.
O Vice-Rei naõ foi mais feliz da
arte d'Adem, onde tinha concebido
esperança de se introdusir. Os Ara-
es alli tinhaõ degolado a guarniçaõ
urca, e chamado o Cherife, filho
'este mesmo Chefe, que o Bachá So-
li-

Ann. de J. C. 1569.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

limaõ tinha feito enforcar, quando f
fez Senhor d'esta Cidade pelo eng
no que elle lhe fez. Conhecendo be
o Cherife que lhe seria dificil conse
var-se nesta praça contra os Turcos
os quaes naõ deixariaõ d'alli tornare
mostrou ter dezejo de a entregar
Portuguezes, e travou com elles hu
ma intriga por meio do Rei de C
xem seu amigo commum. O Vic
Rei alli tinha enviado Pedro Lop
Rabelo com duas fustas ligeiras,
Gil de Goes com tres Galioens. R
belo chegando a Adem conversou co
o filho do Cherife, que alli govern
va na auzencia de seu pai: mas o
porque este naõ tivesse melhor vont
de do que tinha tido Rostumeçaõ
Baroche, ou porque se achasse na
mesmas circunstancias em que estav
Cedemecaõ em Surrate, ambos convi
raõ em que era precizo esperar me
lhores conjuncturas. Com tudo o
Turcos avisados da chegada de dua
fustas Portuguezas a Adem, armara
prontamente nove galeras, e viera
ancorar no porto tres dias depois qu
Rabelo d'ella partio; e como elle ti
nha intelligencia na praça, abriraõ-lh
huma porta de noite, e se fizeraõ Se
nhores d'ella. Assim este negocio en

ca-

lhou, o que póde ser que naõ acon-
ceſſe, ſe Gil de Goes tiveſſe podi-
abordar. Porém o máo tempo apar-
ndo-o ſempre da Coſta, foi obriga-
a ganhar Diu como póde, e os
is galioens da ſua conſerva Ormuz,
de chegaraõ muito deſtroçados.

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Muito mortificado com o infeliz
cceſſo deſtes dois negocios, porém
incipalmente do primeiro para o qual
ha feito tanta deſpeza, o Vice-Rei,
vidio a ſua frota em muitas eſqua-
as, que cruſando em differentes pa-
gens fizeraõ as ſuas deſſolaçoens or-
narias. Elle tomou a derrota para
ɔa. Reconciliou no caminho o Rei
Banguel com a Rainha d'Olala,
ja diſcordia atrazava os rendimen-
s das alfandegas de Mangalor. Re-
rçou tambem as guarniçoens de Bra-
lor, e d'Onor. Temiaõ-ſe mais d'eſ-
ultima, por que a Rainha ſempre
n armas uſava da força, do engano,
meſmo dos venenos para entrar na
ſſe, e opprimir os Portuguezes que
tinhaõ attacado.

O Nizamaluco, que de concerto
m o Idalcaõ tinha projectado a rui-
dos Portuguezes, morreo pouco de-
is da victoria, que tinhaõ conſeguido
bre o Rei de Narſinga, e a con-
clu-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

clusaõ do seu tratado. Este Princ
tinha repudiado a sua ligitima es
za para pôr em seu lugar huma
mediante, molher de baixa condi
de quem tinha tido hum filho. Co
elle tinha Religiaõ, teve escrupulo d'
te divorsio, e prometeo a Deos
ao seu Propheta Mafoma, que
elle voltasse victorioso do Reino
Narsinga, restabeleceria a sua esp
em todas as suas honras. Elle o f
A esposa repudiada temendo para
e para seu filho o restabelecimento
huma rival irritada, e poderosa p
seu nascimento naõ achou remedio a
seus temores, se naõ nos seus crim
Ella empeçonhou Nizamaluco, e f
reconhecer em seu lugar o filho q
tinha tido, pela auctoirdade dos seus d
irmaõs, que o favor de sua irmá
nha feito prover nos melhores emp
gos do Estado, e que estavaõ de p
se das praças mais fortes. A mo
de Nizamaluco pai naõ mudou na
no tratado feito com o Idalcaõ. O
lho, Principe moço quasi de 16 anno
começando a governar se instruio e
todas as idéas de seu antecessor, e as f
guio sempre com o mesmo segredo
e o mesmo concerto.

Ainda que a guerra que estes Pri
ci-

Ann. de J. C. 1570. D. Sebastiaõ Rei. D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

)es meditavaõ , foi caufada pelo
io que tinhaõ aos Portuguezes , e
la efperança de os deftruirem , fun-
da fobre a fua uniaõ , e a confiança
e lhes tinhaõ dado as vantagens
e tinhaõ confeguido , e as riquezas
e tinhaõ achado no faque de Bifna-
, quiferaõ com tudo disfarçala com
pretexto da Religiaõ , e da juf-
a. Efte foi com effeito o motivo
que fe ferviraõ para fazer en-
r na fua liga o Gram-Senhor ,
ia Thomaz Rei da Perfia , e o Samo-
1 , e o Rei d'Achem. Os Caides ,
Mullas , e os Cacis , dos quaes
primeiros que faõ do fangue de Ma-
na , e vivem em grande opiniaõ
Santidade , foraõ conforme preten-
n , os primeiros motores d'efta conf-
açaõ , reprefentando o infulto feito
fua Lei pelos Portuguezes , que fe
claravaõ em toda a parte feus crueis
nigos, naõ deixando nada para eftabe-
er a fua Religiaõ fobre as ruinas d'el-
, a qual hia fempre diminuindo , á
dida que a outra fazia progreffos ra-
los , e fenfiveis.

He verdade que o zelo dos Por-
guezes em materia de Religiaõ era
umas vezes injuriofo , exceffivo , e
m pouco mais ajudado da paixaõ.

Idal-

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Idalcaõ efcrevia algumas cartas ao V ce-Rei para fe queixar com juftica violencia que faziaõ aos navios S racenos nos portos do dominio Port guez, onde debaixo do pretexto hum grande bem, furtavaõ dos n vios que alli chegavaõ as menina e meninos para os inftruirem na no Santa Fé, a qual naõ ordena ef violencias. Porém como o Idalcaõ q ria tirar ao Vice-Rei todas as fufpei que lhe podiaõ caufar os grandes p parativos que fazia, eftas cartas er taõ moderadas, e taõ adoçadas c provas d'amizade, que eraõ capa de defvanecerem todas as fufpeit Além d'ifto os requerimentos eraõ t juftos, que o Vice-Rei naõ podia candalifar-fe d'elles.

Como porém nos grandes nego os fe acha quafi fempre huma voz p curfora que os annuncia, fem que nu ca faibaõ d'onde ella vem, o eftro do dos difignios do Idalcaõ fe ef lhou em Goa, e fe augmentou ca vez mais, fem que diffo podeffem alguma prova. Efte Principe, c idéa era furprender, tinha diffimula de modo, que a fua Corte mefr naõ tinha podido penetrar as fuas i tençoens. E no que toca aos Port gu

uezes os tinha encantado de modo, ue além dos motivos plausiveis que nha de fazer preparos para huma uerra estrangeira, lhes tinha ainda ersuadido a necessidade que tinha de bmeter hum vassallo rebelde, e que ssava por tal nos seus Estados, ain- que este pretendido rebelde fosse im dos seus Generaes, o qual d'ac- rdo com elle trabalhava com mais dor nos preparativos, para á exe- çaõ dos seus projectos. A fim de ganar melhor o Vice-Rei, e o obri- r a apartar de Goa as poucas em- rcaçoens que lhe ficaraõ depois da rtida, e repartiçaõ das suas frotas, e pedio que as quisesse enviar a cupar a passage d'hum rio, por onde e rebelde devia passar. Em fim a sua simulaçaõ foi tambem feita, que, da que em toda Goa se conheces- n os projectos do Idalcaõ como cer- , estes mesmos projectos se viaõ smentidos pelos vassallos do Idalcaõ inhos de Goa, e mesmo pelos habi- tes d'esta Cidade.

Nesta occaziaõ tumultuosa de timentos, e de noticias contradi- ias, naõ estava o Vice-Rei sem des- ifiança. Mas tambem como elle) via nenhuma hostilidade, nem ne- nhum

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

nhum parecer incerto, naõ podia t
mar resoluçaõ alguma. Com tudo
fim foi certificado pelas noticias q
lhe vieraõ de Chaul, e da Corte
Nizamaluco, onde o segredo foi m
nos bem guardado. D. Luiz d'At
de recebeo estas noticias com aqu
la especie de temor que inspira a p
dencia, mas sem a perturbaçaõ, e
embaraço que nascem da pusilanimi
de. Naõ aconteceo o mesmo ao
Conselho, todos foraõ capacitados
grandeza do objecto. Tantas Pote
cias formidaveis ligadas entre si,
zeraõ sobre os espiritos huma impr
saõ que se chegava ao medo. E n
te aperto onde cada hum julg
va ver o momento fatal da ruina
teira dos Portuguezes nas Indias,
dos pensaraõ em abandonar Chau
e outros diversos postos menos imp
tantes, para salvar Goa pela reun
das suas forças. „ Dizendo; o que
„ experiencia tem sempre mostrado c
„ to he, que, esta multidaõ de praç
„ e de Fortalezas que tinhaõ servi
„ de os enfraquecer, e que teria
„ do muito mais vantajoso á Naç
„ ter trabalhado em se estabele
„ mais solidamente em hum lugar, d
„ de podessem dominar em tudo c
„ m

menos deſpeza. Que eſtavaõ ainda a tempo de tornarem a eſte ponto, faſendo a ſua Capital de Goa a Metropole de todas as Indias, cuja ſalvaçaõ, ou perda levaria tambem comſigo a ſalvaçaõ, ou perda de todo o reſto. „

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Ainda que o Vice-Rei podeſſe enſar com Conſelho ſobre eſte prin-pio que era verdadeiro, naõ julgou ue foſſe conveniente naquellas cir-nſtancias penſar d'aquella ſorte. Jul-ou certamente que huma reſoluçaõ 'eſta natureza deſacreditaria a ſua Na-ıõ, e que além do abatimento que d'iſ- reſultaria, aconteceria ainda maior ejuizo pela ſoberba que inſpiraria aos imigos huma determinaçaõ, a qual podia moſtrar fraqueſa, e hum ex-ſſo de temor, e medo. Aſſim con-a o parecer commum, ſe reſolveo naõ mente a ſoccorrer Chaul, que eſ-va ameaçado, mas tambem todos os tros poſtos, e naõ deſamparar nada.

E eſte foi inteiramente o ſentimen- do Vice-Rei, do qual antes ainda de ajuntar o Conſelho, tinha aviſado . Franciſco Maſcarenhas, ſobre quem ha deitado os olhos para conduſir te ſoccorro. Maſcarenhas tinha ſer-do bem; tinha-ſe diſtinguido em to-

Ann. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

das as occasioens; era adorado dos so
dados. Fazia d'elle tanto caso o V
ce-Rei, que em todas as acçoens ll
tinha confiado a vanguarda. Actua
mente o tinha destinado para hir
praças do Norte, para tomar as m
didas necessarias para huma expec
çaõ, que meditava fazer pessoalmen
contra o Rei d'Achem. Porém as n
vas conjunturas romperaõ este pr
jecto, partio Mascarenhas para Cha
perto do mez de Setembro com qu
nhentos homens escolhidos, quatro g
leras, sinco fustas, outras muitas er
barcaçoens carregadas de muniçoe
de guerra, e de boca, e com as pr
visoens de General do mar, e pl
no poder sobre todas as praças
Norte, para d'ellas tirar os soccorr
que precisasse.

O Vice-Rei empregou depois t
dos os seus pensamentos a pôr G
em estado de defensa, e fechar a
inimigos a entrada da Ilha, guarda
do todas as passagens. Logo primei
que tudo, proveo em Benastarim qu
era o mais importante, para onde e
viou Fernando de Sousa Castel-Bra
co, Official experimentado, com 1
homens escolhidos, que Castel-Bra
co pôz logo em acçaõ para fazer du

mu

nuralhas da parte do rio ; huma ao Norte, do comprimento d'hum tiro e peça ; outra tirando para á Cidade mais curta, porém muito mais lta, e muito mais forte. O Vice-Rei trabalhou depois com a sua actividade costumada, a fazer vir das praças visinhas os viveres, e as provisoens para hum longo cerco. Tomou onhecimentos de todos os armazens, de todos os effeitos ainda dos particulares da Ilha, e da Cidade de Goa, para d'elles se poder servir em caso e necessidade. E porque segundo a opiniaõ commum, o Gram Senhor entrava na liga, e temiaõ que ajuntando-se a sua frota com a do Samorim, ivessem muito trabalho em rezistir a ambos reservou dois armazens, prontos para o que succedesse, e destinados unicamente para servirem nesta precizaõ.

Ann. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Supposto que houve algum fundamento para esta noticia, com tudo julgava-se o contrario dos rumores populares. He ver-dade tambem que havia alguns annos, que o Gram-Senhor se mostrava muito frio sobre os negocios que pertenciaõ ás Indias, e desde o tempo do Vice-Reinado do Conde do Redondo, o Bachá de Baçorá tinha proposto al-

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

gum meio de negociaçaõ, em conſ
quencia do qual Antonio Teixeira
nha paſſado á Porta, onde foi admi
do á audiencia do Gram-Senhor, q
ſe occupava entaõ a coſer barretes p
quenos. Teixeira começou mal, dize
do „ Que o Bachá de Baçorá tin
„ teſtemunhado ao Vice-Rei das I
„ dias, que ſua Alteſa dezejava paz.
Solimaõ ſem enterromper o ſeu tr
balho, lhe reſpondeo friamente. „ E
„ naõ peço paz a ninguem : poré
„ ſe ElRei de Portugal a quer, que n
„ envie hum Embaixador eſcolhido e
„ tre os principaes Fidalgos da ſ
„ Corte, e entaõ o poderei ouvir, e ver
„ o que lhe hei de reſponder. Depo
d'aquelle tempo, o Gram-Senhor n
tinha feito movimento algum. Pe
contrario, por aviſos que o Vice-R
D. Luiz tinha recebido de Alepo,
Jeruſalem, e do Cairo, ſabia que
Porta tinha retirado huma parte d
tropas que tinha na Arabia, e per
da Perſia : Que da parte do mar R
xo tudo eſtava muito ſoccegado, e q
Solimaõ eſtava unicamente occupado
projecto, que tinha formado de tirar
Ilha de Chipre aos Veneſianos ; q
aſſim como n'outro tempo a Port
naõ tinha nunca feito grandes esfo

ços

os da parte das Indias, era para pre-
imir que se o Graõ-Senhor entrasse na
ga, naõ era mais que por huma po-
tica refinada para occupar os Portu-
uezes, e a fim de que elles naõ voltas-
em as suas armas para á parte d'A-
em, e de Baçorá, onde poderiaõ fa-
lmente tirar-lhe conquistas novas, e
ial seguras.

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

D. Luiz discorria bem sobre as
oticias que tinha. Era com tudo mal
iformado. Porém com effeito o Graõ
enhor tinha feito armar 25 Galeras
n Suez, das quaes 15 estavaõ em
erviço do Idalcaõ, e do Nizamaluco;
as outras, dez no do Rei d'Achem. Po-
em a Providencia permitio que estas
aleras, tendo partido de Suez, e indo
Moca, entrasse a divisaõ entre os
urcos, e Arabes, que mataraõ 900
os seus. Depois perdendo o Gram
enhor a famoza batalha de Lepanto,
precizaõ que teve de refazer a sua
Iarinha, o obrigou a chamar os Of-
ciaes d'estas 25 galeras, de que a
iaior parte tinhaõ morrido com as suas
opas, e a outra parte se tinha lan-
ado ás terras do Imperador da Ethi-
pia. Assim nenhuma d'estas galeras
ôde servir para o fim para que es-
avaõ distinadas, e pareceo que Deos
quiz

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

quiz entaõ ſalvar as Indias do maio perigo em que nunca eſtiveraõ.

Em fim o Idalcaõ pondo tud pronto para á exccuçaõ dos ſeus pro jectos, rompeo eſte grande ſegred em hum grande Conſelho de guerra que fez em Viſapor. Expôz alli to „dos os ſeus motivos com muit „energia, e perſuadio com eloquencia „a neceſſidade que havia de deſtrui „huma naçaõ imperioſa, que leva „va a ſua dominaçaõ até a tiraniza „as almas, e obrigar as conſciencias E ainda que neſte conſelho houvera muitos grandes que foſſem de parece contrario, ninguem ouſou com tud contradiſelo ſe naõ ſó Noricaõ. Er eſte o Senhor mais acreditado de ſe Reino, e o General dos ſeus exer citos. Elle o fez com razoens muit ſolidas, e com a liberdade que lh davaõ a ſua dignidade, e a ſua ida de. O Idalcaõ o ouvio ſem ſe eſcan daliſar, mas ſem mudar por iſto d parecer. E como o ſentimento d Principe he ordinariamente o dos ſeu liſongeiros, e do maior numero, na he de admirar que prevaleceſſe. Niza maluco da ſua parte fez o meſmo n ſeu Conſelho, e eſtes dois Principe por entaõ pozeraõ as ſuas tropas em movimento.

Con-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Confiavaõ tanto no feliz fucceffo fua emprefa, que além da repar-çaõ das terras que tinhaõ feito entre, o Idalcaõ particularmente tinha além ifto repartido os empregos, as ter-s, as cafas de Goa, e diftinado aos us principaes Officiaes as mulheres ortuguezas, que tinhaõ alguma repu-çaõ de fermozas. A galantaria dos feus ertendentes naõ lhes era defconheci-, e eftas mulheres fentiraõ a fua idade lifongeada por modo, que epois as viraõ hir, e vir, para ob-rvarem de longe os combates, e fe-m teftemunhas dos feus campioens.

O efpirito do Vice-Rei natural-ente vivo, e activo, naõ tinha def-nçado até entaõ. O pezo d'huma ierra taõ geral, e onde devia fer at-cado de todas as partes, lhe dava teriormente muita inquietaçaõ, que bia perfeitamente reprimir no exte-or. Naõ tinha tomado entaõ fe naõ edidas vagas. Porém tanto que foi formado das ultimas refoluçoens dos rincipes alliados, proveo entaõ to-dos os poftos, conforme o proje-to que tinha formado.

A Ilha de Goa, como já diffe, ó he feparada da terra firme por hum equeno efteiro, que forma o rio de Pan-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Pangim, antes de chegar ás su duas embocaduras, que distaõ duas l goas huma da outra, Norte, e Su O leito do rio neste cantaõ he seme do de pequenas Ilhas. Em algum partes he taõ largo, que tem quasi me legoa; em outras he hum pouco ma estreito. Como o fundo he lodoso p extremo, a chegada da Ilha he mu to defendida por isso mesmo, except em algumas passagens mais vadiavei principalmente na baixa mar, as quae eraõ obrigados a fortificar em temp de guerra. No comprimento ou circu to de tres legoas, e meia, a come çar do passo de Gonlandim, chamad n'outro tempo o passo seco, até a de Agacim, tinha 19 para prover, do quaes Benastarim, que está no cen tro, era o mais consideravel.

D. Luiz alli repartio quasi mi Portuguezes que tinha de tropas regu lares, debaixo de diversos Chefes, quem proporcionou gente, e artilhe ria conforme a precizaõ, e importan cia do posto. Em outros lugares me nos perigosos, contentou-se com dei xar gente para accender fogos, e fa zerem signaes, a quem Joaõ de Sou sa, que commandava 50 cavallos pa ra accudir onde fosse precizo, tinha

or-

:dem de vigiar. O Canal do rio eſ-
va guardado igualmente por 26 em-
ırcaçoens de diverſos tamanhos, bem
ovidas de gente, e de artilheria,
ımmandadas por D. Jorge de Mene-
:s Baroche. E porque o Vice-Rei
zia timbre de naõ perder poſto al-
ım, ainda meſmo nas terras firmes
: Goa, que eraõ as mais expoſtas,
forçou as guarniçoens de Rachol,
: Norva, e do forte de Bardez. No
ıe toca á Cidade a qual ſe achava
ı menos perigo deixou defenſa ao
lero Secular, e regular, compoſto
: trecentas peſſoas, que tinhaõ de-
ixo das ſuas ordens 1$500. Chriſ-
õs do Paiz. De maneira que perto d'
ım anno os Padres, e Religioſos
eraõ na maõ a eſpada eſpiritual, e
ıterial, com as quaes naõ fizeraõ
m tudo grande mal.

Em quanto eſtavaõ na agitaçaõ
todos eſtes preparos, as tropas do
alcaõ, e as de Nizamaluco eſtavaõ
ı marcha. Como eſtes dois Princi-
s, poſto que aliados, eſtavaõ em
ſconfiança perpetua hum do outro,
coiſas eſtavaõ de modo reguladas
tre elles, que as ſuas tropas naõ
viaõ marchar ſe naõ com jornadas
ıaes, por começarem no meſmo
tem-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

tempo. E todos os dias d'hum ao ou
tro voavaõ correios, que sendo teste
munhas oculares do progresso da mar
cha dos exercitos, lhes serviaõ d
grandes seguros da sua fidelidade,
do seu ajuste. Tanto que o Vice-Re
se alojou no passo seco que tinha in
tentado defender, soube que a vangua
da do Idalcaõ chegava a Pondá. Te
ve entaõ mesmo hum moço valid
do Idalcaõ, que tendo-se avançad
com 5 ou 6 aventureiros até ao R
de Goa tirou algumas flexas ao ar
o que era declarar a guerra: porér
esta acçaõ desagradou tanto ao Ida
caõ, que o fez prender, e punir s
veramente. Em fim em 28 de D
zembro Noricaõ veio alojar-se defro
te da passagem de Benastarim, on
fez armar as tendas do Idalcaõ, qu
tinha escolhido lá o seu quartel. El
naõ chegou lá se naõ oito dias depoi
tendo-se demorado a tres legoas d
distancia, sobre as montanhas de G
te, d'onde vio desfilar, e alojar t
das as suas tropas, antes que desemba
car-se elle mesmo. Farratecaõ, que co
dusia a vanguarda de Nizamaluco,
avançou no mesmo tempo para Chau
aonde o Principe se achou alguns di
depois, perto dos 16 de Janeiro de 157

O

Os exercitos dos dois Soberanos
iaõ formidaveis pelo ſeu numero, e
lo ſeu apparato. O do Idalcaõ era de
m mil combatentes, nos quaes havia
ꝯ Cavalos. A multidaõ dos vivan-
iros, e peſſoas do ſerviço era infi-
ta. Tinha além d'iſto 2ꝯ140. Elep-
ntes de guerra, e trezentas, e ſinco-
ta peças d'artilheria O ſeu campo
iha o ar d'huma Cidade opulenta,
ide nada faltava para á beleza, e pa-
ás delicias. Porém o que fez algu-
a impreſſaõ no eſpirito das peſſoas
nidas, foi huma tenda particular to-
aberta, e que naõ tinha mais do
e o Coroamento. Eſta he entre os
dios, huma declaraçaõ de que querem
ncluir, ou conſeguir o diſignio a
e ſe propoem quando declaraõ a guer-
. O exercito de Nizamaluco naõ era
enos numeroſo que o do Idalcaõ.
inha tambem cem mil homens de
fantaria, trinta, e quatro mil Ca-
los, 17ꝯ forrageadores, 4ꝯ fundi-
ores, ferreiros, outras eſpecies de
tiſtas de todas as qualidades de Na-
ens eſtrangeiras, 360 Elephantes,
ima prodigioſa quantidade de bufa-
s, e bois para as carretas, com hu-
a formidavel artilheria, na qual ha-
a 40 peças de deſmedida grandeza,
e

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

e que eraõ todas nomeadas por nom
capazes de inſpirar terror.

Chaul naõ eſtava mais que hum
deſprezivel Cidade. A fortaleza naõ m
recia eſte nome, naõ era mais do q
huma feitoria. A povoaçaõ naõ tin
nem forças, nem muralhas. Nizamalu
dizia elle meſmo d'eſta praça, q
era huma eſtrebaria de beſtas. He ve
dade que Farratecaõ lhe reſpond
que eſta eſtrebaria eſtava cheia de Li
ens : porém ſem duvida que el
queria falar dos Portuguezes que a
eſtavaõ habituados, e que alli tinh
naſcido. Naõ eraõ eſtes propriamen
ſe naõ mercadores amolecidos pela lo
ga paz, de que tinhaõ gozado
longo reinado de Nizamaluco, que lh
tinha permitido que alli ſe eſtabel
ceſſem. Naõ tinhaõ viſto guerra ſe n
ao longe, e tinhaõ vivido no ſeio
huma longa proſperidade, á ſomb
dos loureiros que a ſua Naçaõ colh
ra n'outra parte. Naõ podiaõ capa
tar-ſe da guerra, por que a naõ qu
riaõ, e Maſcarenhas teve muito trab
lho para reſolver eſtes viz Comerc
antes, e ſofrerem que os pozeſſe
em eſtado de defenſa. Como era pr
cizo cortarem os ſeus jardins, e ſa
grarem hum pouco as ſuas bolças
naõ

ó queriaõ attentar no mal de que
tavaõ ameaçados, nem consentir
e lho acautelassem pelos remedios
cessarios. O General com tudo usou
sua auctoridade. Rezolveo defen-
r tudo, ainda as casas que estavaõ
ra da povoaçaõ, e todos os Of-
iaes mandados para os differentes
stos, trabalharaõ em se fortificar
m valados, e outras trincheiras fei-
s á pressa.

Desde a chegada dos inimigos hou-
de todas as partes algumas peque-
s acçoens, onde hum, e outro par-
lo ganhou humas vezes, perdeo ou-
s. O Vice-Rei desejou bem tentar
guma grande acçaõ, porém sendo-
e contrario todo o Conselho, foi obri-
do a conter o seu zelo. Vendo com
do que os inimigos queriaõ fazer o
u principal esforço da parte da corti-
de Benestarim, mudou de posto,
nelle tomou o seu quartel, tendo
cortezia com quem nelle comman-
va, de lhe naõ tirar o Governo.
oricaõ preparou as suas batarias, e o
esmo fizeraõ todos os outros Gene-
es nos seus quarteis. Farratecaõ
egado a Chaul mostrou ter mais
tividade, querendo previnir a che-
da de Nizamaluco, a fim de ter a
glo-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

——— gloria de conſeguir alguma vantage
que lhe foſſe peſſoal. Avançou-ſe
terreno que ſeparava a Cidade d
Mouros, da dos Portuguezes á hu
pequeno tiro de peça. Os boſques
Palmeiras, que havia, favoreciaõ a
marcha. Tomou alguns lugares de
ra eſtabelecco-ſe na caſa do Vigari
tomou huma pequena Hermida q
chamavaõ da maõ de Deos, e do
to que dominava o mar, onde os P
tuguezes, e Nizamaluco tinhaõ que
do conſtruir huma Fortaleza no te
po de Franciſco Barreto. Em fim
rou linhas para pôr o ſeu campo
coberto.

ANN. DE J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Eſtando tudo aſſim ſitiado, Maſ
renhas deſpachou ao Vice-Rei hum F
ligiozo Dominico, em huma peque
curveta, para lhe fazer a relaçaõ e
cta do que ſe paſſava em Chaul.
chegada d'eſte bom Religiozo pôs
do em movimento. Porque em lu
de penſar nos meios de ſuſtentar
praça, todos unicamente votaraõ
era precizo abandonala como tamb
o forte de Caranja, que eſtava ſo
as terras de Nizamaluco, e os F
tes de Rachol, de Norva, e de B
dez, que eſtavaõ ſobre as do Idalc
O Vice-Rei bem determinado a

mu

udar de ſentimento tomou os pare-
eres por eſcrito, a fim de poder fa-
er juſtas reprehençoens a ſeus auto-
s depois dos acontecimentos.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Com tudo enviou á Cidade hum
xpreſſo para requerer ao Arcebiſpo,
á Camera de Goa, os ſeus parece-
s pertencentes aos expedientes, que
nha que tomar nas conjuncturas pre-
ntes, para ſoccorrer Chaul. O Ar-
biſpo, e os Biſpos de Cochim, e
Malaca que tinhaõ hido a Goa pa-
hum Synodo antes da declaraçaõ
guerra, votaraõ, como tinhaõ fei-
os outros, ſobre o que naõ lhes
queriaõ; e tendo preſiſtido nas ſuas
iinioens em hum Conſelho Geral
ie teve o Vice-Rei, D. Luiz indigna-
, reprehendeo o Arcebiſpo com mui-
colera diſendo-lhes „ Senhor eu ſei
tanto em materia de guerra quanto
vós podereis ſaber em materias Ec-
cleſiaſticas: naõ vós he convenien-
te votar nas primeiras em que naõ
entendeis; e deveis contentarvos de
encomendar bem eſtes negocios a
Deos nas voſſas oraçoens. „

Iſto naõ obſtante o Arcebiſpo, e
Eccleſiaſticos, a Camera de Goa,
os deſte partido fizeraõ huma de-
eraçaõ á parte, cujo reſultado foi
que

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

que enviariaõ huma proteſtaçaõ ao V
ce-Rei , pela qual o fariaõ reſponſ
vel á Corte de tudo o que pode
acontecer em prejuizo do Eſtado e
conſequencia da ſua determinaçaõ , t
contraria ao ſentimento commum. P
to que o Vice-Rei naõ deixaſſe nu
ca de eſtar inquieto , com tudo n
fez cazo d'elles , e ajuntando hu
Conſelho particular de quaſi 20 c
melhores juizos , os chamou a tod
ao ſeu parecer , e enviou o maior ſo
corro que pôde a Chaul , em duas g
leras commandadas por D. Duarte
Lima , e D. Fernando Telles de M
nezes.

Chaul naõ foi ſó a praça q
cauſou inquietaçaõ ao Vice-Rei
meſmo tempo. Porque elle foi inf
mado que d'huma parte Nizamalu
mandava fazer correrias para Dama
e Baçaim , para conſervar eſtas p
ças em reſpeito , e impedir os deſ
camentos que ellas poderiaõ fazer
que o Idalcaõ da outra parte tin
enviado 13000 homens á Rainha
Gercopa , que ſempre inquieta, e in
miga dos Portuguezes ſe entretinha
eſperança de ſe reſtabelecer em On
O Idalcaõ além d'iſto tinha ſolicitado
Reis Canarins para tornarem ſobre
Fo

ortaleza de Bracalor, pelo que elles
ó eſtiveraõ.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

A pezar d'iſto, o Vice-Rei ſe
nſervou taõ altivo, que nunca ſe
oveo da ſua primeira reſoluçaõ. E
rtamente ninguem ſaberá dignamen-
admirar a firmeza deſta condu-
. Porque naõ ſómente naõ ceſſou de
over em todas as praças, porém naõ
iz nunca enfraquecer nenhuma pa-
fortificar Goa. Naõ deixou nun-
de trazer no mar as ſuas frotas
mo em plena paz: aſſim as que
ſavaõ, como as que eſtavaõ diſti-
das para os comboios, e os tranſ-
rtes das mercadorias. Fez as ſuas
pediçoens coſtumadas para Malaca,
olucas, Ormuz, Eſtreito de Meca,
oçambique, e Sofala. E para ſe
ſforrar com os inimigos, enviou hu-
frota ſobre Dabul, para lhes
oſtrar, que eſtava tambem em eſ-
o de fazer as meſmas diverſoens
e elles. Em fim ſendo-lhe feitas pro-
ſtas, para o obrigarem a reter os
vios de tranſporte, para d'elles ſe
vir na neceſſidade prezente, e con-
tar-ſe d'enviar hum ſó, para info-
r a Corte da ſituaçaõ dos nego-
s, foi ſó tambem de parecer con-
rio ſobre eſte ponto, querendo que

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastião Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

o Reino se sentisse menos que nin
guem das novas perturbaçoens.

O Samorim, que entrava com
terceiro na liga, naõ tinha ainda ap
recido nas linhas, e longe de se p
em campanha no mesmo tempo q
os outros, fez entaõ proposiçoens
paz, ou porque este Principe estive
se com effeito cançado da guerra, q
lhe fazia D. Diogo de Menezes, q
desolava toda a sua Costa, ou porqu
quizesse cobrir com esta dissimulaç
a parte que tinha na alliança co
mua, e trabalhar mais seguramente n
projectos que meditava: ou em fi
porque esperasse ganhar alguma co
no embaraço em que devia achar-
o Vice-Rei, com dois inimigos t
poderosos para combater. Tinha
feito algumas delineaçoens por me
do Governador de Challe. O Vic
Rei, pôs tambem este negocio
deliberaçaõ no seu Conselho, por
exigindo segredo de cada hum deb
xo de juramento. Todos os parece
geralmente foraõ pela paz, com todas
condiçoens que podesse ser, com ta
to que lhes podessem dar alguma
honesta, com a esperança de po
rem chegar depois a melhores temp
D. Luiz, que naõ estimava a paz
na

ō porque ella tirava as ſuſpeitas, os perigos, penſava d'hum modo lo differente. Porém para naõ conſtar ſempre com hum Conſelho taõ ido, moſtrou render-ſe ao comm parecer. No meſmo tempo enou huma inſtrucçaõ ſecreta ao Gonador de Challe, pela qual lhe ornava, que fizeſſe entender ao Saorim, que o Vice-Rei naõ eſtava oprimido pelas guerras, que era obrilo a ſuſtentar, que naõ podeſſe conuar em lha fazer, e que nunca enderia nenhuma propoſiçaõ da ſua te, em que elle meſmo ſe naõ conmnaſſe a naõ ter, e a naõ ſofrer nos s portos navio algum proprio para lar a corſo; condiçaõ que o Samo n naõ devia admitir. Tambem he vavel que o dezejo que moſtrava a paz, naõ era mais que hum pu fingimento.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Os inimigos tendo preparado as s battarias nos differentes quarteis longo da Ilha de Goa, faziaõ m fogo terrivel, principalmente no ſſo de Benaſtarim, e em hum oiteivifinho onde commandava Solimaõ ga. O Vice-Rei fazia reparar hamente de noite os prejuizos do dia, rém iſto naõ impedia que por fim

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

o effeito da sua artilheria naõ f
sensivel, principalmente depois d'hu
descarga, que fizeraõ no rio com
das as regras da arte, e que os
mais em estado de prejudicarem. A
d'isto as suas descargas eraõ taõ
quentes, como se pode julgar pelo
mero das balas que acharaõ no al
mento de Alvaro de Mendonça, o
se contaraõ mais de 600, de que
gumas tinhaõ 5 para 6 pés de circ
ferencia.

O fogo dos Portuguezes naõ
taõ vivo. Apenas tinhaõ 30 peças
artilheria nas suas battarias de ter
porém era mais mortifero. O dos
navios fazia ainda muito melhor ef
to. Porque como estavaõ Senhores
rio, que podiaõ facilmente chega
ou recuar, naõ deixavaõ de toma
suas vantagens. Estes navios lhes
viraõ além d'isto infinitamente para fa
rem os desembarques, e darem attaq
impreviſtos, de que nunca volta
sem terem queimado alguma povoaç
ou algum quartel, sem deixarem
gum numero consideravel de mort
e sem conduſirem muitos presioneir
Hum dia trouxeraõ taõ grande nur
ro de cabeças, que o Vice-Rei
viou a Goa duas carretas cheias d

para ſuſter os habitantes com a
ta d'eſtes felices fructos da guerra.
Houve com tudo no curſo d'eſ-
guerra, dois prodigios muito ſen-
eis. D. Fernando de Vaſconcellos,
e elle tinha enviado a Dabul com
galeras, e duas fuſtas, alli tinha
eimado dois grandes navios do Idal-
, do retorno de Meca com carga
. Tinhaõ igualmente lançado fo-
a outras embarcaçoens, e á al-
mas povoaçoens. Voltando todo
riozo d'eſta expediçaõ, com as meſ-
s embarcaçoens, fez deſembarque
quartel d'Angoſcam hum dos prin-
aes Generaes do exercito do Idal-
. A primeira irrupçaõ foi felis, e
gnalada pela morte dos que tiveraõ
infelicidade de lhes cahirem debai-
da maõ; porém os inimigos vol-
do ſobre elle, e ſobre os ſeus, e
ando-os em huma deſordem, que he
zi ſempre o effeito d'huma muito
nde confiança, os desbarataraõ do
ſmo modo. Os Portuguezes ſuſten-
do mal eſte Choque, abandonaraõ
ſconcellos, que morreo como vale-
o abatido pelo numero. Quarenta
ſeus, tiveraõ a meſma ſorte, e
ſuas cabeças foraõ levadas ao Idal-
.

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

D.

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

D. Fernando era filho de D. Lu
Fernandes de Vafconcellos conheci
por huma fortuna conftantemente d
clarada contra elle no mar , e q
pouco depois nefte mefmo tempo
commandando huma frota para o Braf
foi attacado pelos corfarios Franceze
que lhe tomaraõ dois dos feus navi
onde eftavaõ 40 Jefuitas debaixo
conducta do Padre Ignacio de Azev
do , fobre os quaes eftes corfarios C
viniftas fe encolerifaraõ com todo
odio que infpira a herefia a refpe
dos que a combatem. D. Luiz c
gando até á vifta do Brafil , foi
chaffado pelo máo tempo , obrigado
ganhar S. Domingos , d'onde veio
bordar ás Terceiras com hum fó n
vio todo deftroçado. Sabendo alli
trifte noticia da morte de feu filho
Fernando , tornou a embarcar-fe p
Portugal em outro navio , porém t
do recahido na carreira d'alguns out
Corfarios Calviniftas , foi morto , d
pois de ter feito toda a refiftencia, q
fe podia efperar d'hum homem , q
perdendo o que mais amava no mu
do, naõ procurava fe naõ morrer.
morte de D. Fernando enterneceo
Vice-Rei , que deo logo ordem a
Jorge de Menezes , que foffe queim

fua fufta, a qual eftava encalhada, fim de que os inimigos fe naõ aproeitaffem d'ella; o que Menezes fez efmo á vifta dos inimigos depois de rar toda a artilheria.

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

A vergonhofa fugida de 200 Porguezes que em huma acçaõ voltaõ vergonhozamente as coftas, fem ue os feus Capitaens, e o mefmo ice-Rei podeffem detellos, caufou a . Luiz d'Ataide hum novo difgofto e que naõ teve menor pena. Além ifto teve conftantemente de que fe onfolar. Os feus tinhaõ fobre os iniigos vantagens muito mais frequenemente, e mais confideraveis. Eftaaõ ao mefmo tempo taõ colericos por ftas fortes de excurfoens, que o atreimento que ellas lhes infpiravaõ, deenerou em huma efpecie de defobeliencia geral muito contraria ás Leis a difciplina militar para fer mais longo empo fofrida. D. Luiz as prohibio ob pena de morte, porém a fim de naõ executar nos feus, e para os eter ao mefmo tempo com exemplos le terror, ufou d'efte extratagema. Fazia enforcar fecretamente os Mouos brancos, que tinhaõ fido apanhaos nas excurfoens, e os fazia embruhar em panos rotos, por onde podef-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

deſſem ver a alvura da ſua carne, e l
fazia pregar ſobre o peito hum bil
te que continha a cauſa do ſeu
plicio, como ſe houveſſem tido ou
tantos Portuguezes enforcados,
fazerem correrias; e deſobedecido
ordens: o que aproveitou perfeitam
te bem.

Noricaõ tinha perſuadido ao Id
caõ que naõ era proprio da ſua
gnidade paſſar á Iha ſobre as pont
ou bateis que tinha feito levar c
eſte deſignio; que era mais prop
da ſua grandeza fazer entupir o le
do rio para n'elle entrar depois a
enchuto. Tinha acabado de entulhar
paſſagem que eſtava defronte de Jo
Lopes, e tinha adiantado muito a ol
á força da terra, e de fachinas
fronte do forte de Benaſtarim. O Id
caõ tinha dado neſta idéa, e tinha c
tificado ter para eſta jornada hum b
liſſimo cavallo Arabe, de que o R
d'Ormuz tinha feito prezente ao V
ce-Rei. D. Luiz ſabendo a ſua inc
naçaõ lho mandou de prezente co
hum comprimento muito attento, d
pois de ter com tudo conſultado
Jeſuitas, para ſaber ſe iſto naõ era i
correr nas cenſuras impoſtas pelas Bu
las, que prohibem communicar arma

ou

outras coizas ſimilhantes aos inimi-
s da Religiaõ. O cavallo paſſou
ra huma muito melhor eſtrebaria;
a ſervido com baichela de Prata,
rmia ſobre veludos, e ſobre os mais
los panos das Indias. As confeitu-
s, as agoas cheirozas, e aſſucaradas
rviraõ-lhe de bebida, e ſuſtento; po-
m a ſua boa fortuna naõ foi lon-
a, porque depois de alguns dias foi
orto por hum tiro de peça.

As balas faziaõ o meſmo aos ho-
ens de ambas as partes, e os leva-
ó quando menos o eſperavaõ. Hou-
eraõ muitos feridos de balas ſem pe-
go de morte, e o meſmo Vice-Rei
i ferido duas vezes d'eſte meſmo
odo.

O Idalcaõ tinha ſuas correſpon-
encias na Ilha, e como as paſſagens
ſtavaõ exactamente guardadas, quan-
o os ſeus eſpias naõ podiaõ chegar
elle, faziaõ ſignaes por fogos nos
gares em que tinhaõ ajuſtado. O
ice-Rei eſtava ainda mais bem ſer-
do. Tinha alguns Portuguezes ar-
enegados no campo inimigo os quaes
e eraõ favoraveis, que lhe naõ
eixavaõ ignorar nada. A maior par-
e dos Generaes do Idalcaõ tinhaõ ti-
o grandes relaçoens com os Portu-
gue

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Dezejavaõ a paz nos dois campos; orém mais ainda no campo inimigo. Ninguem com tudo queria fazer as rimeiras propostas. O Vice-Rei dispôz tambem as coisas pelas suas maximas, que sem que ninguem mostrasse requere-la, o Idalcaõ deo plenos oderes para d'ella se tratar. As suas ropoſiçoens com tudo foraõ taõ exorbiantes, que pareceo verdadeiramente, ue elle pessoalmente a naõ queria. Nizamaluco foi logo avisado por sua rmáa, esposa do Idalcaõ, e isto basou para pôr este Principe em desconiança, posto que elle devia dissuadirse das suas sospeitas pela naturesa mesno das proposiçoens.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide, Conde de Atouguia Vice-Rei.

Naõ aproveitando naquella parte s idéas do Vice-Rei, tramou hum ovo ardil, no qual foi menos escrupulozo, do que tinha sido sobre o rtigo do cavallo. O ardil tinha por im fazer assacinar o Idalcaõ: se elle onsultou sobre isto os Jesuitas, e se eguio as suas decisoens, podesse dizer que nem huns, nem outros eraõ escrupulozos.

Noricaõ estava descontente, os seus envejozos naõ deixavaõ de trabalhar para o desabonarem no animo do Principe, e as coisas tinhaõ chega-

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

gado a hum ponto, que Noricaõ f
cegado no ſeu quartel naõ apparec
em caſa do Idalcaõ, e tinha feito ce
ſar o fogo das ſuas bateiras, e os ou
tros trabalhos. O Vice--Rei naõ ign
va nada, fez propor a Noricaõ qu
penſaſſe em pôr ſeu filho Enermalu
co no lugar do Tyrano; que elle
ajudaria com todas as ſuas forças,
o faria cazar com huma filha de Me
le para córar a ſua uſurpaçaõ. Nor
caõ recebeo a propoſiçaõ no principi
com horror; porém crecendo os ſeu
diſgoſtos, deo ouvidos á propoſiçaõ
Travou-ſe a intriga, a maior part
dos Officiaes de Noricaõ entraraõ ne
la. Hum Brachamane que era o princi
pal valido do Idalcaõ era d'iſto com
medianeiro: porém temendo que a con
juraçaõ arrebentaſſe, lhe deſcubrio hu
ma parte. Diſſelhe quanto baſtou pa
ra fazer prender Noricaõ. As ſuas crea
turas tomaraõ violentamente o reba
te. Vendo porém que iſto naõ tinh
outras conſequencias, ſe accommodaraõ
naõ julgando eſtarem deſcobertos. Iſto
baſtou com tudo para fazer abortar o
projecto.

O Cerco de Chaul depois da chegada de Nizamaluco procedia mui lentamente, naõ obſtante eſta multidaõ eſ-

pan-

antofa de inimigos. Houve valor, fraquefa de parte a parte. Com- ates particulares em que os Mouros iveraõ perda por perderem alli a vida; orém os tenentes Portuguezes alli erderaõ a honra, por cometerem n'if- o dolo, e difigualdade no combate. Iouveraõ frequentes fortidas, e fre- uentes attaques mui pouco confidera- eis para ferem contados meudamen- e. D. Henrique de Betancurt, Nuno 'elho Pereira, Alexandre de Soufa, outros alli fe affignalaraõ. D. Fran- ifco Mafcarenhas que tinha o com- iando Geral, e Luiz Freire de ndrade que era Governador da For- ileza, naõ adquiriraõ menos gloria, tiveraõ igualmente que combater ontra a ferocidadade dos inimigos, imprudente valor da nobreza Por- ugueza, a pouca fubordinaçaõ das ropas, e a fraquefa, e murmuraçoens os habitantes.

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Nizamaluco efperava com impa- iencia a frota que tinha pedido ao 'amorim. Tinha folicitado em parti- ular muitos Corfarios do Malabar, e a certeza, de que elles viriaõ, tinha nandado fazer quantidade de pequenos ateis a Danda huma das fuas pra- as. O difignio d'efte Principe eftava

mui-

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

muito bem ajuſtado. Quiz divertir
Portuguezes por hum attaque no m
em quanto fazia hum esforço ger
da parte da terra com todas as ſu
tropas. Toda a boa vontade que te
o Samorim, naõ eſtava em eſtado
ſatisfazer em attençaõ de ſeus alli
dos pela vigilancia de Diogo de M
nezes, que tinha todos os ſeus port
fechados, e lhe cauſava grandes pe
das. Conſeguio com tudo fazer ſal
duas frotas ao mar, as quaes eſcap
raõ ao General Portuguez.

Huma compoſta de 22 paráos
veio abordar a Chaul de noite. Entr
na barra ſem ſer percebida, e paſſ
pelo meio dos navios Portuguezes
ſom de tambores, e outros inſtr
mentos de guerra, ſem receber dar
no algum, pela negligencia, e pou
guarda dos que niſſo deviaõ vigia
Eſta frota trazia 1500 beſteiros,
fuſileiros, que Nizamaluco deſtribu
nas ſuas tropas. A chegada d'eſta fr
ta cauſou huma grande alegria a e
Principe, que nella eſperava hun
grande vantagem. Os Chefes que
commandavaõ ſuſtentavaõ eſta eſperan
ça, e naõ quizeraõ eſperar a cheg
da de outra frota mais conſideravel
qual ſe lhes devia unir julgando-ſe ſu

fi-

icientes para queimarem os navios ortuguezes que eſtavaõ no porto, u para os tomarem. Ajuſtaraõ o dia ara os hirem combater. Nizamaluco uiz ſer expectador da acçaõ, d'huia Meſquita onde ſe foi pôr. Leoel de Souſa, commandante no Por-), ſe avançou com tres galeras para s receber. Porém os inimigos foraõ aõ admirados da ſua firmeza, e dos rimeiros effeitos da ſua artilheria, que ugiraõ vergonhoſamente de ſorte, que oi isto menos hum combate, que uma derrota, e huma fugida. Nizaaaluco preſenceando iſto, perdeo deſe entaõ com as ſuas eſperanças, toa a eſtimaçaõ que tinha concebido os Malabares, e eſtes que ſe viraõ m deſprezo, e em eſtado de naõ faerem nada, 20 dias depois da ſua hegada ſe retiraraõ ſem ſe deſpediem. Paſſaraõ tambem pelo meio dos avios Portuguezes ſem ſerem viſtos or hum effeito da meſma negligenia, que lhes tinha ſido no principio aõ favoravel.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

O Vice-Rei depois dos ſoccorros que tinha enviado a Chaul, ſoccorreo ambem duas vezes eſta praça até á entrada do inverno. Rui Gonçalves he conduſio 200 homens, e D. Jorge de

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

de Menezes Baroche, que foi ſucced a Luiz Freire de Andrade, no Gove no deſta praça lhe levou trezento Com tudo iſto os inimigos naõ deix raõ de ganhar terreno. Tinhaõ arraſ do o baluarte do mar com a ſua a tilheria. Tinhaõ obrigado os citiad a abandonarem muitas coiſas por fo em particular o Moſteiro de S. Fra ciſco; davaõ frequentes attaques ao S. Domingos, e a muitas outras c ſas fortificadas, que tinhaõ pretendi defender.

Tinhaõ já paſſado 4 mezes. E travaõ na cezaõ das chuvas, ſem q pareceſſe que os Reis aliados quiſe ſem deſiſtir da ſua empreſa. Pelo co trario pareciaõ determinados a paſſ o inverno nas ſuas tendas, e ain que houveſſem propoſiçoens de paz fe tas tanto da parte de Nizamaluco, c mo do Idalcaõ, naõ viaõ nenhun eſperança para a concluzaõ. Os requ rimentos do Idalcaõ eraõ ſempre ſ berbos, e Nizamaluco depois de t dado o ſeu conſentimento a Farrat caõ, para entrar em negociaçaõ co Maſcarenhas, revogou-lhe os ſeus p deres, e o fez meter em priſoens pela unica ſuſpeita de que o tinha corrumpido por dinheiro. As conſequen ci-

as d'hum longo inverno dava mui-
, inquietaçaõ aos Portuguezes , e
incipalmente ao Vice-Rei. Teve
om tudo de que ſe conſolar com o
forço que recebeo entaõ de duas
as ſuas frotas victorioſas , que o ri-
or da cezaõ obrigou a refugiar-ſe nos
eus portos.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

A primeira foi a de D. Diogo de
Ienezes, que desfez a ſegunda frota do
amorim. Catiproca-Marca Almirante
eſte Principe, a commandava em peſ-
oa. Voltava de Mangalor onde a Rai-
ha o tinha chamado , confiando-ſe em
ue poderia ſurprender a Fortaleza
om o favor da noite. Diogo de Me-
ezes tinha tirado d'alli a guarniçaõ,
Antonio Pereira, que a commandava,
nha ficado quaſi ſem defenſa , com al-
uns creados , e alguns eſcravos. Cati
roca deſembarcou com effeito taõ ſe-
etamente, que ninguem o percebeo,
té que applicando as ſuas eſcadas ao
uro , alguns dos ſeus entraraõ na
ortaleza , onde plantaraõ outras duas
ſcadas á caſa de Governador. Entaõ
ois da parte de Pereira vendo-os
omaraõ a primeira coiſa que lhes
eio ás maõs ; era eſte o theſouro ,
o Cofre de ſeu amo , com que de-
ibaraõ os que ſobiaõ. Tendo ao meſ-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

mo tempo dado rebate, Pereira de
pertado, acudio com os ſeus em n
mero de 14, ou 15, rechaſſou os q
o accometiaõ, dos quaes ficaraõ
na praça, os outros ſe retiraraõ d
pois de terem poſto fogo ao tecto
caſa, que era de palha, mataraõ a
gumas peſſoas na povoaçaõ, e lev
raõ o Cofre; o que deſagradou a P
reira mais que tudo.

O Rei de Banguel, alliado,
amigo da Fortaleza, pondo-ſe e
movimento á viſta do fogo, e
primeiro eſtrondo, naõ contribu
pouco a acelerar a ſua retirada. C
tiproca, todo altivo com huma feli
dade taõ pequena, foi ancorar
fronte da Fortaleza de Cananor, q
varejou com toda a ſua artilharia,
requerimento do Ada-Raja. O que l
ſervio de infelicidade, porque D. Di
go de Menezes, commandava a Co
de Challe, e vinha a Cananor. I
Luiz de Menezes, e D. Inigo de L
ma foraõ os primeiros que perceber
o inimigo, e dando tempo aos outr
para chegarem, começaraõ o comb
te deſde a boca da noite. Foi e
te hum dos mais memoraveis, que ho
veraõ nas Indias, pela corage comq
combateraõ. Catiproca alli foi mor
de-

epois de fazer muito bem a sua obri-
açaõ, e maltratar muito as duas em-
arcaçoens de Mathias de Albuquer-
ue, e de D. Joaõ de Lima, que se
niraõ a elle. A escuridade da noute
avoreceo a fugida dos vencidos. Me-
eses os seguio com tudo até a Ti-
acol, aonde julgou que elles se reti-
ariaõ. Alli tomou Cutial, sobrinho
e Catiproca, e o cofre de Perreira,
ue foi restituido a seu dono. O va-
or, e a reputaçaõ de Cutial lhe fo-
aõ funestos. O Vice-Rei o fez en-
enenar em Goa, para se livrar d'hum
nimigo taõ perigozo. Os Malabares
erderaõ 11 embarcaçoens neste en-
ontro.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

A outra frota, que tornava para
Goa, era a de Luis de Mello, o qual
inha de ganhar huma bela victoria
ontra o Rei d'Achem. Este Princi-
e sempre constante no seu odio con-
ra os Portuguezes, se tinha posto no
nar no anno depois da afronta, que re-
ebeo defronte de Malaca, resoluto
e a reparar a todo o custo. A sua
rota era composta de 20 galeras, ou-
ras 160 embarcaçoens pequenas. Mem
Lopes Carrasco com hum só navio, e
uarenta homens de equipagem, e odio
urdio no meio desta frota, e d'ella foi

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

logo rodeado. Resoluto a morrer an
tes, do que entergar-se, sofreo todo
esforço desta armada por tres dia
Hum Religiozo Dominico, e hum Je
suita animavaõ continuamente a su
gente para que peleijassem com valo
Tres galeras inimigas vieraõ ao mesm
tempo sobre elle a abordagem. O se
navio estava crivado dos tiros da a
tilheria, e a sua gente toda retalh
da de feridas, e desfigurados de m
do que quasi os naõ podiaõ conh
cer. Com tudo foi taõ inflammado n
combate, que obrigou o Rei de A
chem naõ sómente a deixalo, m
ainda a abandonar a sua empresa, p
ra se retirar para os seus portos co
40 embarcaçoens de menos. O R
d'Achem se remio logo d'esta disgr
ça, e fez partir logo huma nova fr
ta, que deo a commandar ao Princ
pe herdeiro dos seus Estados. N
era taõ numerosa como a primeira
porém era hum pouco mais forte p
la qualidade das embarcaçoens, e
numero quazi de 60. Mello que o pr
curava com huma esquadra de 14 N
vios, o encontrou muito perto d
Malaca. Os dous Generaes começar
o combate com muita animosidade
e o primeiro tiro de peça levou
Prin-

rincipe Achenes. Quando o ar fe
:larou hum pouco, e que fe decipou
fumo de artilheria, o mar appareceo
oberto de defpojos, e de navios ini-
igos difperfos, e fugitivos. Mello
aõ pôde tomar mais que tres gale-
s, e feis fuftas, comque voltou tri-
nphante para Malaca, e dali a Goa,
onde pelo retorno das duas frotas o
'ice-Rei fe achou reforçado de per-
de 3♎. homens.

O Idalcaõ naõ perdeo o animo.
efolveo fazer hum esforço, e ten-
r a paffagem por diferentes bairros.
uviraõ tocar a caixa Real, que naõ
ca nunca fe naõ quando marcha o
rincipe em peffoa. Entraram na Ilha,
iamada de Joaõ Rangel, e no Paço
: Mercantor, até finco mil homens.
Vice-Rei da fua parte fez marchar
fua gente como convinha, e em
ouco tempo teve mais de 2♎ homens
: baixo das armas. Combateraõ fobre
terra, e na agoa até aos peitos, e
o efpaço de duas legoas naõ fe via
or toda a parte mais que huma terri-
el imagem da morte. O Idalcaõ era
xpectador da acçaõ de fima d'hum
uteiro, blasfemava contra Mafoma,
eitava por terra o feu turbante, e o
zava aos pés como hum furiofo. Em
fim

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

fim os inimigos depois de terem
nhado honra nesta jornada, se reti
raõ depois de terem perdido muita g
te. Hum dos cunhados de Idalca
e Solimaõ Aga ficaraõ entre os m
tos. O Santo Bispo de Malaca,
ge de Santa Luzia, Religioso de
Domngos, tinha predicto distinctam
te esta victoria ao Vice-Rei pou
dias antes.

O Cerco da Ilha de Goa se co
tinuou no inverno hum pouco m
vagarozamente, naõ se passou na
consideravel d'huma parte, nem da
tra, se naõ que os Portuguezes
nhaõ sempre huma pouca de van
gem, e mais felicidade nos seus c
sos. O Idalcaõ tentou tambem
ma diversaõ, fazendo solicitar a R
nha de Garcopa para dar sobre On
e enviando-lhe para este effeito d
mil homens, condusidos por Chitig
seu sobrinho. A Rainha da sua p
te tinha 3000. A praça foi investida
e forçada de perto. porque o succe
dependia da diligencia. A' primeira n
ticia que d'isso teve o Vice-Rei, f
partir Antonio Fernandes de Challe
com duas galeras, e 8 fustas. E
finco dias Fernandes chegou a
nor, e de concerto com Jorge
Me

oura, Governador d'esta praça, deo
bre os inimigos, e os pôz em fugida,
depois de fazer huma grande mor-
ndade, se fez Senhor do seu campo,
sua artilheria, e das suas baga-
ns. Antonio Fernandes de Challe
a hum Indio Malabar, que se tinha
to Christaõ. Destinguio-se tambem
n todas as occasioens no serviço da
oroa de Portugal, que ElRei o hon-
u com o habito de Christo, que el-
mereceo por commandar muitas ve-
s os mesmos Officiaes Portuguezes,
e naõ se injuriavaõ de lhe serem
bordinados.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

As diversoens que fez Nizamalu-
da sua parte, naõ lhe foraõ pro-
itozas. As tropas que enviou contra
forte de Caranja, onde comman-
va Duarte Prestrelo, e contra as
ortalezas de Damaõ, e de Baçaim,
raõ sempre desbaratadas, ou volta-
õ sem fazer nada. Tambem foi em
õ que solicitou os Mogols do Rei-
de Cambaia, e os Reis de Coles,
de Sarcette para se juntarem com el-
, para molestar estas praças, ou pro-
rar toma-las.

A diversaõ que fez entaõ o Sa-
orim, foi muito mais consideravel,
muito mais importuna, porém naõ te-
ve

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

ve melhor fucceffo em quanto D. Lu
fervio. Efte Principe naõ tinha ain
feito nada para fatisfazer á obrigaç
que tinha contratado de entrar na lig
e de marchar peffoalmente. As correri
de D. Diogo de Menezes o tinh
confervado como em difgraça por t
da a primavera. Em fim efte Princ
pe fe pôz em campo perto do fim
mez de Junho, e foi citiar o for
de Challe, diftante duas legoas da C
dade Capital. O feu exercito era ta
bem de 100. homens, entre os qua
havia hum grande numero de be
teiros. Tomou os feus quarteis e
torno da praça, bateo-a furiofamen
com 40 peças de artilheria de bro
ze, e fe aplicou a fechar as paffage
a todos os foccorros. A entrada
barra eftava tambem defendida pel
fuas battarias á flor d'agoa, que
primeiro foccorro enviado por D. A
tonio de Noronha Governador de C
chim naõ pôde entrar, e foi obr
gado a tornar para tras. Fernando
Soufa, que condufio hum de Can
nor, foi mais atrevido; porém o fo
corro era pequeno. O Vice-Rei na
teve noticia d'efte cerco fe naõ n
mez d'Agofto: fez partir logo D. Di
go de Menezes, que naõ pôde t
mar

ar se naõ duas galeras em Goa com quaes foi procurar outras desasete ra 18 em diversas partes, e com la a diligencia que fez, naõ pôde egar se naõ no fim de Setembro. n o tempo que chegou, padeciaõ fo- e na praça, e de quasi 700 pessoas e tinha o Governador D. Jorge de stro, naõ havia mais do que sessen- em estado de pegar em armas.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Como a dificuldade consistia em ssar por entre as battarias, Mene- s determinado a vence-la, fez me- em hum grande battel viveres pa- dois mezes, e 50 bons soldados n todas as sortes de muniçoens de erra. Diogo d'Azambuja o devia eceder com a sua galera. Antonio rnandes de Challe, e D. Liuz de enezes o deviaõ levar a reboque n as suas fustas, em quanto as ou- s embarcaçoens estavaõ fora da bar- A coisa se fez como a tinhaõ pro- tado. O soccorro entrou em alto dia traves d'hum diluvio de balas. D. iz de Menezes foi o primeiro que tou em terra seguido de Fernando Mendonça, sobrinho de D. Dio- o qual commandava os 50 solda- s, e sostentado por huma sortidá e fez Francisco de Sousa, que dando

so-

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

fobre os inimigos matou perto 600. Os que tinhaõ introdufido o f corro foraõ obrigados com tudo a tirar-fe bem de preça pelo mefmo minho, e com o mefmo perigo, f ter podido tirar do forte as bocas i teis conforme a ordem que tinha Vice-Rei. D. Antonio Fernandes Challe teve tempo de levar fua n lher para fua infelicidade; porque hindo da barra perdeo ella a cabe por huma bala d'artilheria. Naõ m reraõ mais que 40 Portuguezes na p fagem das tres embarcaçoens.

Os Citiantes de Chaul ganhav fempre terreno pouco a pouco. For obrigados a abandonar-lhe fucceffiv mente muitos poftos, tiraraõ-lhe guns outros. Meteraõ no fundo a g lera que tinha levado D. Jorge Menezes Baroche, a que chamavaõ Batarda do Vice-Rei. Os combates maõ eraõ mais frequentes. Havia m de 400 Portuguezes mortos, e ain que as perdas de Nizamaluco foffe mais confideraveis em fi, ellas o er muito menos refpectivamente. Fin mente em 29 de Junho efte Prin pe refolveo dar hum affalto Geral todos os poftos, para imitar o q tinha feito o Idalcaõ. Todas as fu

tro

pas foraõ com effeito em movimen- n'aquelle dia ; porém isto naõ foi priamente se naõ hum vaõ appara- , que naõ deixou com tudo de lhe tar 120. homens. A acçaõ come- a no outro dia cedo. Durou huma te do dia. Fizeraõ-se belas acço- d'ambas as partes ; porém em fim Mouros deixando perto de 400 ho- ns estendidos no campo ,foraõ obri- dos a tocar á retirada , e a se re- rem bem desbaratados.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Depois da batalha mandaraõ pe- a licença de levarem os seus rtos ; o que lhes concederaõ , e ta especie de tregoa requereraõ „ Què era huma mulher que tinha ombatido na sua frente , disendo ue elles lhe tinhaõ visto fazer pro- ligios de valor , e que teriaõ gran- le disgosto de que a matassem. „ tros diziaõ , „ Que a tinhaõ visto oda brilhante com huma luz que os egava , ajuntando que era esta appa- entemente a *Dama Marlan*. „ As- he que chamaõ á Santa Mai do sso Redemptor , á qual estes Indios usulmanos tinhaõ huma grande ve- raçaõ , por causa da protecçaõ que tinhaõ visto dar aos Portuguezes em itas occasioens. Nesta occaziaõ muitos

se

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

se converteraõ, e se fizeraõ Christ
sem outro motivo, depois de levan
do o cerco; Assim o dizem os Au
res Portuguezes.

Depois d'esta ultima acçaõ,
zamaluco cuidou seriamente na paz
e naõ cuidou em outra coisa, que
a tratar d'hum modo que salvasse a
honra. Eu creio com tudo que a i
o naõ obrigou, tanto perda que tin
tido entaõ, como as suspeitas q
concebeo do Idalcaõ, que elle fal
ter sido solicitado pelos outros Pr
cipes do Reino de Decaõ para se lig
com elles contra elle, e prezumia q
houvesse sempre alguma especie
negociaçaõ declarada com o Vice-R
Porque ainda que o Idalcaõ foi c
tamente sempre fiel a alliança que
nha contractado, com tudo como
tes Principes estavaõ em huma d
confiança continua huns dos outros
e faziaõ commumente escrupulo
faltar á sua palavra, naõ era preci
mais que a menor suspeita para os
zer mudar.

Em quanto as coisas tomavaõ h
ma taõ boa marcha em Chaul, os in
migos affectavaõ espalhar em Goa f
sas noticias da sua tomada, e de ter
pos em tempos lhes viaõ fazer esp
cie

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

: de festa para fazerem acreditar
es falsos rumores, que afligiaõ tan-
mais o Vice-Rei, que tinha sido
do parecer de defender esta praça.
dava bom motivo ás murmuraço-
dos seus invejozos, e do povo
se emancipava tanto mais para re-
tar em satiras, por padecer fome,
ndo redusido a viver d'hum pouco
peixe pescado com grandes riscos,
com humas poucas d'ervas pelo
rto de Vice-Rei; o qual tendo
ios os seus celeiros, usava d'hu-
grande economia por precauçaõ
a o futuro.

O Idalcaõ, que naõ ignorava os
os motivos de inquietaçoens que
ia haver d'este descontentamento
ral, lhe preparava ainda outra in-
ga; a qual teria acabado a guerra
n vantagem sua, se tivesse tido exi-
Porque elle tinha praticado hu-
intelligencia em Goa para lançar
o ás polvoras, e aos armazens. As
voras tinhaõ começado a faltar, e
Vice-Rei para enganar o Idalcaõ,
via fingido ter huma grande abun-
ncia. E para fazer acreditar este
gano, tinha feito encher muitos
ris d'area em modo de polvora com
ito segredo d'huma parte, e pu-
bli-

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

blicidade pela outra, para lhe pod
impôr. D. Luiz foi muito bem fe
vido para defcubrir a nova intriga
inimigo. Efte fez procurar os culp
dos, achou dois que fez enforcar; p
ra os outros, cujo crime naõ foi i
teiramente verificado, contentou-fe
os meter nas galeras, e deo orde
ao Clero que vela-fe na fegurança
Cidade, e que redobra-fe a guarda d
armazens.

D. Luiz da fua parte prepara
novas battarias, para dar que faz
ao Idalcaõ, e para o occupar p
outra parte. Porque em quan
elle fe moftrava muito frio fobre
negocios da paz que hiaõ fempre c
minhando, elle a dezejava com hu
extremo ardor, e fazia tudo o que p
dia para obrigar o Idalcaõ a procu
la por fi mefmo. O rodeio que t
mou lhe aproveitou. Ifto fervio de p
em movimento os Principes herdeir
do Rei de Narfinga, que o Idalc
tinha vencido. Naõ fe dirigio ao m
moço que a vifinhança do Idalcaõ
nha em refpeito, e que o temor
nha obrigado a fazer-fe feu vaffall
Recorreo ao mais velho, que era m
poderofo, e que naõ tinha nunca f
to tratado com o Idalcaõ victorioz

Pa

Para melhor cobrir esta negocia-
, o homem de que o Vice-Rei
servio, passou para o campo do Idal-
como desertor, e de lá a Bisna-
, onde as suas proposiçoens foraõ
ebidas com cubiça. O Idalcaõ o
ibe. Pouco depois teve a noticia
retirada do cerco de Chaul, e que
zamaluco tinha feito a sua paz. En-
começou a tomar as suas medi-
para se retirar sem ter feito a sua.
ecutou este projecto com muito ar-
cio, dando ordem a fazer partir
la á sua artilheria, e suas baga-
ns sem estrondo, em quanto An-
taõ, Rumecaõ, e Moratecaõ ser-
õ a cobri-los, ficando nos seus quar-
s onde faziaõ de modo a guerra,
e continuavaõ sempre as suas nego-
çoens para á paz: porém o Vice-
i a quem esta partida do Idalcaõ
õ podia ser occulta, embaraçou-se
ıco em concluir esta paz, esperan-
achar-se bem de pressa em estado
a dar como Senhor.

Assim se terminou o maior esfor-
d'esta conjuraçaõ, que tinha tido o
ce-Rei suspenso quasi dez mezes,
s quaes se pode dizer que elle sus-
tou só d'algum modo o Estado de-
ente das Indias, sem perder hum
pal-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz d'Ataide Vice-Rei.

palmo de terra. Os Principes ligad
pelo contrario tiveraõ grandes perda
inevitaveis em huma taõ grande mu
tidaõ, e em hum taõ longo temp
Ellas foraõ menores com tudo que
da sua reputaçaõ, naõ tendo por
sim dizer podido avançar hum pa
com taõ grandes forças contra hu
inimigo taõ fraco em comparaçaõ
de que toda a força consistia quasi
huma só cabeça.

Porém o victorioso D. Luiz n
se pôde aproveitar das suas vantage
nem gozar do fructo dos seus tra
lhos. Quatorze dias depois da reti
da do Idalcaõ, D. Antonio de No
nha, que eu suspeito ser hum n
de D. Affonso, como tambem o ou
D. Antonio, que estava actualme
Governador de Cochim chegou de P
tugal, donde tinha partido neste an
com as provisoens da Corte, para
succeder na mesma qualidade de
ce-Rei. D. Luiz que o recebeo
Goa, lhe entregou na maõ o Gov
no, e foi embarcar-se a Cochim p
Lisboa, onde ElRei o recebeo c
grandes honras, e lhe deo a dire
superior a elle de baixo do palio
procissaõ solemne, que foi feita em
çaõ de graças das grandes felicida
que tinha tido nas Indias. S

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

Se Noronha chegou muito tarde
tirar a D. Luiz d'Ataide a glo-
de ter feito fugir o Idalcaõ, te-
a consolaçaõ de fazer com elle a
com condiçoens vantajozas. Po-
apenas foi ella regulada, e affig-
, que os navios, que o novo Vi-
Rei acabava de mandar a corso,
araõ esta paz sem razaõ, tomando
navios d'este Principe, que vi-
ó de Meca, e naõ tinhaõ queri-
mostrar os seus passaportes. D.
nrique de Menezes que comman-
a a frota, pagou muito caro a cul-
que nisto cometeo. A tempestade
do-o levado para hum dos portos
Idalcaõ, alli foi feito presioneiro,
ransportado a Bilgaõ, onde o Idal-
o conservou em hum carcere, e
ou muito a receber o seu resgate,
ois d'hum longo, e rigoroso cati-
o. As outras embarcaçoens desta
a cahiraõ nas maõs dos Malabares,
os obrigaraõ a se render, depois
custar a vida a Manoel de Masca-
has, a Fernando de Sousa Couti-
, e a alguns outros Officiaes pe-
sua imprudente temeridade.

A consolaçaõ que pôde ter No-
ha de ter feito a paz com o Idal-
, foi bem agoada pelo disgos-

Ann. de J. C. 1572.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

to que teve de naõ ter podido socc
rer a tempo a Fortaleza de Chal
Elle lhe tinha no principio destina
dois soccorros differentes, que fo
empregados em outra parte, porc
D. Diogo de Menezes tornando
bre estas circunstancias, alli foi env
do com mais de 1$500. homens. I
rém já o negocio estava feito. D. J
ge de Castro enfraquecido pela
idade de 80 annos, vencido pelas
grimas d'huma espoza moça, e
outras mulheres da praça, as qu
se naõ acharaõ com o valor das
Diu, excitado tambem pela fraqu
de muitos Officiaes, sempre muito p
dentes para proverem na sua segur
ça, naõ comettendo se naõ a glo
d'outro, tinha já entregado a pr
por capitulaçaõ, antes que nella tiv
sem feito alguma brecha, deshonrar
assim as suas cans, e a sua Naçaõ,
huma tacha tanto mais infame, e t
to mais sensivel, por naõ haver a
da igual exemplo nas Indias.

D. Diogo de Menezes recolh
este infelis velho, e a sua fraca gu
niçaõ, que o Rei de Tanor
nha recebido na sua casa. Cond
os depois a Cochim, onde trouxe
má noticia d'esta entrega. Mene

Mathias d'Albuquerque tendo repar-
do a sua frota entre si, se dividiraõ
ıra hir andar a corso, e se ajunta-
.ó depois para attacarem, e demoli-
m hum forte, que hum Naique vas-
llo do Idalcaõ tinha levantado na
nbocadura do pequeno rio de San-
ıifer. Elles o conseguiraõ: porém cus-
u a vida ao celebre Antonio Fer-
ındes de Challe, cujo corpo foi trans-
rido a Goa, onde foi sepultado com
onras quasi similhantes ás que faziaõ
s Vice-Reis.

Ann. de J. C. 1572.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

Novos cuidados impediraõ o Vi-
-Rei de se vingar do Samorim d'
ıma taõ grande afronta como a to-
ada de Challe, e o chamaraõ para
Reino de Cambaia, onde tinha succe-
do huma nova revoluçaõ. Gelaled
ahamed Hecbar Pat-cha Rei dos Mo-
ols, se tinha assenhoreado d'elle,
ıamado por Itimiticaõ, que lhe ti-
ıa entregado a pessoa do Rei, que ti-
ıa feito, ou porque este fosse seu fi-
o, como dizem, ou porque este fos-
o filho do ultimo Rei, como el-
mesmo o dizia, ou alguma outra
rsonagem, que lhe substituhio. Naõ
sabe qual foi o motivo que o le-
u a este extremo. As relaçoens,
as memorias d'estes tempos come-

ANN. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

çaõ a faltar. Como quer que ſeja Im
ticaõ julgou achar alli a ſua felicidad
e tinha feito o ſeu tratado para govern
o Reino em qualidade de Vice-Re

Hecbar Senhor d'um taõ poder
ſo Eſtado, ſem ter quaſi tirado a eſp
da, quiz reunir os pedaços que lhe t
nhaõ ſido deſmembrados, e veio acam
par-ſe na viſinhança de Damaõ, e c
Baçaim com hum poderoſo exercit
D. Luiz d'Almeida Governador d'eſ
primeira praça, aviſou diſto logo
Vice-Rei, que alli voou com hum
beliſſima frota. A preſença de Nor
nha fez mudar de parecer a Hecba
Julgou eſte que convinha melhor a
ſeus negocios viver bem com os Po
tuguezes; fez com elles a ſua paz
e tornou para Amadaba, onde ac
bou de aſſegurar-ſe do Reino, faze
do cortar a cabeça a Imiticaõ, que r
cebeo aſſim da maõ d'hum ingrato
juſto caſtigo das ſuas ingratidoens
reſpeito dos ſeus Soberanos.

As duas diſgraças que tinha ti
o Rei d'Achem nas duas ultimas v
zes em que ſe tinha empenhado a h
ſitiar Malaca, o tinhaõ impedido
ajudar os Principes alliados, e de e
tar em campo no meſmo tempo q
elles conforme o ſeu ajuſte. Naõ p
diac

aõ imputar-lhe que tinha faltado por
u gosto. Trabalhava em reparar as
as perdas ; e tanto que elle esteve
onto, partio com huma frota taõ nu-
erosa como as primeiras quasi no mes-
o tempo, que o Idalcaõ, e Niza-
aluco, cansados dos seus esforços inu-
is, se retiraraõ com disgosto, e com
vergonha de naõ terem conseguido
seus projectos.

No mesmo dia que elle chegou,
esembarcou perto de 7ↀ homens de
opas. Lançou fogo á povoaçaõ d'
her, a qual se teria queimado toda
naõ houvesse huma chuva que o
agou. Fez igualmente diligencia pa-
queimar os navios do arcenal, e
iõ o podendo conseguir, estabele-
os seus quarteis, e entrou a ba-
a Cidade furiosamente. Faltavaõ
mens, viveres, muniçoens, e ge-
lmente tudo. A consternaçaõ era
ande. Apenas pensavaõ em se de-
nder do outro modo, se naõ com ro-
tivas, prociſſoens, e lagrimas com
ie esta Cidade procurava abrandar a
lera de Deos, e implorar a sua mi-
ricordia, que ella naõ merecia : por-
ie era huma verdadeira Babylonia
lo excesso dos vicios. Nestas tristes
rcunstancias chegou Tristaõ da Vei-
ga

Ann. de J. C. 1572.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antonio de Noronha Vice-Rei

ANN. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI

ga com hum unico navio que volt
das Ilhas de Sunda. Toda a Cid
recorreo a elle mesmo como ao seu A
tutelar. Que a Providencia lhes
viou para os fazer esperar contra
da a esperança. Tristaõ cheio de va
e de fé tomou a commissaõ, fez
parar nove, ou dez embarcaçoens
lhas, e podres, que estavaõ no a
nal, e tendo alli distribuido 300
mens, que faziaõ compaixaõ pela
desnudez, molestias, e fome que
nhaõ padecido, foi procurar a f
inimiga, que achou no belo rio.
com huma resoluçaõ heroica, descer
em huma galiota, depois de ter con
do o governo do seu navio a out
foi o primeiro que attacou a Cap
nia. Todos os outros Officiaes
daraõ perfeitamente. O combate
cruento. Em fim pôz esta numer
frota em fugida, tomou quatro g
ras, e sete fustas, meteo muitas
fundo, matou 700 inimigos, e
vrou assim Malaca, para onde voltou
ctorioso, e onde custava a crer hu
tal victoria.

Malaca padecia sempre, em p
te por razaõ da distancia do Ind
tam, em parte tambem hum pou
por culpa dos Vice-Reis, e Gov
na

lores Geraes das Indias, que mui- occupados com as praças, que ti- aó na ſua viſinhança, entereſſavaó-ſe nos nas que eſtavaó mais diſtantes, ou rque d'elias tiraſſem menos proveito, porque tomaſſem por pretexto as erras, que elles meſmos tinhaó que tentar. Que ſe ſegundo as occaſioens iaó algum esforço nas neceſſidades gentes, entaó ou os ſoccorros que es enviavaó chegavaó muito tarde, eraó muito fracos. Aſſim Malaca vio ſempre em temor da parte dos migos que a cercavaó: inimigos que diaó bem humilhar; porém que naó diaó abater. Com iſto eſta Cidade minoza naó ceſſava de merecer as nganças de Deos, e era o theatro cubiça, e da luxuria.

Ann. de J. C. 1572.

D. Sebastiaó Rei

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

Para obviar eſte primeiro mal, Rei D. Manoel tinha querido limi- r o poder dos Governadores das In- as, cuja eſphera era muito vaſta, tinha repartido as ſuas conquiſtas do vo mundo em differentes Governos dependentes. Porém iſto tinha ſido al ſuccedido, como já vimos. El- ei D. Sebaſtiaó capacitado d'eſta pri- eira idea, e perſuadido da ſua ne- ſſidade quiz practicala, e fez tres overnos. O primeiro deſde o Cabo das

ANN. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

das Correntes na Africa oriental, ao de Guardafu; o segundo desde te ultimo Cabo até ao de Comorim; o terceiro desde o Golpho de Ben la até á China. Fazendo esta di zaõ, enviou D. Antonio de No nha á India com o titulo de Vi Rei, e nomeou para os outros d Governos Francisco Barreto para o p meiro, e Antonio Monis Barreto ra o segundo, ambos com o simpl titulo de Governadores.

Antonio Monis Barreto tendo cl gado a Goa, obrigou o Vice-Rei expedi-lo para o seu Governo, segu do as ordens que tinha da Corte, fez no mesmo tempo propoziçoe muito exorbitantes. O estado das I dias naõ supportava certamente que vessem respeito aos seus requeriment principalmente sobre o fim da guerr que acabavaõ de sustentar, e que na estavá ainda bem extincta. O Vic Rei fez quanto pôde para o persua dir da razaõ, e obrigar a modera as suas pretençoens. Barreto se picou recusando partir com os soccorros qu lhe queriaõ dar, e escreveo occult mente á Corte cartas cheias de fel, de amargura: deste modo ficou M laca sem soccorro por mais d'hum ann

Só

Ann. de J. C. 1573.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

Só sobre a Carta de Barreto, en-
ou a Corte ordem de depôr o Vice-
ei. Francisco de Sousa, que comman-
va a frota partida do Reino, mal
z pé em terra, foi levar os despa-
os d'ElRei ao Arcebispo D. Gaspar,
quem se dirigiraõ. Este homem res-
tavel pelas suas cans, e sua dignida-
; porém simplez, e ignorante nos
gocios do mundo, cometeo en-
hum erro enorme, que se naõ de-
a nunca esperar da sua idade, do
caracter, nem da sua virtude. Por
e em lugar de tomar conselho, ten-
principalmente nas cartas da Cor-
coisas, que se podiaõ interpretar be-
gnamente, transportado d'hum zelo
prudente, e pode ser tambem que
ongeado com a vaidade de ter para
ecutar huma ordem d'esta impor-
ncia, ajuntou todos os corpos na
a Igreja, e fez ler por hum Alcai-
as ordens que lhe tinhaõ vindo,
entrega, a Antonio Monis Barreto
ovisoẽs para succeder a Noronha.
Depois deste terrivel estrondo
m o mesmo passo, e com a mesma
prudencia, o Arcebispo seguido de
do este Conselho tumultuoso, foi
r ao Vice-Rei a Sentença da sua
posiçaõ. Noronha ouvio com huma
cons-

Ann. de J. C. 1573.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

constancia que enternecia aquelles me
mos que a ouviaõ, e que lhe fazi
a justiça de crer que elle naõ a m
recia. Com tudo elle, sua esposa,
D. Fernando Alvares de Noronha m
reraõ de disgosto no navio que os t
zia para Porrugal. O Ministro que
nha enviado da Corte a ordem pre
pitada, e inconsiderada, concebeo d'
to tambem tanto disgosto, que morr
igualmente. O Arcebispo, e Barre
deveriaõ morrer de vergonha, e de a
rependimento, o que lhes naõ aco
teceo. Bela instrucçaõ sobre a vaid
de das coisas humanas, onde se vê
vida, e a fortuna d'hum homem
merecimento, e de grande dignida
depender ao mesmo tempo da p
xaõ d'hum homem enteressado na s
propria causa, falso, e violento n
suas informaçoens, e da furia d'hu
Ministro inconsiderado, e pouco aca
telado, e da simplicidade, ou da vaida
d'hum beato sem luzes.

Depois deste exemplo de terr
de que Barreto era de alguma sor
o autor, e o executor mesmo: q
naõ julgava que devesse fazer mais i
pressaõ nelle, do que em outro qu
quer, e inspirar-lhe medo d'huma Co
te, que mostrava tanta severidade
pe

la falta de respeito devido ás suas
lens? Elle se achava justamente no
esmo caso que lhe tinha feito pa-
cr o seu culpado. Elle era Governa-
r Geral, e Senhor. D. Leonel Pe-
ra lhe succedeo no Governo de Ma-
a. Barreto tinha recebido ordens
ra o proverem, ainda mais fortes
que tinhaõ sido as de Noronha
seu favor. Tinha noticia de que
alaca estava de novo reduzida a gran-
s extremidades. Ella estava muito
is precizada por terem deixado de
hir no anno passado. A India naõ se
hava em huma situaçaõ taõ má, co-
a em que se tinha achado, quan-
os seus mais poderosos Principes
avaõ armados contra ella, assim co-
estavaõ na chegada de Noronha.
reira fazia requerimentos muito mais
oderados, e se contentava com mui-
menos. Naõ obstante isto Barre-
teve animo de recusar a Pereira
do o que elle pedia, e a Corte, a
em naõ deixaraõ de fazer queixas
uito vivas, posto que muito mais
fendida por esta reincidencia de de-
bediencia, naõ ousou proceder con-
a este, que era muito mais crimi-
so que o seu predecessor; de quem
nha elle mesmo tanto exagerado a
cul-

Ann. de J. C. 1573.

D. Sebastiaõ Rei

Antonio Monis Barreto Governador.

ANN. de J. C. 1574.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

culpa, porque ella tinha uſado de m
to rigor a reſpeito daquelle que n
nos o merecia, ou que inteiramen
o naõ merecia. Eſtranha fraqueſa
prova ſenſivel que muitas vezes os h
mens naõ ſaõ, ou naõ paſſaõ por
pados, ſe naõ como o parecem aqu
les de quem dependem.

D. Jorge de Caſtro foi d'iſto ta
bem huma prova no anno ſeguint
porém triſte. A Corte eſtava ain
no goſto da ſeveridade. Ella mand
que lhe fizeſſem o ſeu proceſſo, p
ter entregado a Fortaleza de Challe
Samorim; e a eſte infelis velho f
a cabeça cortada em hum cadafalſo
praça publica de Goa. Podiaõ cer
mente deſculpa-lo, ou deviaõ fazer
proceſſo aos outros que o aconſelhar
taõ mal. O miniſterio moſtrou ter pe
ſado aſſim, ſem o que ſe fazia re
culo, enviando no anno ſeguinte pr
viſoens para lhe confiar outro Gove
no.

A' medida que Malaca ſen
augmentar a ſua fraqueſa pelo d
ſemparo em que a deixavaõ os q
eſtavaõ encarregados de proverem
ſua ſalvaçaõ, via crecer o n
mero dos ſeus inimigos. A Ra
nha de Japara alli enviou prime
r

que ninguem 15 ℔. Javas, com hu- poderosa frota de 80. Juncos, e s 220. Calaluses. Tristaõ Vaz da ga, que depois da sua victoria ti- continuado a sua derrota para ás s do Sunda, estava de retorno pa- Malaca, e o povo lhe tinha roga- que quisesse entrar em posse do verno vago por morte de D. Fran- Henriques. Vaz foi tambem o o tutelar d'esta pobre Cidade com m soccorro, que a providencia lhe ou, teve a gloria de triumphar de esta numerosa armada.

Ann. de J. C. 1594.

D. Sebastiaõ Rei

Antonio Monis Barreto Governador.

Os Javas tinhaõ formado hum cer- regular, e estabelecido suas estan- Joaõ Pereira que Vaz enviou, tomou huma com sete peças d'ar- eria. Depois d'este primeiro ensaio eira foi lançar fogo á frota d'el- que pegou de modo, que consu- 30 Juncos, e huma maquina, que s tinhaõ preparado para tomarem dos bastioens da Fortaleza. Pe- a tendo-se depois metido em em- cada com a sua pequena frota pa- lhes cortar os viveres, os Javas raquecidos, por huma parte por hu- molestia, que fez morrer perto de ade, da outra pela fome que pa- iaõ, depois que Pereira tinha oc- cu-

Ann. de J. C. 1575.

D. Sebastiaõ Rei

Antonio Monis Barreto Governador.

cupado todos os eſtreitos fazendo c
ſo , ſe tornaraõ a embarcar com p
cipitaçaõ. Pereira os ſeguio, e lhes d
baratou a ſua ultima linha. Fizeraõ
ſua retirada precipitada em menos
tres horas. Tendo durado o cerco t
mezes.

Tanto que eſte exercito fugiti
deſapareceo , viraõ vir o do Rei
Achem , que era ainda mais forn
davel , que os precedentes. Triſtaõ V
reduſido á neceſſidade pela falta
viveres , tinha enviado Joaõ Pereira p
ra ſe apoderar d'huma paſſagem com t
embarcaçoens , e facilitar os combo
de viveres. A frota inimiga cahio
bre elles. Em pouco tempo os t
Capitaens foraõ mortos com 72 dos ſe
40. foraõ feitos preſioneiros, ſinco ſóme
te ſe ſalvaraõ a nado. Eſta perda pô
Cidade nos ultimos extremos : n
reſtavaõ alli mais que 150. Portugu
zes , a maior parte em eſtado de n
pegarem em armas. A polvora , e
viveres lhes faltavaõ. Todo o ſeu
curſo eſtava em Deos , que moſtr
querer ainda ſalvar milagroſamen
eſta Cidade criminoſa. Porque o
lencio , que alli havia por falta
polvora , e a conſternaçaõ em que t
dos eſtavaõ , tendo feito temer ao R
d'A

chem alguma surpresa, ou algum
gano de guerra, possuido d'este ter-
panico, este Principe levantou o
co com huma precipitaçaõ extraor-
aria, e deixou a presa, quando a
ha já entre as maõs.

Ann. de J. C. 1576.
D. Sebastiaõ Rei

O Governador Geral tinha alguma
presa na idéa, e entrou na pre-
cisaõ de fazer os preparativos. A
de se justificar com á Corte das re-
açoens, que tinha feito a D. Leo-
Pereira dos soccorros, que lhe ti-
pedido para Malaca, pela neces-
de em que se achavaõ as Indias,
ou por emprestimo do Senado de
a 20000 pardáos. Porém nam tendo
çaõ para dar, lhe obrigou seu filho
arte Monis de idade de oito annos.
Senado tratou mal o Gover-
nador nesta occasiaõ, em compara-
ao modo de que tinha usado com
Joaõ de Castro, ao qual elle en-
u os cabellos da sua barba, que lhe
viaõ de penhor, e deo-lhe mais
que elle pedia: em lugar que naõ
cedendo a este se naõ o empres-
o, que elle pedia, aceitou o penhor.
a diferença de procedimento, fazen-
sentir a que faziaõ d'homem, a
nem picou tanto mais Barreto, que
lisongeava de que com elle usariaõ
me-

Antonio Monis Barreto Governador.

ANN. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

melhor. He verdade que a incerte
em que estavaõ sobre o modo co
que a Corte julgaria da sua conduć
a respeito de D. Leonel Pereira
deveo influir muito em hum proce
mento taõ pouco decente, e pou
obrigatorio.

Nos naõ vemos que houvesse
guma consequencia d'este emprestim
nem que Monis Barreto fizesse alg
ma empresa consideravel no seu G
verno. Nos achamos sómente que Jo
da Costa com duas galeras, e 24 fu
tas correndo a Costa do Malabar abat
o Rei de Tolar, e o Samorim, qu
mando muitas das suas povoaçoen
Carregou a sua vingadora maõ mais p
ticularmente sobre este, arruinando-l
absolutamente a Ilha de Challe, e hu
pouco mais longe huma das suas c
zas de recreio, onde o seu sobrinh
Principe herdeiro foi morto; o que l
custou infinitamente mais do que tod
as outras perdas.

Foi quasi naquelle tempo, q
quatro Religiosos da ordem de S. Fra
cisco, que tinhaõ por Prelado hu
santo homem chamado o Padre Alf
ro, entraraõ na China para pregare
o Evangelho. Ficaraõ algum tem
em Cantaõ, onde trabalharaõ com mu

tc

zelo na converfaõ das almas; po-
n vendo que o fructo naõ refpon-
aos feus trahalhos, tornaraõ para
ação.

Ann. de J. C. 1576.

D. Sebastiaõ Rei

A divifaõ dos Governos tendo
o muito mal fuccedida da parte de
alaca, foi ainda muito mais infe-
, pofto que em outro genero, no
Africa. ElRei D. Sebaftiaõ obri-
do pelo feu confelho a fazer efta
artiçaõ, tinha tido por objecto nef-
fazer-fe Senhor das Minas de Mo-
motapa, que lhe affirmavaõ fer hu-
fonte inxaurivel de riquefas im-
nfas, e huma emprefa facil.

Antonio Monis Barreto Gover. nad or

O Imperio do Monomotapa ou
nomotapa comprehende huma gran-
parte da Ethiopia baixa, def-
Imperio dos Abexins até ao Cabo
Boa Efperança, Norte, e Sul; e
Cofta de Zanguebar até aos Pai-
dos Negros, e Reinos d'An-
a, e de Congo, Efte, e Uefte.
regado por muitos rios grandes,
contem 25 Reinos, que lhe rendem
falagem. Os habitantes naõ faõ to-
s barbaros, como os Huttentoens,
outros povos da Cofta da Cafraria.
fto que negros, faõ mais efpirito-
s, e mais induftriofos, e tem hu-
forma de Religiaõ mais affignala-

da,

Ann.de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

da, de que parece que o Imperado
he o Chefe. Efte Principe he refpe
tado como huma efpecie de Divind
de. Os feus vaffallos naõ lhe fala
fe naõ de joelhos ; elle , e as fu
mulheres , faõ fervidos pelos filh
dos Principes , e dos Reis feus va
fallos, que eftaõ lá como em refe
até a idade de vinte annos , paff
depois aos primeiros empregos. O P
lacio d'efte Principe he rico, e tu
alli refpira o ar d'huma Naçaõ be
policiada , as infignias da fua dign
dade faõ huma fouce , e duas flexa
Ainda que efteja em paz , tem co
tudo fempre em pé hum exercito mu
to numerofo. Tem entre as fuas tr
pas hum povo de mulheres guerreira
que pertendem ter nafcido das antig
Amazonas da Libya. O que efte Pri
cipe tem de mais particular , he
fogo fagrado, que conferva, e q
manda renovar cada anno em tod
os Eftados dos Principes feus feuda
rios. Suas terras faõ ferteis , e abu
dantes , ricas em Elephantes , e e
animaes ; porém principalmente p
eftas ruinas, que pertendem fer o Op
de Salomaõ.

Havia alguns annos que o Im
perador que reinava entaõ, tinha te

te

Ann. de J. C. 1576.

D. Sebastião Rei

Antonio Monis Barreto Governador

iunhado dezejar a alliança dos Por-
uezes. O Vice-Rei das Indias alli
iou o Padre Gonçalo da Silveira
iita, que baptisou este Principe com
mperatriz sua mãy, e trezentos dos
icipaes Senhores da sua Corte. Po-
i os Mouros tendo-lhe voltado o
mo, elle fez cortar a cabeça a es-
Padre. Pouco depois elle se arre-
deo, e fez o mesmo aos seus ca-
iniadores.

O zelo de estender a Religiaõ
uelle paiz, e o desejo de se apro-
ar das suas riquesas, determinou
Rei D. Sebastiaõ a enviar-lhe Fran-
o Barreto com tres navios, e per-
de mil homens. Era para admirar
Barreto, que tinha sido Governa-
Geral das Indias, se quisesse en-
regar d'huma taõ pobre commissaõ.
ém os grandes homens atten-
i mais á obediencia que devem aos
s Principes, que á differença dos
tos. Além d'isto Barreto se tinha
iinado pelo serviço do Estado.
Rei com tudo pertendeo honra-lo,
do-o a par com o Vice-Rei das In-
s, e lhe deo de mais o titulo de
nquistador das Minas.

Contarei aqui fielmente o que diz
noel de Faria na sua historia. Este

ANN. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

Autor conta, que o Rei encarregan
Francifco Barreto defta expediçaõ, l
ordenou no mefmo tempo, que n
fizeffe nada, fe naõ pelo confelho
Padre de Monclaros Jefuita, em q
fe naõ fabe admirar muito, ou a d
cilidade d'hum grande Capitaõ em
fubmeter a hum Religiofo ignoran
no minifterio da guerra, ou efte Re
giofo Santo na fua peffoa, e che
de zelo que fahia tanto da fua esf
ra, e do feu eftado. Monclaros
tabelecendo bem o feu credito,
portou como meftre, tudo para á gl
ria de Deos, e começou a ufar
fua auctoridade na efcolha de dois
minhos por onde podiaõ entrar no M
nomotapa. Só, e contra o parecer
todos, fez tomar aquelle por on
era precizo paffar pela vifinhança
alguns Mouros, que penfaraõ em f
zer morrer efte exercito, envenenand
lhe as agoas. Barreto naõ deixou co
tudo d'avançar caminho. Enviou
feus Embaixadores á Corte do Imp
rador, e alcançou o que pedia, off
recendo-lhe a fua alliança contra
Rei de Mongar rebelde. Cofteou o r
Zambeza fómente com 23 cavallos
e 500 para 600 homens armados
arcabuzes. Marchou em boa orde
com

m a ſua artilheria, e a ſua baga-
m no centro, e com eſta pequena
opa desfez muitas vezes milhares d'
mens pouco accoſtumados ao eſtron-
da artilheria, de ſorte que o Rei
Mongar foi obrigado a pedir-lhe
z.

Ann. de J. C. 1576.

D. Sebastiaõ Rei.

Neſtas circunſtancias Franciſco
rreto foi obrigado a tornar para Mo-
mbique, onde Antonio Pereira Bran-
õ, hum dos que ſe tinhaõ diſtin-
ido muito nas Molucas pelos ſeus
mes, e que em caſtigo eſtava de-
adado em Africa, e tinha requerido
r preferencia, de ſer da expediçaõ
s Minas, tinha cauſado terriveis mo-
nentos. Porque eſte homem, ainda
e de idade de 85 annos, naõ deſ-
entia nunca da ſua primeira condu-
. Barreto lhe tinha confiado a For-
leza, e eſte ingrato procurou fazer-
Senhor d'ella, e atropelar Barre-
, que elle ofuſcava na preſença
ElRei á força de calumnias ſuppoſ-
, e de cartas, que eſcrevia á Cor-
Eſtando Barreto de retorno para
oçambique, Brandaõ ſe deitou a
us pés, e lhe pedio perdaõ. Barre-
lho concedeo com grande genero-
ade abraçando-o ternamente com as
grimas nos olhos; e tendo confia-
do

Antonio Monis Barreto Governador.

Ann. de J. C. 1576.

D. Sebastiaõ Rei

Antonio Monis Barreto Governador.

do a praça a outro, tornou a par
para o exercito. Apenas elle cheg
o padre Monclaros deixando-se tran
portar d'hum zelo intempestivo, l
mandou que abandonasse a empres
dizendo-lhe, „ Que elle era a cau
„ da perda de toda a sua gente,
„ que elle d'isso daria huma conta t
„ rivel a Deos, e a ElRei a quem
„ nha enganado. „ Barreto toma
deste attaque morreo dois dias dep
de disgosto.

Vasco Fernandes Homem, q
succedeo a Barreto por ordem da C
te, em cazo de morte, foi mu
bom para obedecer ao Padre de Mo
claros neste ponto, e voltou para M
çambique; porém tendo-se hum po
co deixado abrir os olhos sobre
motivos d'huma obediencia taõ ce
deixou lá este Padre, e tornou a
mar a sua expediçaõ, a qual foi co
tudo muito infeliz. Os naturaes
paiz o enganaraõ, e tanto fizeraõ co
os seus enganos, que a maior pa
dos Portuguezes morreo, e os q
poderaõ sobreviver á sua miseria
voltaraõ sem acharem as minas, d'o
de os tinhaõ sempre maliciosamen
apartado. Esta expediçaõ começada e
1569. durou até perto do fim de 157

ANN. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI.

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

O Padre Francifco de Soufa, ou
rque julgou o Padre Monclaros in-
ocente d'efte facto, ou porque tivef-
refpeito á fua Religiaõ para o tratar
mo culpado, como fe foffe huma
ancha, que em hum corpo taõ nu-
erofo fe achaffe hum homem, que
deixaffe condufir de hum zelo mal
ntendido, intentou juftifica-lo, e diz
lanoel de Faria, que elle naõ no-
ea, ou fora mal informado, ou
eo muitas largas ao feu genio cri-
co, e mordaz. Pode dizer-fe, que
Autor foi mal informado, principal-
ente em hum tempo em que attribuiaõ
os Jefuitas muitas coifas nas quaes
aõ tinhaõ parte. Os outros Efcripto-
es que nos feguimos até ao prezente,
os faltaõ, e naõ condufiraõ a fua
iftoria até a efte tempo, onde Faria
e acha fer o unico Annalifta das
Conquiftas dos Portuguezes. Eu creio
om tudo dever fazer juftiça a efte
Autor. He verdade que elle he livre,
trevido em dizer o feu parecer; po-
ém pareceo-me veridico, e no que
oca aos Jefuitas, fala d'elles em tan-
os lugares com huma eftimaçaõ, e
ffeiçaõ taõ fingular, que naõ poffo
rer que n'ifto tenha falado por pai-
xaõ, naõ tendo, fegundo creio, ente-
ref-

Ann. de J. C. 1578. 1579.

D. SEBASTIAÕ REI

refſe algum em fazer apparecer o P dre Monclaros culpado longo temp depois da morte d'eſte Padre. A delidade que eu devo á verdade hiſtoria, naõ me permitio omitir eſ reflexaõ, nem de naõ fazer juſtiça merecimento deſte Eſcriptor, dizend o que ſerve para a ſua juſtificaça

RUY LOURENÇO DE TAVORA NOMEADO VICE-REI.

Ruy Lourenço de Tavora, q vinha para ſucceder a Antonio M niz Barreto, e que era honrado co a qualidade de Vice-Rei, morreo e Moçambique. D. Diogo de Meneze achando-ſe nomeado nas ſucceſſoens tomou o Governo, e o conſervo por dois annos, ſem que d'iſto fica ſe algum veſtigio por falta de memo rias d'aquelles tempos. Elle tinha ſe vido bem, e era digno do poſto que foi ellevado. Faltou menos ſen duvida ás occaſioens de fazer grande acçoens, do que as occaſioens lhe fal taraõ.

DIOGO DE MENEZES GOVERNADOR.

D. LUIZ D'ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI. PELA SEGUNDA VEZ.

D. Luiz d'Ataide Conde d'Atou guia voltou pela ſegunda vez ás In dias para lhe tirar o baſtaõ das maõs ElRei D. Sebaſtiaõ tinha nomead eſte grande homem Generaliſſimo da ar mada, que eſte Principe devia conduſi peſſoalmente á Affrica. Elle o tinha eſcolhido por preferencia ſobre a ſua al-

: reputaçaõ, e principalmente por ſa da intrepidez, e valor que con- ava nos maiores perigos, e de quem taõ muitas acçoens ſingulares. Po- tanto eſte valor lhe agradou, nto foi contrariado da ſua pruden- , e dos conſelhos que elle lhe muito contrarios ao ſeu natural coſo, e impetuoſo, como ſe a pru- cia naõ deveſſe hir de acordo com alor. Para ſe desfazer d'elle com ra, mudou-lhe o deſtino com o texto da precizaõ das Indias, e o fez tir repentinamente, ſó com dois ios, e huma caravela, na má ſezaõ, em reſpeito a Ruy Lourenço de Ta- a, que tinha enviado Vice-Rei, naõ ia ainda hum anno, e que eſta nta teria matado de diſgoſto, ſe noleſtia ſe naõ anticipara.

Ann. de J. C. 1579.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei. Pela segunda vez.

O Conde d'Atouguia com tudo huma feliciſſima viagem, e che- a Goa no fim de Agoſto de 1579. ſua chegada fez tremer os inimi- da Naçaõ Portugueza. A lembran- do paſſado fez cahir as armas das ós aos que poderiaõ penſar mane- s. Teve ſómente que caſtigar, a fidia de Melique Tocar, Tanadar, ou miniſtrador da Alfandega de Dabul Idalcaõ, que no Governo pre- ce-

ANN. de J. C. 1579.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ D'ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI. PELA SEGUNDA VEZ.

cedente tinha cometido huma gran traiçaõ a respeito de alguns Officia Portuguezes das esquadras, que fazi a carreira para o Norte. Eraõ qua Capitaens, D. Jeronimo Mascarenh D. Diogo, e D. Antonio da Silvei e Francisco Pessoa. Tendo estes v do ancorar a Dabul para tomarem frescos á sombra da paz, o Tanad os recebeo muito bem, e tendo- convidado para virem a terra come sua casa, os fez degolar por traiçaõ á excepçaõ com tudo de Mascarenh que mostrou ter presentido o perig e recolheo alguns dos que escapar da conjuraçaõ. Humas das primei coisas que fez o Vice-Rei, foi env D. Pedro de Menezes para castig este traidor, e elle mesmo apertou modo o Idalcaõ, que o obrigou a zer-lhe justiça.

Chegaraõ com effeito a hum aj te, e convieraõ em que o Tanadar ria desterrado de Dabul, e do seu te ritorio. Porém pouco depois o Vi Rei, sabendo que o Tanadar estava a da no exercicio do seu cargo, esta i fracçaõ que teve por hum insulto, te do-ó porvocado, resolveo proceder p meios mais efficaces. D. Paulo de l ma Pereira, que enviou com dez N

vio

os, lhe deo ſobre iſto huma ampla isfaçaõ, tendo ido a Dabul, on- queimou dois navios do Idalcaõ, grandes deſtruiçoens nas povoaço- s ao redor, e desbaratou bem dois rſarios Malabares, que o Tanadar ti- a chamado em ſeu ſoccorro.

Ann. de J. C. 1579.

C. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei pela segunda vez.

Aconteceo entaõ huma nova re- luçaõ nos Eſtados do Idalcaõ, o qual i morto por hum moço Pagem, a em quiz fazer violencia. Elle naõ nha filhos. Hum dos ſeus ſobrinhos e ſuccedeo. Porém foi logo deſa- oſſado por hum vaſſallo rebelde, e oderoſo, que ſe ſublevou, e ſe fez enhor da Capital, e da peſſoa d'el- . A guarda Abexinia d'eſte novo Ty- no o deſpojou dos ſeus Eſtados, e vida. Os tres Chefes Abexins au- res d'eſta revolta ſe dividiraõ entre , e hum d'elles ficou Senhor. O Vi- -Rei ſe teria ſem duvida aproveita- o d'eſtas conjuncturas, ſe naõ ſe ti- eſſe matado elle meſmo em Goa pa- naõ ſobre viver ás diſgraças da ſua açaõ. Porque foi entaõ que o Rei- o de Portugal ſe vio como opprimi- o pela morte d'ElRei D. Sebaſtiaõ, ue morreo na ſua expediçaõ d'Africa, pela do Cardial Infante D. Henri- ue, que naõ tendo o Sceptro ſe naõ an-

1580. 1581.

Ann. de J. C. 1581.

anno, e meio, ſem ter tomado algu medida para ſegurar a ſucceſſaõ a ta Cora, deo lugar a Philipe ſegu do Rei de Eſpanha para ſe aſſenho ar d'ella.

D. Henrique Rei.

D. Fernando Telles de Menezes Governador.

Philipe I. de Portugal II. de Hespanha.

A noticia d'eſta grande cataſtrop ſendo enviada ás Indias pelos Rege tes do Reino, D. Fernando Tel de Menezes, que ſe julgava no e prego de Governador pelas ſucceſſ ens, alli fez reconhecer o Rei Philipe d'Auſtria em todas as praç ſem achar a menor oppoſiçaõ. Te niſto tanto maior merecimento por relaçoens particulares, e razoens f tes de ſer afecto ao Principe D. A tonio de Portugal, que diſputava e Coroa, de que ſe julgava herdeir ElRei Philipe ignorando o ſervi que Telles lhe fazia, e ſupondo Luiz d'Ataide ainda vivo, eſtava mu to inquièto ſobre a diſpoziçaõ em q eſtariaõ nas Indias a ſeu reſpeito. Ne ta inquietaçaõ he que fez partir Franciſco de Maſcarenhas, o que t nha defendido Chaul com tanta glor contra Nizamaluco, com o titulo d Vice-Rei. Honrou-o tambem com titulo de Conde de Santa Cruz, ajuntou á ſua dignidade grandes pri vilegios motivados pelo dezejo de

ad-

iirir, e da eſperança de que elle ſubmeteria as Indias. E a fim de D. Luiz d'Ataide naõ tiveſſe dificlade de lhe entregar o Governo fazia Marquez da Villa de Santa-m. Maſcarenhas quando chegou ou tudo feito. Ataide tinha hido ar das recompenças do Ceo, mais das, e menos cegas que as dos s da terra. Maſcarenhas gozou das lhe tinhaõ concedido em conſideaõ dos ſeus ſerviços futuros; e Ferdo Telles de Menezes, a quem El- d'Heſpanha devia tudo, foi deſaſado, e ficou ſem recompença: aſſim cede o mundo.

Eſta he a Epoca em que julguei er acabar eſta obra. Portugal mudo de Senhor pareceo perder tudo. zendo parte da Coroa de Eſpanha, , ſegundo dizem, de alguma ſorte a tima da politica d'eſta Monarchia, objecto da cubiça de todos os ſeus migos. O Conde Duque d'Olivares, meiro Miniſtro de Philipe IV. he ſado por alguns de ter poſto toda ua attençaõ em diminuir as forças um Eſtado, onde temiaõ ſempre ma revoluçaõ em favor dos ſeus itimos Principes, ainda que ſem ibuir eſtas intençoens preverſas a eſ-

Ann. de J. C. 1581.

PHILIPPE I. DE PORTUGAL II. DE HESPANHA.

FRANCISCO DE MASCARENHAS VICE-REI

PHILIPE III. REI.

PHILIPE IV. REI.

D. JOAÕ IV. REI.

Ann. de J. C. 1581.

D. João IV. Rei.

este Ministro, seria mais natural dize
que tendo huma muito vasta extenç
de paiz a manter contra tantas p
tencias inimigas, pôz menos cuida
em conservar o que era dos Portugu
zes, do que o que pertencia aos Ca
telhanos, bem que elle tivesse deze
de conservar tudo. Com tudo Port
gal, que antes tinha sempre estado qui
to, sem tomar parte nas guerras
Europa, se achou entaõ embaraçado
porque pertencia entaõ a huma pote
cia, que causava ciume a todas as o
tras, e que era accusada de pertend
a Monarchia universal.

As Conquistas dos Portuguez
se resentiraõ logo, e em quanto
Mogols se fizeraõ Senhores do Indo
taõ, e o poder dos Reis da Pers
hia crusando da parte da Arabia,
Inglezes, e Hollandezes começaraõ
perturbar o commercio de Africa,
a correr sobre as Colonias Portugu
zas. Os primeiros se uniraõ a Arabi
e por fim lhes fizeraõ perder Ormu
Os segundos lhe tomaraõ Malaca,
os expulsaraõ de quasi todos os se
estabelicimentos na Ilha de Ceilaõ
e nas de Sunda, ajudados pelo odi
dos naturaes do paiz, muito justamen
te irritados dos excessos dos particu
la-

s aos quaes a Corte de Portugal tinha posto em ordem.

Os Hollandezes naõ fizeraõ me- esforços para tomarem o Brasil. paiz quasi sempre desprezado de tugal, e que lhe vale hoje hum u, deve toda a obrigaçaõ da sua con- açaõ, em primeiro lugar a Ma- s d'Albuquerque, que o sustentou to tempo, contra as afectadas ne- encias do Conde Duque d'Oliva- , o qual parecia, dizem, ter-lhe rminado a perda, e em segundo ar ao incomparavel Joaõ Fernandes ira, que vendo-se abandonado de Rei D. Joaõ IV. muito occupado se sustentar em Portugal contra as as de Hespanha, depois da Revo- aõ, que restituio a Casa de Bragan- ao Trono, na pessoa d'este Princi- , declarou guerra aos Holandezes seu proprio, e privado no- , e a continuou por longo tempo tra a vontade do seu Soberano, que do-o favorecido da fortuna, reco- ceo em fim as grandes obrigaço- que lhe devia, no mesmo tempo todo o universo aplaudindo a ndeza do seu valor, a sua inven- el constancia, a sua heroica fide- de, o consideraraõ como hum dos maio-

Ann. de J. C. 1581.
PHILIPPE III. REI.
PHILIPPE IV. REI.
D. JOAÕ IV. REI.

ANN. de J. C. 1581. D. JOAÕ IV. REI.

maiores homens que a Providencia
nafcer para o bem, e honra de P
tugal.

Exaqui o que como Hiftoriador
procurei contar com toda a finceri
de poffivel. E certamente naõ ha n
guem que reflectindo fobre o que
Naçaõ Portugueza fez nas extremi
des do mundo por trabalhos imm
fos, perigos fem numero, acçoens
valor efpantofas, e algumas vezes
criveis, domando, e fubjugando N
çoens numerofas, humilhando os R
mais foberbos, e levando a toda a p
te a fé de Jefus Chrifto, com o fa
dos feus defcubrimentos, e dos f
progreffos, ella adquirio huma glor
que a ferie dos tempos nam pod
a pagar, e pela qual fe pôem a pa
ou ainda excede muito as conquif
mais celebres da antiguidade.

Fim do decimo quarto, e ultimo livro.

IN

INDEX

as coizas notaveis, que contém o I. II. III. e IV. Tom. desta Historia.

Su-

ALA-

ço-

Anes

Atai-

El-

ſe-

ciſ-

Di

no,

BE-

BOM-

e

Bri-

e

o

CA

no

Cir-

Is-

CR

D

até

E

F

Fal-

FER-

Fer-

FRAN-

FRAN-

G

Gal-

Gi-

lou-

HEN-

tu-

ro

pu-

Jsu-

M.

Ma-

ra

MEN-

ti-

te,

ver-

N.

faz-

Ni-

No-

ca

Rei

O

P.

Pe-

lha-

Q.

R

o

dos

S.

SAN-

Si-

Sol-

So-

Sou-

nor

T.

T

Pu-

TA-

V.

Vi-

Z.

fen-

Fim do Index de toda a obra.